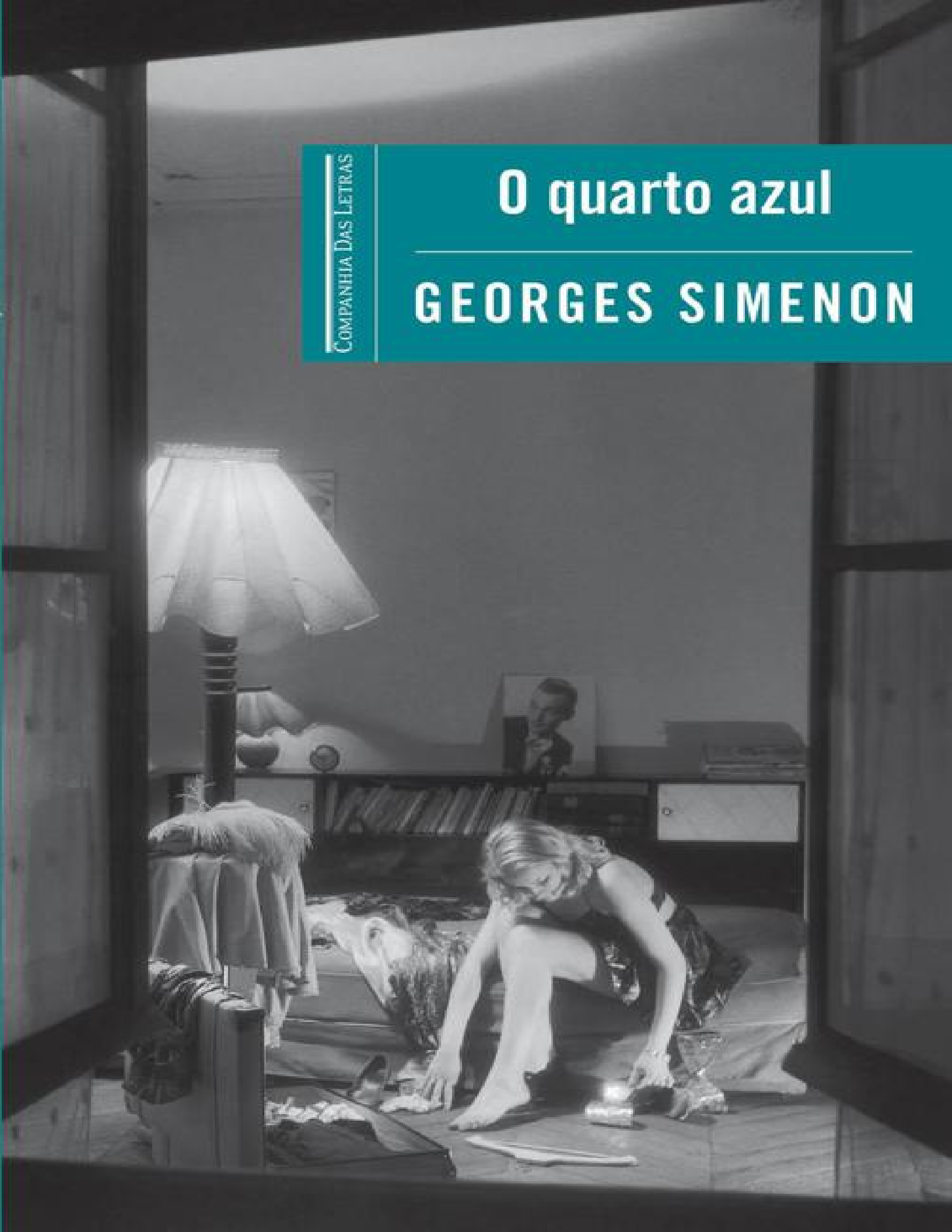


COMPANHIA DAS LETRAS

O quarto azul

GEORGES SIMENON



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

GEORGES SIMENON

O quarto azul

Tradução
André Telles



O QUARTO AZUL

1

– Machuquei você?

– Não.

– Ficou zangado?

– Não.

Era verdade. Naquele momento era tudo verdade, uma vez que ele vivia a cena em estado bruto, sem se fazer perguntas, sem tentar compreender, sem suspeitar que um dia haveria alguma coisa a ser compreendida. Não só era tudo verdade, como real: ele, o quarto, Andrée, que permanecia deitada na cama desarrumada, nua, as coxas abertas com a mancha escura do sexo, de onde escorria um fio de esperma.

Estava feliz? Se lhe houvessem perguntado isso, teria respondido sim, sem hesitar.

Não lhe passava pela cabeça ficar com raiva de Andrée por ela ter mordido seu lábio. Aquilo fazia parte de um todo, assim como o resto, e de pé, igualmente nu, no espelho do banheiro, ele dava uns tapinhas no lábio com a toalha embebida na água fria.

– Sua mulher vai fazer perguntas?

– Acho que não.

– Ela costuma fazer?

As palavras não tinham importância. Falavam pelo prazer de falar, como se fala depois do amor, o corpo ainda sensível, a cabeça um pouco vazia.

– Como suas costas são bonitas.

Algumas manchas rosadas salpicavam a toalha e, na rua, um caminhão vazio chacoalhava nos paralelepípedos. Na varanda, pessoas conversavam. Aqui e ali se distinguíam palavras, as quais não formavam frases e não queriam dizer nada.

– Você me ama, Tony?

– Acho que sim.

Zombava, porém sem sorrir, por causa do lábio inferior, que ele continuava a pressionar com a toalha.

– Não tem certeza?

Ele se voltou a fim de olhar para ela e sentiu prazer ao perceber aquele sêmen, que era o seu, tão intimamente misturado ao corpo da companheira.

O quarto era azul, um azul de alvejante, ele pensara um dia, um azul que lhe lembrava a infância, os saquinhos de pano cheios de pó azul que sua mãe dissolvia numa bacia de lavar roupa antes do último enxágue, pouco antes de ir estendê-la sobre a grama reluzente do quintal. Ele devia ter cinco ou seis anos e se perguntava que milagre fazia a cor azul branquear a roupa.

Mais tarde, muito tempo depois da morte da mãe, cujo rosto já se esfumava em sua memória, ele se perguntara também por que pessoas tão pobres como ele, que vestiam roupas cerzidas, davam tanta importância à alvura da roupa.

Pensara nisso na ocasião? Só mais tarde viria a saber. O azul do quarto não era só o azul do alvejante, como também o do céu em certas tardes quentes de agosto, um pouco antes de o poente se tingir de rosa, depois de vermelho.

Estavam em agosto. Dois de agosto. A tarde chegava ao fim. Às cinco horas, nuvens douradas, com uma leveza de clara em neve, começaram a erguer-se acima da estação ferroviária, cuja fachada branca permanecia na sombra.

– Passaria a vida inteira comigo?

Ele não tinha consciência de estar gravando as palavras. Tampouco as imagens ou cheiros. Como poderia adivinhar que iria reviver aquela cena dez, vinte vezes, mais até, sempre num estado de espírito diferente, sempre a partir de outro ângulo?

Durante meses tentaria reconstituir o mais ínfimo detalhe, nem sempre voluntariamente, mas porque outros o obrigariam.

O professor Bigot, por exemplo, psiquiatra designado pelo juiz de instrução, insistiria, atento às suas reações:

– Ela o mordida com frequência?

– Aconteceu.

– Quantas vezes?

– Ao todo, só nos encontramos oito vezes no Hôtel des Voyageurs.

– Oito vezes em um ano?

– Em onze meses... Sim, onze, uma vez que tudo começou em setembro...

– Quantas vezes ela o mordeu?

– Três ou quatro, talvez.

– Durante o ato?

– Acho que sim...

Sim... Não... Na realidade, hoje acontecera depois, quando, separado dela, continuava ao seu lado, fitando-a através dos cílios semicerrados. A luz que os envolvia o enfeitiçava.

Estava quente do lado de fora, na Place de la Gare, assim como fazia um calor vivo, que parecia respirar, no quarto fustigado em cheio pelo sol.

Ele não fechara completamente as folhas da janela, deixando uma fresta de uns vinte centímetros, de maneira que, aberta, eles ouviam os rumores da cidadezinha, uns confusos, formando uma espécie de coro distante, outros próximos e claros, bem destacados, as vozes dos fregueses da varanda, por exemplo.

Pouco antes, quando ainda se entregavam ao amor selvagem, aqueles rumores os alcançavam, formavam um todo com seus corpos, sua saliva, seu suor, o branco da barriga de Andrée e o tom mais moreno da pele dele, o raio de luz em forma de losango que dividia o quarto em dois, o azul das paredes, um reflexo móvel no espelho e o cheiro do hotel, um cheiro ainda rural, o do vinho e das aguardentes servidas na primeira sala, do ragu refogando na panela, do colchão enfim, de crina vegetal, um pouco mofado.

– Como você é bonito, Tony.

Ela repetia isso a cada encontro, sempre no momento em que permanecia deitada e ele ia e vinha no quarto, vasculhando no bolso da calça atirada numa cadeira de fundo de palha para pegar seus cigarros.

– Ainda está sangrando?

– Parou praticamente.

– O que dirá se ela perguntar?

Ele dava de ombros, não entendia por que ela cismava com aquilo. Para ele, no momento, nada tinha importância. Sentia-se bem, em harmonia com o universo.

– Direi que bati... No para-brisa do carro, por exemplo, uma freada brusca...

Acendia seu cigarro, que tinha um gosto especial. Quando reconstituísse aquele encontro, se lembraria de outro cheiro, o dos trens, que era possível isolar dos demais. Um trem de carga manobrava atrás das construções em baixa velocidade e sua locomotiva às vezes apitava brevemente.

O professor Bigot, que era ruivo, baixo e magro, com espessas sobrelhas rebeldes, insistiria:

– Não lhe ocorreu que ela o mordida de propósito?

– Por quê?

Mais tarde, o dr. Demarié, seu advogado, voltaria ao trabalho.

– Penso que podemos tirar partido dessas mordidas...

Mais uma vez, como poderia ter pensado naquilo quando estava ocupado exclusivamente em viver? Pensava em alguma outra coisa? Em caso afirmativo, era à sua revelia. Respondia a Andrée sem refletir, da boca para fora, num tom leviano, animado, persuadido de que as palavras que lançava não tinham peso algum e, com mais forte razão, de que não iam perpetuar-se.

Uma tarde, era seu terceiro ou quarto encontro, após elogiar sua beleza, Andrée acrescentara:

– Você é tão bonito que eu gostaria de fazer amor com você na frente de todo mundo, no meio da Place de la Gare.

Ele rira, sem no entanto ficar muito surpreso. Não lhe desagradava, quando se amavam, manter certo contato com o mundo exterior, com os barulhos, as vozes, a vibração da luz, e até com os passos na calçada, com o tilintar dos copos nas mesinhas do terraço.

Um dia, uma banda passara e eles haviam se divertido em ritmar seus movimentos de acordo com a música. Outra vez, quando uma tempestade desabara, Andrée fizera questão de que ele escancarasse a janela e as folhas.

Aquilo não era uma brincadeira? Em todo caso, não vira malícia no fato. Ela estava nua, deitada atravessada na cama numa pose propositadamente obscena. Fazia questão, assim que transpunham a porta do quarto, de mostrar-se o mais devassa possível.

Quando acabavam de se despir, ela costumava murmurar com uma falsa inocência inequívoca, que fazia parte da brincadeira:

– Estou com sede. Você não?

– Não.

– Daqui a pouco ficará. Então toque para chamar a Françoise e peça algo para beber...

Françoise, a garçonete, tinha cerca de trinta anos e servia em bares e hotéis desde os quinze, de maneira que não se admirava com nada.

– Sim, sr. Tony.

Ela dizia sr. Tony porque ele era irmão de seu patrão, Vincent Falcone, cujo nome estava pintado na fachada e cuja voz se ouvia na varanda.

– Nunca se perguntou se ela não agia assim com um objetivo predeterminado?

O que ele vivia, meia hora, se tanto, alguns minutos de sua existência, seria decomposto em imagens e sons escandidos, passado na lupa, não só pelos outros, mas por ele também.

Andrée era alta. Na cama, não parecia, mas tinha três ou quatro centímetros a mais que ele. Embora fosse da região, tinha os cabelos castanhos, quase negros, de meridional ou italiana, contrastando com uma pele branca e lisa, que refletia na luz. Seu corpo era um pouco pesado, suas formas, cheias, e sua carne, sobretudo seios e coxas, tinham uma rigidez reluzente.

Aos trinta e três anos, ele conhecera muitas mulheres. Nenhuma lhe havia proporcionado tanto prazer como ela, um prazer total, animal, sem subterfúgios, ao qual não sucedia nem repulsa, nem embaraço, nem lassidão.

Ao contrário! Após duas horas dedicadas a obter o máximo de gozo de seus corpos, permaneciam ambos nus, prolongando a intimidade carnal, saboreando a harmonia estabelecida não só entre eles, mas com tudo que os cercava.

Tudo contava. Tudo tinha seu lugar num universo vibrante, até mesmo a mosca pousada na barriga de Andrée, que esta observava com um sorriso saciado.

– Passaria mesmo a vida inteira ao meu lado?

– Claro...

– Tem tanta certeza assim? Não ficaria com um pouco de medo?

– Medo de quê?

– Imagina como seriam nossos dias?

Essas palavras, tão banais aquele dia, voltariam ameaçadoras dentro de poucos meses.

– A gente acabaria se acostumando – ele murmurava, sem refletir.

– Com o quê?

– Um ao outro.

Ele era puro, inocente. Vivia o aqui e o agora. Um macho vigoroso e uma fêmea fogosa acabavam de se inebriar consigo mesmos e, se Tony ainda sentia o corte no lábio, era uma dorzinha saudável e gostosa.

– Ei! Olha o trem...

Não era ele quem falava. Era seu irmão, do lado de fora. Nem por isso as palavras deixaram de impressionar Tony, que mecanicamente se dirigiu à janela, postando-se na fresta de luz ardente entre as folhas de madeira.

Será que o viam do lado de fora? Não se preocupava com isso. Com certeza não, pois do exterior o quarto devia parecer às escuras e, como estavam no primeiro andar, só o seu tronco era visível.

– Quando penso em todos os anos que perdi por sua culpa.

– Minha? – ele repetia alegremente.

– Quem foi embora? Eu?

Quando tinham seis anos de idade, iam à escola juntos. Tiveram que esperar os trinta e estarem casados, cada um de seu lado...

– Seja sincero, Tony, se eu ficasse livre...

Ele escutava? O trem, invisível atrás do prédio branco da estação, parara, e passageiros começavam a sair pela porta da

direita, onde um funcionário em uniforme recolhia as passagens.

– Você ficaria livre também?

Antes de partir novamente, a locomotiva apitara tão alto que não se ouviu mais nada.

– O quê?

– Perguntei se, nesse caso...

Ele voltara um pouco a cabeça para o azul do quarto e o branco da cama e do corpo de Andrée, mas uma imagem, no limiar de seu campo visual, atraía novamente seu olhar para fora. Entre os vultos anônimos, homens, mulheres, um bebê no colo da mãe, uma garotinha que puxavam pela mão, ele acabava de reconhecer um rosto.

– Seu marido...

Numa fração de segundo, Tony mudara de expressão.

– Nicolas?

– Sim...

– Onde ele está? O que está fazendo?

– Atravessando a praça.

– Vem para cá?

– Direto.

– Como está a cara dele?

– Não sei. Está de costas para o sol.

– Aonde você vai?

Pois ele juntava roupas, cueca, sapatos.

– Não posso ficar aqui... Contanto que ele não nos encontre juntos.

Ele não olhava mais para ela, não se preocupava mais com ela, nem com seu corpo nem com o que poderia dizer ou pensar. Em pânico, dava uma última espiada pela janela e debandava do quarto.

Se Nicolas pegara o trem para vir a Triant, quando a mulher se encontrava lá, era por um motivo sério.

Na escada de degraus carcomidos, a penumbra era mais fresca e Tony, com as roupas no braço, subiu um andar e, no fundo do corredor, encontrou uma porta entreaberta. Françoise, de vestido preto e avental branco, trocava os lençóis de uma cama. Ela o mirou da cabeça aos pés e desatou a rir.

– Oh, sr. Tony! Brigaram?

– Psiu...

– O que está havendo?

– O marido...

– Flagrou vocês dois?

– Ainda não... Está vindo para o hotel.

E voltou a se vestir freneticamente, esticando os ouvidos, esperando reconhecer o passo frouxo de Nicolas na escada.

– Vá verificar o que ele está fazendo e volte depressa para me contar.

Tinha afeição por Françoise, uma moça forte, determinada, com olhos risonhos, e ela retribuía.

Parte do teto era inclinada, o papel de parede estampava flores cor-de-rosa e um crucifixo negro abençoava a cama de nogueira. No quarto azul também havia um crucifixo, menor, pendurado na chaminé da lareira.

Ele estava sem gravata e deixara o paletó no carro. As precauções que ele e Andrée haviam se imposto um ano antes se verificavam subitamente úteis.

Quando se encontravam no Hôtel des Voyageurs, Tony deixava sua caminhonete na velha e calma Rue des Saules, paralela à Rue Gambetta, enquanto Andrée estacionava seu

carro 2 CV cinza na Place du Marché, a mais de trezentos metros.

Pela janela do sótão, ele descortinava o pátio do hotel, tendo, ao fundo, a estrebaria, onde ciscavam algumas galinhas. Todas as terceiras segundas-feiras do mês realizava-se uma feira de gado em frente ao entreposto das remessas, e muitos camponeses das redondezas continuavam a vir a Triant em carroça.

Françoise voltava sem pressa.

– Então?

– Está sentado na varanda e acaba de pedir uma limonada.

– Como está a cara dele?

Fazia quase as mesmas perguntas que Andrée ainda há pouco.

– Está sem expressão.

– Perguntou pela mulher?

– Não. Mas, de onde está, pode vigiar as duas saídas.

– Meu irmão não falou nada?

– Para você fugir pelos fundos, atravessando o pátio da oficina ao lado.

Ele conhecia o caminho. Saltando um muro de um metro e meio no pátio, alcançaria os fundos da Garage Chéron, cujas bombas de combustível se alinhavam na Place de la Gare e, de lá, um beco dava acesso à Rue des Saules, entre uma farmácia e a Boulangerie Patin.

– Não sabe o que ela está fazendo?

– Não.

– Ouviu barulho no quarto?

– Não escutei.

Françoise não gostava de Andrée, talvez porque tivesse uma quedinha por ele e fosse ciumenta.

– Melhor não passar pelo saguão, ele pode querer ir ao banheiro.

Ele imaginava Nicolas, a tez biliosa, o rosto sempre triste ou taciturno, sentado na varanda diante de uma limonada, quando deveria estar atrás do balcão de sua mercearia. Teria pedido à mãe para que ela o substituísse enquanto ele ia a Triant? Que desculpa lhe dera para aquela viagem inusitada? O que ele sabia? Quem o informara?

– Nunca pensou, sr. Falcone, na possibilidade de uma carta anônima?

A pergunta era feita pelo dr. Diem, o juiz de instrução a quem sua timidez tanto desconcertava.

– Ninguém, em Saint-Justin, sabia do nosso caso. Tampouco em Triant, à exceção de meu irmão, minha cunhada e Françoise. Tomávamos todas as precauções. Ela entrava pela portinhola da Rue Gambetta, que fica ao pé da escada, o que lhe permitia subir ao quarto sem passar pelo café.

– E confia plenamente no seu irmão, suponho?

Ele não podia senão sorrir diante de tal pergunta. Seu irmão era como se fosse ele mesmo.

– Na sua cunhada também?

Lucia o amava tanto quanto a Vincent, de outra maneira, é claro. Era, como eles, de origem italiana, e a família vinha em primeiro lugar.

– A garçonete?

Mesmo estando apaixonada por Tony, Françoise nunca enviaria uma carta anônima.

– Falta alguém... – murmurara o dr. Diem, desviando a cabeça, enquanto o sol brincava em seus cabelos desgrenhados.

– Quem?

– Não vê? Lembre-se das frases que repetiu para mim por ocasião de seu último interrogatório. Quer que o escrivão as releia?

Ele corava, balançava a cabeça.

– Não é possível que Andrée...

– Por que não?

Mas isso ainda estava longe. Por enquanto, ele descia a escada atrás de Françoise, tomando cuidado para não fazer os degraus rangerem. O Hôtel des Voyageurs era do tempo das diligências. Tony parara um instante em frente ao quarto azul, onde não ouviu nenhum som. Deduzira que Andrée, ainda nua, continuava deitada na cama.

Françoise o arrastava para o fundo do corredor, que fazia um cotovelo, e apontava para uma pequena janela aberta no teto descaído de um galpão.

– Há um monte de palha à direita. Pode pular, não há perigo.

As galinhas cacarejaram quando seus pés bateram no chão do pátio e, no instante seguinte, ele pulava o muro dos fundos e se via em meio à parafernália de carros velhos e peças avulsas. Um frentista de branco enchia o tanque de um carro diante da estação ferroviária e não se virou.

Tony esgueirou-se, encontrou o beco, que cheirava a água podre, depois, mais adiante, a pão quente, pois um respiradouro dava para o forno da padaria.

Finalmente, na Rua des Saules, instalava-se ao volante de sua caminhonete, que estampava em letras pretas num fundo limão:

Antoine Falcone

Tratores — Máquinas agrícolas

Saint-Justin-du-Loup

Quinze minutos antes, sentia-se em paz com o mundo inteiro. Como definir o mal-estar que se apoderara dele? Não era medo. Estava acima de qualquer suspeita.

– Não ficou nervoso ao vê-lo sair da estação?

Sim... Não... Um pouco, por conta do caráter e dos hábitos de Nicolas, de sua saúde, que inspirava tantos cuidados.

Contornara em Triant para se dirigir à estrada de Saint-Justin, sem passar pela Place de la Gare. Perto de uma ponte sobre o Orneau, uma família inteira pescava. Inclusive uma garotinha de seis anos, que acabava de fisgar um peixe e não sabia como tirá-lo do anzol. Certamente parisienses. No verão, eram vistos por toda parte; no estabelecimento de seu irmão também, e, do quarto azul, um pouco antes, reconhecera seu sotaque na varanda.

A estrada atravessava lavouras, onde o trigo fora colhido há quinze dias, vinhedos, campos onde pastavam as vacas da região, baias, focinho quase negro.

Saint-Séverin, a três quilômetros dali, não passava de uma rua tacanha, com algumas chácaras espalhadas no entorno. Depois, à direita, ele viu o pequeno bosque que chamavam de Bois de Sarelle, por causa do nome dessa aldeia, onde ele se escondia.

Havia sido ali, a poucos metros do caminho de terra batida, que em setembro do ano anterior tudo começara.

– Conte-me o início do relacionamento de vocês...

O sargento da guarda de Triant, primeiro, depois o tenente, depois o inspetor da polícia judiciária de Poitiers, todos lhe haviam feito as mesmas perguntas antes de o inquérito chegar ao juiz Diem, ao psiquiatra magro, ao seu advogado, o dr. Demarié, para terminar um dia no presidente do júri.

As mesmas palavras se repetiam ao longo das semanas e meses, pronunciadas por outras vozes, em novos cenários, enquanto a primavera, o verão e depois o outono aconteciam.

– O início de verdade? Nos conhecemos desde os três anos de idade, uma vez que morávamos no mesmo vilarejo e fomos à escola e fizemos a primeira comunhão juntos...

– Falo de suas relações sexuais com Andrée Despierre... Já havia acontecido antes?

– Antes de quê?

– Antes de ela se casar com seu amigo.

– Nicolas não era meu amigo.

– Seu conhecido ou, caso prefira, colega de classe. O sobrenome dela era Formier na época em que morava no castelo com a mãe.

Não era um castelo de verdade. Existira um, antigamente, naquele local, colado à igreja, mas restavam apenas as dependências dos empregados. No último século e meio, sem dúvida desde a Revolução, continuariam a chamar de castelo.

– Aconteceu, antes do casamento dela?

– Não, senhor juiz.

– Nem sequer um flerte? Não a tinha beijado?

– Isso não me passaria pela cabeça.

– Por quê?

Ele quase respondeu:

– Ela era alta demais.

E era verdade. Nunca associara ao amor aquela moça esguia e impassível que lhe evocava uma estátua.

Além disso, ela era a srta. Formier, filha do dr. Formier, morto no exílio. A explicação era suficiente? Ele não via outra. Ela e ele não se situavam no mesmo plano.

Quando saíam da escola, com a mala nas costas, ela só tinha o pátio a atravessar para chegar em casa, no centro da vila, enquanto ele, com dois colegas, pegava o caminho de La Boisselle, uma aldeola com três chaminés, perto da ponte do Orneau.

– Quando, há quatro anos, o senhor voltou a Saint-Justin, casado e pai de família, e construiu sua casa, restabeleceu contato com ela?

– Ela estava casada com Nicolas e tocava a mercearia junto com ele. Uma vez ou outra entrei para uma comprinha, mas em geral era minha mulher que...

– Conte agora como começou.

No lugar por onde ele passava, justamente, na orla do Bois de Sarelle. Não era dia de feira em Triant, nem do mercado grande. O mercado acontece todas as segundas-feiras, o pequeno, às sextas. Ele costumava ir regularmente, pois era uma maneira de encontrar sua clientela.

Nicolas não dirigia, por causa de suas crises, o juiz sabia. Era Andrée que, todas as quintas-feiras, ia a Triant com o 2 CV para fazer compras nas casas de atacado e semiatacado.

Uma semana sim, outra não, ela passava o dia na cidade, pois aproveitava para ir ao cabeleireiro.

– Em quatro anos, deve tê-la encontrado com frequência...

– Um punhado de vezes, sim. Sempre encontramos gente de Saint-Justin em Triant.

– Dirigia-lhe a palavra?

– Cumprimentava-a.

– De longe?

– De longe, de perto, dependia...

– Não havia outro tipo de contato entre vocês?

– Deve ter me acontecido de perguntar como seu marido ou ela iam passando.

– Sem nenhum interesse por ela?

– Como assim?

– Do inquérito, deduz-se que, durante suas andanças profissionais, o senhor colecionava certo número de aventuras femininas.

– Acontece com todo mundo.

– Com frequência?

– Todas as vezes em que a ocasião se apresentou.

- Por exemplo, com Françoise, a garçonete do seu irmão?
- Uma vez. Por diversão. Foi mais uma brincadeira.
- Como assim?
- Ela me desafiou, não me lembro mais a respeito de que, e um dia, cruzando com ela na escada...
- Foi na escada que aconteceu?
- Sim.

Por que ele o olhava ora como um monstro cínico, ora como um prodígio de candura?

- Nem eu nem ela levamos aquilo a sério.
- Nem por isso deixaram de se falar?
- Claro que não.
- Nunca teve vontade de repetir?
- Não.
- Por quê?
- Porque logo em seguida houve Andrée.
- A garçonete do seu irmão não ficou magoada com o senhor?
- Por que motivo?

Como a vida é diferente quando a vivemos e quando a dissecamos a posteriori! Ele acabava por se deixar perturbar pelos sentimentos que lhe imputavam, por não distinguir mais o verdadeiro do falso, por se perguntar onde terminava o bem e onde começava o mal.

Aquele encontro de setembro, por exemplo! Uma quinta-feira, seguindo toda probabilidade, uma vez que Andrée fora a Triant. Ela decerto se atrasara, no cabeleireiro ou outro canto, pois voltava mais tarde que de costume, quando já anoitecia.

Quanto a ele, vira-se obrigado a beber vários copos de vinho regional com clientes. Bebia o mínimo possível, mas sua profissão nem sempre lhe permitia recusar uma rodada.

Estava alegre, leve, como ainda há pouco no quarto azul, quando em pé, nu em pelo diante do espelho, estancava o

sangue do lábio.

Acabava de acender os faróis no crepúsculo quando percebeu o 2 CV cinza de Andrée na beira da estrada e a própria Andrée, de vestido claro, lhe acenando para parar.

Muito naturalmente, ele freara.

– Que sorte você passar, Tony...

Mais tarde lhe perguntariam, como se fosse uma acusação contra ele:

– Já se tratavam por “você”?

– Desde a escola, claro.

– Continue.

Afinal, o que o juiz poderia estar anotando na folha datilografada disposta à sua frente?

– Ela me disse: “Na única vez em que deixo o macaco em casa, o pneu do carro fura... Por acaso tem um macaco?”.

Não fora preciso nem tirar o paletó, pois ainda fazia calor e ele não o vestira. Lembrava-se de que sua camisa de gola aberta tinha mangas curtas e a calça era de brim azul.

O que lhe restava fazer senão trocar o pneu?

– Você tem um estepe?

Enquanto ele trabalhava, escurecera completamente e Andrée, em pé ao seu lado, lhe passava as ferramentas.

– Vai se atrasar para o seu jantar.

– Isso é muito comum na minha profissão.

– Sua mulher não fala nada?

– Ela sabe que a culpa não é minha.

– Conheceu-a em Paris?

– Em Poitiers.

– Ela é de Poitiers?

– De um lugarejo ali perto. Ela trabalhava na cidade.

– Gosta das louras, não é?

Gisèle era loura, com uma pele fina, diáfana, que se tingia de rosa à menor emoção.

– Não sei. Nunca pensei nisso.

– Sempre achei que você tivesse medo das morenas.

– Por quê?

– Porque no colégio beijou quase todas as garotas do vilarejo, menos eu.

– Engraçado, não tinha pensado nisso.

Ele brincava, limpava as mãos no seu lenço.

– Quer experimentar me beijar, só uma vezinha?

Ele olhara para ela com espanto, tentando a repetir seu: “Por quê?”.

Não a via direito no escuro.

– Quer? – ela repetira, com uma voz que ele mal reconheceria.

Lembrava-se das lanternas vermelhas na traseira do carro, do perfume das castanheiras, depois do cheiro, do gosto da boca de Andrée. Os lábios pressionando os seus, ela agarrando-lhe a mão e levando-a ao seio, que ele se admirava de encontrar tão desenvolvido, tão pesado, tão arfante.

Ele, que a tomara por uma estátua!

Um caminhão se aproximava e, para se esquivar de seus faróis, eles haviam recuado, sempre grudados um no outro, descendo as margens da estrada, onde se erguiam as primeiras árvores. Ali, subitamente, Andrée fora tomada por um tremor incontido, como ele jamais vira numa parceira, e repetia, arrastando-o com todo o seu peso:

– Você quer?

Viram-se no solo, no capinzal, nas urtigas.

Não contou isso nem aos policiais nem ao juiz. O professor Bigot, só ele, o psiquiatra, lhe arrancara parte da verdade: fora ela que se arregaçara até o ventre, que tirara o sutiã, que lhe ordenara com uma voz gutural, semelhante a um estertor:

– Possua-me, Tony!

No fim das contas, ela é que o havia possuído e seus olhos exprimiam um misto de triunfo e paixão.

– Eu não imaginava que ela fosse assim.

– Como?

– Julgava-a uma garota fria, inacessível, como a mãe.

– Ela não ficou envergonhada, depois?

Ela lhe dissera, deitada na grama, imóvel, com as pernas abertas, como aquela tarde no quarto de hotel:

– Obrigada, Tony.

Parecia pensar isso. Mostrava-se humilde, quase uma garotinha.

– Fazia tempo que eu tinha vontade, imagine só! Desde a escola. Lembra a Linette Pichat, aquela que era vesga e que nem por isso você deixou de cortejar meses a fio?

Agora ela era professora primária na Vendaia e todo ano vinha passar as férias na casa dos pais.

– Flagrei vocês juntos, uma vez. Você devia ter catorze anos.

– Atrás da olaria?

– Não esqueceu?

Ele rira.

– Não esqueci porque era a primeira vez.

– Dela também?

– Não faço ideia. Eu não tinha experiência suficiente para notar.

– Eu a odiava! Durante meses, à noite, na cama, me perguntava como poderia fazê-la sofrer.

– Conseguiu?

– Não. Limitei-me a rezar para que ela ficasse doente ou um acidente a desfigurasse.

– Acho melhor voltarmos para Saint-Justin.

– Só mais um instante, Tony! Não! Não se levante. Precisamos dar um jeito de nos encontrar sem ser na beira da estrada. Todas as quintas-feiras eu vou a Triant.

– Eu sei.

– Talvez seu irmão...

O juiz devia concluir:

– Em suma, combinaram tudo naquela mesma tarde?

Difícil saber se falava com ironia ou não.

No dia 2 de agosto, o juiz ainda não existia na vida de Tony. Ele voltava para casa. Ainda não escurecera, como em setembro. Só agora o céu começava a avermelhar, no oeste, e ele foi obrigado a seguir um bom tempo um rebanho de vacas até conseguir ultrapassá-lo.

Um vilarejo numa depressão do terreno: Doncoeur. Depois um litoral suave, mais plantações, pastagens, um céu vasto e, atravessando um mata-burro, a visão de sua casa tinindo de nova, os tijolos cor-de-rosa, um reflexo de sol numa vidraça, sua filha Marianne sentada na soleira da porta e, atrás, no fim do terreno, o hangar prateado no qual seu nome se estampava como na caminhonete e onde se alinhavam as máquinas agrícolas.

De longe, Marianne reconhecera o automóvel e, voltando-se para a porta, anunciara:

– É o papá!

Recusava-se a dizer papai como as outras crianças e às vezes, de brincadeira, talvez também por ciúmes da mãe, acontecia-lhe chamá-lo de Tony.

2

Sua casa se erguia à esquerda, no meio da encosta, rodeada por um quintal e separada por um pasto da casa das irmãs Molard, velha e cinza, com telhado de ardósia; depois, vinha a fundição e, ao fundo, cem metros adiante, o vilarejo com ruas de verdade, fachadas que se tocavam, pequenos cafés, lojas. As pessoas da região não gostavam da palavra vilarejo e diziam vila, uma grande vila de mil e seiscentos habitantes, afora os três distritos em sua jurisdição.

– Brigou, papá?

Esquecera-se da mordida de Andrée.

– Seu beijo está todo inchado.

– Dei um esbarrão.

– Em quê?

– Num poste, na rua, em Triant. É o que acontece quando a gente não olha pra frente.

– Mamãe! Papá deu um encontrão num poste...

Sua mulher, num avental xadrez, saiu da cozinha com uma panela na mão.

– Verdade, Tony?

– Não foi nada, pode ver.

Mãe e filha eram tão parecidas, quando estavam lado a lado, que ele chegava a sentir certo desconforto.

– Não sentiu muito calor?

– Só um pouco. Agora preciso terminar um trabalho no escritório.

– Podemos comer às seis e meia?

– Espero que sim.

Jantavam cedo por causa de Marianne, a quem punham na cama às oito horas e que também usava um avental xadrez azul. Ela acabara de perder dois dentes de leite, da frente, e aqueles dois buracos lhe davam uma expressão quase patética. Por algumas semanas, ficou parecendo uma criança e uma velhinha ao mesmo tempo.

– Posso ir com você, papá? Prometo não fazer barulho.

O escritório, com suas caixas de papelão verdes e suas pilhas de prospectos nas prateleiras de madeira branca, dava para a estrada, e Tony estava ansioso para ver o 2 CV passar.

Ao lado, ficava o que o arquiteto chamava de living, o maior cômodo da casa, concebido ao mesmo tempo como sala de jantar e de visitas.

Logo na primeira semana, haviam chegado à conclusão de que não era prático para Gisèle ir e vir com as travessas e sair da mesa para vigiar as panelas, e terminaram por comer na cozinha.

Ela era alta e alegre. A área contígua à cozinha servia para lavar e passar roupa. Tudo era bem planejado, de uma limpeza notável, nunca em desordem.

– Sua mulher, pelo que me diz, é uma excelente dona de casa?

– Sim, sr. juiz.

– Foi o que o levou a se casar com ela?

– Quando casei com ela, ignorava isso.

Houve três fases, na realidade, quando não quatro. A primeira em Saint-Justin, em sua casa, quando o sargento da guarda e depois o tenente o assediavam com perguntas incompreensíveis para ele. Mais tarde, foi a vez do inspetor

Mani, que, em Poitiers, citava datas, confrontava horários, reconstituía suas idas e vindas.

A maneira de pensar de Tony não lhes interessava, principalmente aos guardas, quer dizer, estes não se admiravam com nada, uma vez que suas vidas privadas eram bastante semelhantes à dele.

Com o juiz Diem, depois com o psiquiatra, até mesmo com seu advogado, tudo iria mudar. Quando comparecia perante o juiz de instrução, por exemplo, Tony deixava a prisão, no camburão que o levaria de volta, enquanto o magistrado ia almoçar ou jantar em casa.

Era Diem quem mais o perturbava, talvez porque ambos tivessem mais ou menos a mesma idade. O juiz era um ano mais moço que ele e se casara havia dezoito meses. Sua mulher acabava de ter o primeiro bebê. O pai do juiz, que não tinha fortuna, trabalhava como chefe de repartição na Segurança Social, e Diem se casara com uma datilógrafa. Moravam num apartamento modesto, três cômodos e cozinha, no bairro novo.

Não deveriam ter se entendido?

– Do que exatamente o senhor teve medo naquela noite?

O que responder? De tudo. De nada em especial. Nicolas não pegara o trem e entregara a loja à mãe sem uma razão grave. Não se deslocara até Triant só para se sentar a uma mesa na varanda do Hôtel des Voyageurs e tomar uma limonada.

Quando Tony partira, Andrée continuava nua, na cama do quarto azul, e não manifestava nenhuma intenção de sair dali.

– Classificaria Nicolas como um homem violento?

– Não.

Era, contudo, um doente, que desde a infância vivia emparedado.

– O senhor perguntou, em Triant, se ele estava armado?

Não tinha pensado nisso.

– Temia pelo seu casamento?

Não conseguiam, Diem e ele, colocar-se no mesmo terreno, empregar palavras com sentido idêntico para ambos. Subsistia sempre uma espécie de defasagem.

Ele fingia trabalhar, com uma pilha de faturas à frente, lápis na mão, às vezes desenhando, para dar verossimilhança, uma cruz inútil ao lado de um algarismo.

A filha, sentada a seus pés, brincava com um carrinho ao qual faltava uma roda. Ele via a roda, a uns vinte metros, do outro lado do gramado e da cancela branca, depois, na várzea de um pasto, os fundos das casas do vilarejo, os quintais, os jardinzinhos onde floriam dalias. Em algum lugar, o amarelo e o cerne negro de um enorme sol contrastava com um muro pardacento, próximo a um barril.

Ao entrar em casa, ele olhara mecanicamente para o despertador, que marcava quinze para as seis. Às seis e vinte, Gisèle veio lhe perguntar:

– Posso servir como sempre?

– Daqui a pouco, por favor. Quero terminar antes do jantar.

– Estou com fome, papá!

– Não vai demorar, queridinha. Se eu demorar muito, pode ir para a mesa com a mamãe.

Foi em torno desse momento que se sentiu invadido por um pânico que não sentira horas antes, quando, com as roupas na mão, se refugiava no segundo andar do hotel. Uma angústia física, um espasmo no peito, um súbito frenesi, que o obrigou a se levantar e se postar diante da janela.

Quando acendeu um cigarro, sua mão tremia. Sentia as pernas bambas.

Pressentimento? Discutiu o assunto com o psiquiatra, ou melhor, o professor Bigot induziu-o a falar.

– Isso nunca lhe acontecera antes?

– Não. Nem quando, por milagre, escapei ileso de um acidente de carro. E note que, daquela vez, ao me ver sem um arranhão, sentado no meio de uma plantação, comecei a chorar.

– Tinha medo de Nicolas?

– Ele sempre me impressionou.

– Desde a escola?

Por sorte, quando o ponteiro do relógio ainda não completara a meia hora, o 2 CV apareceu no alto da encosta. Com Andrée ao volante e o marido a seu lado, passou em frente à casa, mas nenhum dos dois desviou os olhos para lá.

– Quando quiser, Gisèle.

– Então está na mesa. Vá lavar as mãos, Marianne.

Jantaram como nas outras noites: sopa, uma omelete de presunto, salada, um camembert e damascos de sobremesa.

Sob as janelas, estendia-se a horta, da qual ambos cuidavam, sua mulher e ele, e onde Marianne, de cócoras, passava horas arrancando mato.

As vagens trepadeiras haviam alcançado o topo das estacas. Atrás do aramado do galinheiro ciscavam umas quinze galinhas brancas, legorne, e entreviam-se coelhos na penumbra da coelheira.

O dia parecia terminar como um dia qualquer de verão. Um ar tépido penetrava pela janela aberta, às vezes uma lufada mais fria. O ferrador de cavalos, o gordo Didier, ainda malhava em sua bigorna. A natureza estava calma e se imobilizava lentamente para a noite.

As perguntas do professor Bigot eram quase sempre inesperadas.

– Teve a impressão de perdê-la nessa noite?

– Quem? Andrée?

Estava surpreso, isso não lhe passara pela cabeça.

– Fazia onze meses que vocês viviam o que não exagero em chamar de uma grande paixão...

Aquela palavra não lhe ocorrera. Desejava Andrée. Bastava uns dias sem ela para que se visse atormentado pela recordação das horas tumultuosas e ardentes que tinham vivido, pela recordação de seu cheiro, de seus seios, de seu ventre, de seu despudor. Acontecia-lhe, deitado ao lado de Gisèle, passar horas sem pregar os olhos, assediado por sonhos fantásticos.

– O que acha de irmos ao cinema?

– Que dia é hoje?

– Quinta-feira.

Gisèle ficara um pouco surpresa. Em geral iam ao cinema uma vez por semana, em Triant, que ficava a apenas doze quilômetros.

Nas outras noites, Tony trabalhava em seu escritório enquanto a mulher lavava a louça e depois vinha costurar ou cerzir meias ao seu lado. De vez em quando interrompiam o que estavam fazendo para trocar algumas frases, quase sempre a respeito de Marianne, que em outubro entraria na escola.

Mais raramente sentavam-se do lado de fora, de costas para a casa, e assistiam ao cair da noite, com o luar refletindo nos telhados cinza e vermelhos e na massa escura das árvores, cujas folhas mal farfalhavam.

– O que está passando?

– Um filme americano. Vi o cartaz, não lembro o título.

– Por mim, tudo bem. Vou avisar as Molard.

Quando saíam à noite, uma ou as duas irmãs Molard vinham cuidar de Marianne. A mais velha, Léonore, tinha trinta e sete ou trinta e oito anos; Marthe era um pouco mais moça. Na verdade, pareciam não ter idade e decerto ficariam para titia sem que ninguém notasse.

Ambas tinham o rosto redondo, em forma de lua, as feições parecendo engomadas, e usavam vestidos iguais, sapatos iguais, chapéus iguais, como costuma acontecer com gêmeas.

Quase sempre eram as únicas fiéis na missa das sete, na qual comungavam diariamente, e não perdiam nem as vésperas nem a bênção. Eram elas que ajudavam o padre Louvette a tocar a igreja, colocando flores nos altares, fazendo a manutenção do cemitério, bem como velavam os moribundos e procediam à higiene dos defuntos.

Eram costureiras e podiam ser vistas, da calçada de sua casa, cozendo atrás da janela, na qual cochilava um gato gordo cor de café com leite.

Marianne não gostava delas.

– Elas cheiram mal – dizia.

Espalhavam, é bem verdade, um cheiro singular, a meio caminho entre o que respiramos nas lojas de tecidos e o que inalamos nas igrejas, bem como um relento de quarto de doente.

– Elas são feias!

– Se elas não viessem lhe fazer companhia, ficaria sozinha em casa.

– Não tenho medo.

Gisèle sorria, um sorriso bem dela, sutil, mal movendo os lábios, como se procurasse reprimi-lo.

– Atribui essa atitude à discrição?

– Sim, senhor juiz.

– O que entende por isso? A faculdade de guardar um segredo?

As palavras de novo!

– Não é o que tenho na cabeça. Ela não gostava de ser notada. Temia parecer espaçosa, incomodar as pessoas, pedir um favor.

– Adolescente já era assim?

– Creio que sim. Por exemplo, saindo do cinema ou de um baile, para não me gerar uma despesa, ela não sugeria que fôssemos beber alguma coisa.

– Tinha amigas?

– Só uma, uma vizinha mais velha com quem dava longos passeios.

– O que o seduziu nela?

– Não sei. Não me perguntei.

– Julgava-a um porto seguro?

Tony olhava fixamente para o rosto do juiz, procurando compreender.

– Achei que ela daria...

Procurava em vão a palavra.

– Uma boa esposa?

Não era bem isso, mas se resignava a concordar.

– Amava-a?

E quando ele se calava:

– Tinha vontade de ir para a cama com ela? Fez isso antes do casamento?

– Não.

– Não a desejava?

Sem dúvida que sim, uma vez que se casara com ela.

– E ela? Acha que o amava ou só estava interessada em se casar?

– Não sei. Acho...

O que o juiz teria respondido se ele lhe fizesse a mesma pergunta? Eles formavam uma boa dupla, só isso. Gisèle era asseada, dinâmica, apagada, e se adaptara muito bem à casa nova.

À noite, ficava satisfeito de voltar para casa e, até conhecer Andrée, não tivera nenhuma grande aventura, o que não significava que refugava ante uma oportunidade.

– Afirma nunca lhe ter ocorrido a ideia de se divorciar?

– É a verdade.

– Tampouco nos últimos meses?

– Em momento algum.

– No entanto, o senhor disse à sua amante...

Então de repente ele subia o tom, chegando a socar, sem se dar conta, a mesa do juizinho.

– Ora, vamos, eu nunca disse nada, nunca! Era ela que falava! Ela estava nua na cama. Eu estava nu em frente ao espelho: tínhamos acabado de... Enfim, sabe tão bem quanto eu. Nesses momentos, a gente não se preocupa com as palavras. Eu mal ouvia o que ela falava. Por exemplo, durante um bom tempo, segui uma abelha com os olhos...

A imagem da abelha voltava subitamente: ele mesmo abrira um pouco mais as folhas da janela para que ela saísse.

– Eu balançava a cabeça. Fazia sim ou não, pensando em outra coisa.

– No que, por exemplo?

Era desanimador. Tinha pressa de voltar ao seu compartimento no camburão da polícia, onde não lhe perguntavam nada.

– Não sei.

Gisèle correria para avisar as srtas. Molard, enquanto ele punha Marianne na cama, uma vez que, como sempre acontecia quando encontrava Andrée em Triant, tomava banho e trocava a cueca depois. Eram três quartos e um banheiro no primeiro andar.

– Se tivermos outros filhos, podemos pôr os meninos num quarto e as meninas no outro – dissera Gisèle, na época em que faziam planos.

Seis anos depois, continuavam apenas com Marianne e o quarto extra só fora usado uma vez, quando os pais de Gisèle vieram passar férias em Saint-Justin.

Moravam em Montsartois, a seis quilômetros de Poitiers. Germain Coutet, bombeiro hidráulico, era um homem pesadão, corpulento, face rubicunda e voz cavernosa, cujas frases começavam por:

– Eu sempre disse...

– Pois a meu ver...

Logo no primeiro dia ficou claro que sentia inveja do genro, do escritório claro e bem arrumado, da cozinha moderna e, sobretudo, de seu hangar metálico, onde ficavam guardadas as máquinas...

– Pois continuo a achar que um operário se dá mal quando resolve trabalhar por conta própria...

Abria sua primeira garrafa de vinho tinto às oito da manhã e não parava mais ao longo do dia. Era encontrado em todos os botequins do vilarejo e, do lado de fora, ouvia-se sua voz tonitruante. Embora nunca se embriagasse, ficava cada vez mais categórico, até mesmo agressivo, à medida que a noite chegava.

– Quem vai pescar todos os domingos? Você ou eu? Muito bem! Um! Quem é que tem três semanas de férias remuneradas? E quem não precisa, depois do expediente, quebrar a cabeça com algarismos?

Sua mulher, obesa e passiva, a barriga proeminente, evitava contrariá-lo. Isso explicava o caráter submisso de Gisèle?

Em consequência de um bate-boca no fim de sua estada, os Coutet desistiram de passar férias em Saint-Justin.

Gisèle ainda tivera tempo, depois de avisar as irmãs Molard, não só de arrumar a louça, como de se trocar. Ela mal deslocava

o ar à sua volta, nunca dava a impressão de estar com pressa e fazia o que tinha de fazer em um passe de mágica.

Um último boa-noite a Marianne, na penumbra tépida do quarto. As srtas. Molard, embaixo, já se debruçavam sobre suas costuras.

– Divirtam-se.

Tudo aquilo era rotina; ninguém prestava atenção, tantas vezes a cena já se repetira.

O motor foi ligado. Lado a lado, na frente da caminhonete, deixavam para trás o vilarejo, onde alguém ainda capinava seu jardim, enquanto a maioria, sentada em cadeiras defronte de suas casas, aproveitava o frescor da noite, sem falar nada, alguns escutando o rádio que chiava atrás deles, numa sala vazia.

A princípio mantiveram-se calados, cada um seguindo o fio de sua ideia.

– Estive pensando, Tony...

Como ela não continuou imediatamente, ele se perguntou, com um aperto no coração, o que viria pela frente:

– Não acha que, de uns tempos para cá, Marianne anda um pouco pálida?

Sua filha sempre fora magra, com braços e pernas compridos, e branquela.

– Ainda há pouco falei com o dr. Riquet, que encontrei saindo da mercearia...

Não se surpreendera com a ausência de Nicolas, substituído pela mãe atrás do balcão? Ela não fizera perguntas?

– Segundo ele, temos um ar saudável, mas as crianças precisam variar. Ele nos aconselha, quando pudermos, ano que vem, por exemplo, levá-la para uma praia.

Ele foi o primeiro a se espantar com a rapidez de sua decisão.

– Por que não este ano?

Ela mal podia acreditar. Desde que haviam se mudado para Saint-Justin, jamais saíram de férias, pois o verão era a estação mais movimentada para Tony. O terreno, haviam quitado com suas economias, mas ainda restavam muitos anos para terminar de pagar a casa e o hangar.

– Acha possível?

Uma única vez, durante o primeiro ano de casamento, quando ainda moravam em Poitiers, haviam passado quinze dias em Les Sables-d’Olonne, alugando um quarto mobiliado na casa de uma velha e Gisèle preparando as refeições num fogareiro a álcool.

– Já estamos em agosto. E se não tiver mais lugar?

– Iremos para um hotel. Lembra-se daquele hotel, bem na ponta da praia, pouco antes do bosque de pinheiros?

– Les Roches Grises. Não! Les Roches Noires!

Haviam jantado lá uma noite, um senhor linguado, para comemorar o aniversário de Gisèle, e o *muscadet* a deixara um pouco alta.

Tony estava feliz com sua decisão. Assim rompia temporariamente os laços com Andrée e Nicolas.

– Quando pretende...

– Digo daqui a pouco.

Antes de marcarem uma data e estarem completamente seguros da viagem, ele precisava ter uma conversa com o irmão. Era para encontrar Vincent, na verdade, que estava levando a mulher ao cinema. Passou em frente ao Hôtel des Voyageurs sem parar e seguiu pela Rue Gambetta, onde encontrou uma vaga a poucos metros do Olympia. Nas calçadas, era possível distinguir, pela roupa e pela maneira de andar e olhar as vitrines iluminadas, os parisienses das pessoas do lugar.

Ocupavam sempre os mesmos lugares, no balcão. No intervalo, após o noticiário, o documentário e um desenho animado, ele sugeriu:

– E se fôssemos tomar um copo de cerveja no Vincent?

As mesas da varanda estavam quase todas ocupadas. Françoise encontrou uma livre, limpou-a com o guardanapo que tinha na mão.

– Duas cervejas, Françoise. Meu irmão está?

– No balcão, sr. Tony.

No café, onde a luz parecia amarela, homens jogavam baralho, fregueses assíduos que Tony vira cem vezes no mesmo canto, rodeados por outros fregueses que assistiam e comentavam os lances.

– Então?

Seu irmão respondeu em italiano. Era raro, pois, nascidos na França, só haviam falado essa língua com a mãe, que nunca conseguira aprender francês.

– Não sei direito o que aconteceu. Tenho a impressão de que está tudo bem. Ele estava aqui, na varanda...

– Eu sei. Deu para vê-lo lá de cima.

– Dez minutos depois que você partiu, ela desceu, impávida, como se nada tivesse acontecido, e, atravessando o café, dirigiu-se a mim:

“– Agradeça à sua mulher por mim, Vincent...”

– Falava bem alto para o marido ouvir. Saiu no mesmo passo, com a bolsa na mão. Quando ia dobrar a esquina da Rue Gambetta, pareceu perceber de repente a presença de Nicolas.

“– Você? O que faz aqui?”

– Ela sentou diante dele e não ouvi o resto da conversa dos dois.

– Pareciam brigar?

– Não. Num certo momento, ela abriu a bolsa para passar pó de arroz e batom com a maior tranquilidade.

– Como ele estava?

– Quanto a ele, difícil dizer. Já o viu rir, por acaso? Na minha cabeça, ela se saiu bem, mas se eu fosse você... Gisèle está aqui?

– Na varanda.

Vincent foi cumprimentá-la. A temperatura estava amena, o céu, límpido. Um trem expresso passou pela estação sem parar nem reduzir a velocidade. Na Rue Gambetta, Gisèle enganchou a mão no braço do marido como tinha o hábito de fazer quando passeavam.

– Seu irmão está satisfeito com os negócios?

– É uma boa temporada. A cada ano que passa, o número de turistas aumenta.

Vincent não tivera que adquirir o imóvel, mas apenas arrendá-lo, pois o proprietário, que tocava o hotel antes dele e que se aposentara em La Ciotat, não queria vender.

Tendo começado praticamente do zero, os dois irmãos estavam se saindo bem e prosperavam a olhos vistos.

– Viu Lucia?

– Não. Devia estar na cozinha. Não tive tempo de falar com ela e dar-lhe um beijo.

Sentia um mal-estar indefinível, não era a primeira vez. Gisèle não ignorava que ele estivera em Triant à tarde. Ora, ela não lhe perguntava se ele havia passado no estabelecimento do irmão.

Em determinados momentos teria preferido que ela lhe fizesse perguntas, ainda que embaraçosas. Como não podia se interessar por sua vida fora de casa, quando no fim do mês ela o ajudava em sua contabilidade, estando por conseguinte a par de seus negócios?

Alimentaria suspeitas e preferia guardá-las para si?

Apertaram o passo, pois ouviram a campainha do cinema e viram espectadores deixando às pressas o barzinho ao lado.

Foi só ao retornarem, no escuro do carro, cujos faróis faziam surgir paisagens em preto e branco como as do filme, que ele declarou subitamente:

– Estamos numa quinta-feira.

Essa palavra bastava para fazê-lo corar. Não evocava o quarto azul, o corpo voluptuoso de Andrée, suas coxas abertas, o sexo escuro pelo qual o esperma escorria lentamente?

– Podemos ir no sábado. Amanhã eu telefono para o Les Roches Noires. Se tiverem dois quartos livres, ou mesmo um, em que possamos colocar uma caminha para Marianne...

– Acha possível largar os negócios?

– Se precisar, dou um pulo aqui, uma ou duas vezes.

Sentia-se libertado, bem como se dava conta do perigo do qual escapara.

– Passaremos duas semanas lá, descansando os três na praia.

De repente transbordava de ternura com a filha, recriminando-se por não ter notado sua palidez. Também se sentia culpado com relação à mulher, mas era mais abstrato. Por exemplo, teria sido incapaz de parar o carro no acostamento da estrada, tomar Gisèle nos braços e pressionar o rosto dela contra o seu, murmurando:

– Te amo, sabe?

No entanto, essa ideia lhe passava pela cabeça. Muitas vezes. Nunca o fizera. Do que sentia vergonha? De parecer um culpado pedindo perdão?

Precisava dela. Marianne também precisava da mãe. E ele renegara ambas quando Andrée lhe fizera aquelas perguntas. Tudo bem, escutava-as distraidamente, estancando o lábio com a toalha úmida. Nem por isso elas deixavam de ressoar em

seu íntimo com uma nitidez incômoda, e ele revivia inclusive o peso dos silêncios.

– Como suas costas são bonitas.

Era ridículo. Nunca passaria pela cabeça de Gisèle extasiar-se com suas costas ou seu tórax.

– Você me ama, Tony?

No quarto superaquecido cheirando a sexo, aquilo soava natural, ao passo que, na calma da noite em que o motor ronronava, palavras e entonações eram irreais. Ele julgara esperto responder com certa relutância:

– Acho que sim.

– Não tem certeza?

Cogitava entrar na brincadeira? Ignorava que, para ela, não era evidentemente uma brincadeira?

– Passaria a vida inteira comigo?

Aquela pergunta, ela a formulara duas vezes no intervalo de poucos minutos. Ele já não a ouvira durante seus encontros anteriores, no mesmo quarto?

Respondera:

– Claro...

Brincava, mente e corpo levitando. Era de tal forma claro para ela que suas palavras não vinham do fundo de sua consciência que insistia:

– Tem tanta certeza assim? Não teria um pouco de medo?

Era tão imbecil a ponto de replicar, olhar matreiro:

– Medo de quê?

O diálogo inteiro lhe voltava à mente, palavra por palavra.

– Imagina como seriam nossos dias?

Ela não dissera noites, mas dias, como se sua intenção fosse passar o tempo inteiro na cama com ele.

– A gente acabaria se acostumando.

– Com o quê?

– Um com o outro.

E era Gisèle que se achava na penumbra ao seu lado, olhando para o mesmo trecho da estrada, as mesmas árvores, os mesmos postes surgirem da escuridão para imediatamente depois vergarem no nada. Sentia-se tentado a pegar sua mão, mas não ousava.

Um dia confessaria isso ao professor Bigot, que preferia visitá-lo em sua cela a fazê-lo na enfermaria da prisão. Embora o carcereiro lhe trouxesse uma cadeira, ele sentava na beirada da cama.

– Se entendi direito, o senhor amava sua mulher?

Tony abriu os braços para responder feito um idiota:

– Sim.

– Só não achava o contato com ela...

Ele não suspeitava que a vida pudesse ser tão complicada. O que o psiquiatra entendia exatamente por contato? Por acaso eles não viviam como todos os casais?

– Por que, depois de Marianne, não tiveram outros filhos?

– Não sei.

– Não queria mais?

Ao contrário! Queria seis, doze, uma penca de crianças na casa, como na Itália. Quanto a Gisèle, falava em três, dois meninos e uma menina, e não faziam nada para evitá-los.

– Tinha relações sexuais frequentes com sua mulher?

– Mais no começo.

Era franco, não tentava esconder nada. Apegara-se ao jogo e agora tinha a mesma gana de compreender seus sucessivos interlocutores.

– Durante a gravidez, naturalmente, houve um período...

– Foi quando adquiriu o hábito de visitar outras mulheres?

– Teria feito de qualquer maneira.

– É uma necessidade?

– Não sei. Todos os homens são assim, não são?

O professor Bigot tinha cerca de cinquenta anos, um filho adulto que estudava em Paris e uma filha recém-casada com um hematologista, a quem auxiliava em seus trabalhos de laboratório.

O psiquiatra, desleixado, usava roupas largas, amarrotadas, em geral com um botão pendurado, assoando-se a todo instante como se acometido por um resfriado perpétuo.

Como fazê-lo compreender aquela volta para casa à noite? Não acontecera nada de memorável. Gisèle e ele não haviam trocado mais de vinte frases. Naquele momento, estava convencido de que ela nada sabia a respeito da cena da tarde, pelo menos, provavelmente nada de suas relações com Andrée, mesmo tendo conhecimento de outros casos seus.

No entanto, foi ao longo daqueles doze quilômetros que se sentira mais próximo dela, mais unido a ela. Quase lhe dissera:

– Preciso de você, Gisèle.

Necessidade de senti-la junto a si. Necessidade de que ela confiasse nele.

– Quando penso nos anos que perdi por sua culpa.

Não era a voz de sua mulher, mas a de Andrée, roufenha, gutural, que reverberava. Recriminava-o por ter partido aos dezesseis anos, deixando a aldeia para aprender uma profissão em outro canto.

Fora para Paris e trabalhara numa oficina de carros até o serviço militar. Nunca mais se preocupara com ela. Para ele, era uma garota comprida que morava no castelo e cujo pai era um herói do pedaço.

Uma garota altiva e fria. Uma estátua.

– Por que está rindo?

Pois ele ria, no automóvel, um riso irônico.

– Estava pensando no filme.

– Gostou?

– Igual a todos os filmes.

Uma estátua singular, que adquiria vida e lhe perguntava, com o olhar no vazio distante:

– Seja sincero, Tony. Se eu ficasse livre...

Ambos sabiam que Nicolas era doente e não duraria muito, mas daí a falar quase no passado! Ele fingira não ouvir.

– Você ficaria livre também?

A locomotiva apitara furiosamente.

– O quê?

– Perguntei se, nesse caso...

O que teria respondido se, no meio da multidão que saía da estação e atravessava a praça, não tivesse reconhecido Nicolas?

Havia luz no andar térreo da casa. As irmãs Molard, sempre de olho no relógio, deviam ter guardado seus trabalhos de costura e se aprontado para ir embora, pois costumavam se deitar às nove, às vezes mais cedo.

– Vou guardar o carro.

Ela saiu e contornou a casa para entrar pela cozinha, enquanto ele ia estacionar a caminhonete dentro do hangar prateado, perto dos monstros mecânicos pintados em amarelo e magenta.

Quando alcançou a casa, as duas senhoritas transpunham o portão.

– Boa noite, Tony.

– Boa noite.

Gisèle fazia uma rápida vistoria para certificar-se de que estava tudo em ordem.

– Não quer beber alguma coisa? Não está com fome?

– Obrigado.

Mais tarde se perguntaria se, naquele momento preciso, ela não esperava um gesto, uma palavra sua. Teria intuído que

uma ameaça pairava sobre eles?

Em geral, quando chegavam do cinema, ela subia imediatamente para verificar se Marianne respirava.

– Sei que é ridículo – lhe confessara uma noite. – Isso só me acontece fora de casa. Quando estou aqui, acho que a protejo.

Corrigira:

– Que a protegemos. É só eu me afastar para julgá-la tão vulnerável!

E, de fato, se debruçava sobre a filha, ansiosa, até sentir seu bafejo de sempre.

Tony não encontrou nada para dizer. Despiram-se um diante do outro, como todas as noites. Depois da maternidade, Gisèle ganhara um pouco de quadril, mas o resto do corpo permanecia magro e os seios pálidos haviam perdido a forma.

Como fazer os outros compreenderem que a amava quando, naquela noite, tomado pela necessidade de se abrir, não fora capaz de fazê-la compreender?

– Boa noite, Tony.

– Boa noite, Gisèle.

Era ela que apagava a luminária da cabeceira, instalada ao seu lado, pois era a primeira a se levantar e no inverno as manhãs eram escuras.

Não teria hesitado um instante em cortar o contato? Ele prendeu a respiração.

Clique!

3

Ele não era um temperamento nervoso, isso foi constatado nos diversos testes que lhe aplicaram em Poitiers, primeiro o médico da prisão, o psiquiatra, depois aquela estranha mulher com olhos de cigana, doutora em psicologia, que ele achava ora cômica, ora aterradora.

Ao contrário, tendiam a se espantar com sua calma, quando não a censurá-lo por ela, e alguém no tribunal, o advogado geral ou o representante da parte civil, qualificaria aquela calma de cínica e agressiva.

Era verdade que em geral ele permanecia senhor de si, mais inclinado a aguardar os acontecimentos, com um pé atrás, do que a impelir-se à frente.

As duas semanas em Les Sables-d'Olonne não tinham sido semanas felizes? Felizes e um pouco tristes, com súbitas crises de ansiedade que nem sempre escapavam à mulher e à filha.

Cumpriam a rotina da maioria dos veranistas, tomavam o café da manhã na varanda, Marianne já em maiô de banho vermelho, e, às nove horas, iam os três para a praia, onde logo tomaram posse de um território.

Dois dias haviam sido suficientes para criarem hábitos, rituais, conhecerem seus vizinhos no refeitório do Les Roches Noires, sorrirem para o velho senhor e a velha dama da mesa defronte, que dirigiam sinais afetuosos a Marianne, fascinada pela barba do homem.

– Se ele abaixar um pouquinho mais a cabeça, a barba mergulha na sopa.

Todas as noites ela o vigiava, persuadida de que um dia isso aconteceria.

As mesmas pessoas, de manhã e de tarde, ocupavam seus lugares sob os guarda-sóis a seu redor, a dama loura que besuntava lentamente o corpo com óleo e, deitada de costas, as alças do maiô arriadas, lia o dia inteiro, os meninos mal-educados dos parisienses, que mostravam a língua para Marianne e, na água, a empurravam...

Gisèle, desacostumada com o ócio, tricotava um pulôver azul-celeste para a filha usar quando começasse na escola, e seus lábios se moviam enquanto ela contava os pontos.

A ideia daquelas férias em Les Sables-d’Olonne não se revelava uma falsa boa ideia? Ele brincava com Marianne, ensinava-a a nadar, com água até a barriga, a mão sob seu queixo. Também tentara ensinar à mulher, mas, assim que flutuava, ela entrava em pânico, batia as mãos, agarrava-se nele. Uma vez em que uma onda inesperada a cobrira, ela lançara um olhar para ele no qual ele julgara ver medo. Não medo do mar. Medo dele.

Havia momentos em que ele se mostrava calmo, relaxado, jogava bola, caminhava com Marianne até a ponta do píer. Passearam todos juntos pelas ruas estreitas da cidade, visitaram a catedral, fotografaram os barcos de pesca ancorados, as moças do lugar de saia pregueada e tamancos envernizados na chegada do arrastão.

Eram talvez dez mil tocando a mesma vidinha e, quando caía um temporal, recolhiam seus pertences e corriam para os hotéis e cafés.

Por que, em determinados momentos, ele ficava como que ausente? Culpava-se por não estar em Saint-Justin, onde

Andrée sinalizava em vão para ele?

– A respeito desse sinal, sr. Falcone...

Após algumas semanas de Poitiers, ele misturava as perguntas do juiz Diem com as do psiquiatra. Acontecia-lhes dizer a mesma coisa, com palavras diferentes, em outro contexto. Não combinavam alguma coisa entre um interrogatório e outro e ficavam torcendo para ele se contradizer?

– Quando estipularam esse sinal, sua amante e o senhor?

– Na primeira noite.

– Quer dizer em setembro, na beira da estrada?

– Sim.

– Quem teve a ideia?

– Ela. Já disse isso. Ela queria que nos encontrássemos num lugar que não fosse a orla de um bosque, e pensou imediatamente no hotel do meu irmão.

– E a toalha?

– Ela primeiro sugeriu colocar uma mercadoria qualquer num canto de uma das vitrines.

Havia duas vitrines repletas de artigos de mercearia, fardos de algodão, aventais, galochas. A loja dos Despierre ficava na rua principal, a dois passos da igreja, e era impossível atravessar a vila sem passar em frente.

O interior era escuro, os dois balcões atulhados de mercadorias, e havia tonéis, caixotes encostados nas paredes, prateleiras cheias de conservas e garrafas, calças de brim, cestos de vime e presuntos pendurados no teto.

De todos os cheiros de sua infância, o que reinava ali era o mais forte, o mais característico, dominado por lampiões de querosene, pois as aldeias e fazendas isoladas ainda não dispunham de eletricidade.

– Que mercadoria?

– Pensamos num pacote de amido. Depois ela ficou com medo de que o marido o retirasse involuntariamente enquanto ela cuidava da cozinha.

Como podiam pretender, em poucas semanas, até mesmo poucos meses, à razão de duas ou três horas por dia, conhecer tudo de uma vida que lhes era tão estranha? Não só sua vida e a de Gisèle, como a de Andrée, da sra. Despierre, da sra. Formier, a vida da aldeia, as idas e vindas entre Saint-Justin e Triant. Só para compreender o quarto azul, teria sido preciso...

– No fim ela decidiu que, nas quintas-feiras em que pudesse me encontrar no hotel, colocaria uma toalha para secar no parapeito da janela.

A janela do quarto dos dois, dela e de Nicolas! Pois eles dormiam no mesmo quarto. Era, na sobreloja, uma das três janelas estreitas, com barra de proteção, através da qual se avistava, na penumbra, na parede encardida, uma litografia numa moldura preta e dourada.

– De maneira que todas as manhãs de quinta-feira...

– Eu passava em frente à sua casa.

Quem sabe Andrée, enquanto ele vivia de calção na praia, não estava pedindo sua ajuda e a toalha não se achava permanentemente na janela? Tudo bem, vira-os voltando de Triant no 2 CV, mas não sabia nada acerca de seu estado de espírito.

– Eu me pergunto, sr. Falcone, se ao propor essas férias à sua mulher...

– Ela tinha acabado de mencionar a palidez de Marianne.

– Eu sei. O senhor agarrou a oportunidade. Uma oportunidade, talvez, de tranquilizá-la, dar uma de bom marido, bom pai de família, a fim de dissipar suas suspeitas. O que acha dessa explicação?

– É falsa.

– Insiste em afirmar que seu objetivo era se afastar de sua amante?

Detestava aquela palavra, que não obstante era obrigado a aceitar.

– Mais ou menos.

– Tinha decidido não vê-la mais?

– Não tinha nenhum plano definido.

– Voltou a estar com ela ao longo dos meses seguintes?

– Não.

– Ela não expôs mais o sinal?

– Ignoro, pois dali em diante evitei passar em frente à sua casa às quintas-feiras.

– E isso exclusivamente porque uma tarde o senhor viu seu marido sair da estação e sentar-se na varanda do hotel para tomar uma limonada? Foi a única mulher, nas suas palavras, com quem o senhor conheceu a plenitude no amor físico. Se não me falha a memória, aludiu a uma verdadeira revelação...

Era verdade, ainda que não tivesse empregado a palavra. Em Les Sables-d'Olonne, acontecia-lhe evocar o quarto azul, sem querer, rilhando os dentes de desejo. Outras vezes, mostrava-se impaciente sem motivo, repreendia Marianne por uma bagatela ou parecia ausente, carrancudo. Gisèle e a filha entreolhavam-se e a mãe parecia dizer à criança:

– Não ligue. São preocupações do seu pai.

Não estranhavam também, no instante seguinte, ao vê-lo amável demais, paciente demais, afetuoso demais?

– O senhor é ambicioso, sr. Falcone?

Era obrigado a refletir, pois nunca se fizera essa pergunta. Existem de fato pessoas que vivem se mirando no espelho e se interrogando sobre si mesmos?

– Depende do que o senhor entende por isso. Quando eu tinha doze anos, para comprar uma bicicleta trabalhei depois

da aula e durante as férias. Mais tarde, sonhei com uma motocicleta e fui para Paris. Quando me casei com Gisèle, me ocorreu a ideia de me estabelecer por conta própria. Em Poitiers, montávamos máquinas agrícolas que chegavam dos Estados Unidos em peças avulsas, e eu me sustentava bem.

– Seu irmão também se estabeleceu por conta própria, após experimentar várias profissões.

Qual a relação entre as duas trajetórias?

Não era o juiz Diem, mas o professor Bigot quem falava, lentamente, como se refletisse em voz alta.

– Eu me pergunto se o fato de vocês dois serem irmãos italianos, ambos estrangeiros numa cidade francesa... Ouvi dizer que seu pai é pedreiro...

O juiz interrogara uma tarde inteira o venerável Falcone, que tinham ido buscar em sua casinha de La Boisselle.

– O que sabe do seu pai?

– Ele vem de uma aldeia paupérrima do Piemonte, Larina, a uns trinta quilômetros de Vercelli. Lá, uma montanha onde não havia comida para todo mundo, a maioria dos garotos ia embora, e meu pai, com catorze ou quinze anos, fez como os outros. Veio para a França com uma equipe que perfurou um túnel, ignoro qual, na região de Limoges; em seguida, foi perfurar outros túneis em outras plagas...

Era difícil falar de Angelo Falcone, a quem todo mundo em Saint-Justin tratava de o venerável Angelo, pois não era absolutamente um homem como os demais.

– Ele viajou muito pela França, de norte a sul, de leste a oeste, terminando por sossegar em La Boisselle.

Na memória de Tony, aquele continuava a ser um lugar fantasmagórico. Em outros tempos, La Boisselle, a dois quilômetros e meio de Saint-Justin, fora um convento, construído sobre as fundações de um antigo castelo-forte, com

as pedras desse castelo, e ainda se viam, invadidos pelo mato, lanços de velhos muros e fossos cheios de água estagnada, nos quais ele pescara rãs.

Sem dúvida os monges se dedicavam à agricultura, pois, emoldurando o grande pátio, ainda restavam benfeitorias de todo tipo, estábulos, oficinas e adegas.

Os Coutant ocupavam a maior parte dessas dependências, possuindo cerca de dez vacas, alguns carneiros, dois cavalos de tração e um velho bode que mascava fumo. Alugavam as construções sem uso, que continuavam habitáveis.

Era, no fim das contas, uma pequena colônia heterogênea, que incluía, além dos Falcone, uma família tcheca e um casal da Alsácia com oito filhos.

– Seu pai já não era muito moço quando o senhor nasceu.

– Tinha quarenta e três ou quarenta e quatro anos quando retornou à sua aldeia do Piemonte, de onde trouxe minha mãe.

– Pelo que entendi, ele sentiu que era chegada a hora de casar e foi procurar uma mulher no país natal?

– Acho que foi isso que aconteceu.

Quando solteira, sua mãe se chamava Maria Passaris, tendo chegado à França com vinte e dois anos.

– Eles se entendiam?

– Nunca ouvi uma briga.

– Seu pai continuava a trabalhar como pedreiro?

– Não sabia fazer outra coisa e nunca lhe passou pela cabeça mudar de atividade.

– O senhor nasceu primeiro e depois, três anos mais tarde, veio seu irmão Vincent.

– E depois minha irmã Angelina.

– Ela mora em Saint-Justin?

– Ela morreu.

– Muito cedo?

– Com seis meses. Minha mãe tinha ido a Triant, ignoro o motivo. Antes de vir para a França, ela nunca havia saído de sua aldeia. Aqui, país cuja língua ela não falava, raramente saía de casa. Naquele dia, em Triant, supõe-se que se enganou de porta e desceu do trem em sentido contrário. Foi atingida por um expresso com o bebê que carregava no colo.

– Que idade o senhor tinha na época?

– Sete anos. Meu irmão tinha quatro.

– Foi seu pai quem criou vocês?

– Foi. Quando chegava do trabalho, ele cuidava da cozinha e da casa. Como antes eu não o conhecia muito, não posso dizer se o acidente mudou alguma coisa nele.

– Como assim?

– O senhor sabe. Não perguntou isso a ele?

Tony se tornava agressivo.

– Sim.

– O que acha? O pessoal do lugar tem razão? Meu pai é um pobre?

Em Saint-Justin, não se dizia pobre de espírito. A palavra pobre bastava. Quanto a Bigot, sem jeito, preferiu responder apenas com um gesto vago.

– Ignoro se deduziu alguma coisa disso. Durante anos meu irmão e eu só ouvíamos uma palavra dele quando absolutamente indispensável. Aos setenta e oito anos, mora sozinho na casa onde nascemos e continua a fazer, aqui e ali, pequenos bicos como pedreiro.

“Não quer se instalar na minha casa ou na de Vincent. Sua única distração é construir uma aldeia em miniatura no seu quintalzinho. Faz vinte anos que começou. A igreja mede menos de um metro, mas não falta um detalhe.

“Vemos o albergue, a prefeitura, uma ponte sobre um rio, um moinho d’água e, todo ano, uma ou duas casas se acrescentam

às já existentes.” Parece que é uma reprodução fiel de Larina, aldeia dele e da minha mãe.

Ele não revelava o que pensava em seu íntimo. O pai era um homem bronco, curto de inteligência, que até os quarenta anos se conformara com a solidão. Tony compreendia perfeitamente sua viagem a Larina para procurar uma mulher.

Aquela Maria Passaris, jovem o bastante para ser sua filha, Angelo Falcone amara à sua maneira. Não com palavras, nem com grandes efusões, pois não era homem extrovertido.

Quando ela morreu junto com a filha, Angelo Falcone enclausurou-se de vez, e pouco depois começara a edificar sua estranha aldeia de bonecas no jardim.

– Ele não é louco! – explodia subitamente Tony.

Ele deduzia o que alguns deviam pensar, inclusive, talvez, o professor Bigot.

– Eu também não sou louco!

– Eu nunca disse isso.

– Então por que me interroga pela sexta ou sétima vez? Por que os jornais falam de mim como se eu fosse um monstro?

Ainda não se havia chegado a esse ponto. No hotel Les Roches Noires, passavam os dias na praia, com gosto de sal na boca, e encontravam areia na cama e no fundo dos bolsos.

Só choveu duas vezes em quinze dias. O sol penetrava nos olhos e na pele a ponto de dar vertigem, sobretudo quando fixavam o olhar nas ondas de crista branca que vinham lentamente do largo, em sucessão, e que, rebentando, lançavam uma infinidade de gotinhas luminosas.

A pele de Marianne já descascava em virtude do sol. Após alguns dias, Tony estava moreno e, quando se despia, à noite, a pele lívida desenhava o contorno do calção. Só Gisèle, que não deixava a sombra da barraca, não mudara.

O que acontecia em Saint-Justin na escura loja dos Despierre? E à noite, no quarto onde Andrée e Nicolas se desnudavam um diante do outro?

A toalha com debrum cor-de-rosa não estaria colocada na barra de proteção como um sinal de alarme? A mãe de Nicolas, rosto de pedra, não atravessara o quintal para tomar as rédeas da situação e, finalmente, vingar-se da nora?

Aquelas pessoas de Poitiers, policiais, magistrados, médicos, até mesmo a inquietante doutora em psicologia, acreditavam mesmo que iriam estabelecer a verdade, quando ignoravam quase tudo dos Despierre, dos Formier, de tantos outros que também tinham tido sua importância?

E dele, Tony, o que sabiam? Menos que ele próprio, não?

A sra. Despierre era certamente a personalidade mais importante de Saint-Justin, mais importante e temida que o próprio prefeito, que não obstante era um próspero negociante de gado. Numa aldeia em que homens e mulheres de uma mesma geração iam à escola juntos, raros eram aqueles ou aquelas que se permitiam tratá-la de Germaine, muito menos de você. Para todo mundo, era a sra. Despierre.

Tony decerto se enganava, uma vez que ela mal passava dos trinta quando ele começou a fazer compras para os pais na mercearia: em sua memória, ela já aparecia com cabelos grisalhos, tal como agora. Atrás do balcão, usava um avental cinza, seu rosto cor de giz sendo o único detalhe branco.

Conhecera o marido, homem franzino, vestindo um casaco, comprido demais para ele, bem como um lornhão, gesto hesitante, olhar medroso.

Às vezes o viam tremer e a mulher o arrastava para um cômodo no fundo da loja, cuja porta se fechava enquanto as

freguesas se entreolhavam com cumplicidade, balançando a cabeça.

Tony ouvira falar do grande mal muito antes de perceber que Despierre era epiléptico e que, atrás da porta fechada, ele se debatia convulsivamente, deitado no assoalho, os maxilares trincados, a baba escorrendo pelo queixo.

Lembrava-se de seu enterro, ao qual comparecera junto com as outras crianças da escola, em fila, menos Nicolas, que envergava o luto ao lado da mãe.

Dizia-se que eram muito ricos e avarentos. Não só eram donos de várias casas da vila, como de duas grandes chácaras, que arrendavam, sem falar na aldeia de La Guipotte.

– Por que, sr. Falcone, escolheu mudar-se para Saint-Justin, que deixara havia mais de dez anos?

Já não respondera? Repetiam-lhe tantas vezes as mesmas frases que ele não sabia mais. Devia incorrer em contradições, pois ele próprio não tinha resposta para aqueles “porquês” e aqueles “comos”.

– Talvez por causa do meu pai.

– O senhor o visitava muito pouco.

Em média, uma vez por semana. O venerável Angelo fora à sua casa duas ou três vezes e não parecera à vontade. Gisèle, que para ele era uma estranha, o impressionava. Sábado à noite, Tony preferia ir a La Boisselle.

A porta ficava aberta. Não acendiam a luminária. Ouviam-se as rãs coaxando nos brejos e os dois homens, sentados em cadeiras com assento de palha, deixavam o tempo passar sem dizer uma palavra.

– Não se esqueça de que meu irmão já estava instalado em Triant.

– Tem certeza de que não voltou por causa de Andrée?

– De novo!

– Estava ciente do casamento dela com seu antigo colega Nicolas?

Não! Essa tinha sido a surpresa. Entre os Despierre e os Formier existia um abismo, e as duas mães, praticamente da mesma idade, representavam mundos opostos.

Se a sra. Despierre era o protótipo da camponesa enriquecida, a mulher do dr. Formier, por sua vez, encarnava a imagem de certa burguesia provinciana e decadente, que se negava a perder a pose.

Seu pai, o tabelião Bardave, trabalhava em Villiers-le-Haut, e os membros da família, de geração em geração, conviveram tanto com os castelões, jogando bridge e participando de caçadas, que se julgavam da mesma condição social.

Não deixara nada para os filhos. O dr. Formier tampouco legara qualquer coisa à mulher e à filha, à exceção de uma renda, tão modesta que, embora elas continuassem a morar no castelo e se vestir como gente da cidade, nem sempre tinham o que comer.

Qual delas, a sra. Despierre ou a sra. Formier, sugerira à outra aquela união? Orgulho, quem sabe vingança, da parte da merceeira? Desejo, na burguesa, de ver a filha ao abrigo da necessidade, saber que um dia ela seria rica e, muito provavelmente, não demoraria muito a enviuar?

– Parece que Nicolas, na escola, era arremedado pelos colegas.

Verdade ou mentira, como o resto. Enfermiço, não raro às voltas com dores estomacais e alheio às brincadeiras da turma, era fatalmente alvo dos mais fortes. Era xingado de maricas. Acusavam-no de ser poltrão e de se esconder nas saias da mãe. Além disso, indefeso, denunciava ao bedel os trotes de que era vítima.

Tony não pertencia ao clã de seus torturadores. Podia não ser melhor que os outros, porém, como estrangeiro, ele próprio era

um pouco marginalizado.

Por duas vezes, a primeira durante o recreio, a segunda à saída da escola, tomara a defesa de Nicolas, o qual ainda não tinha consciência de sua doença.

Sua primeira crise o pegara de surpresa, aos doze anos de idade, no meio da aula. Ouvia-se o barulho de um corpo caindo no assoalho e, como todo mundo se voltara para ver, o professor dera uma reguada na mesa.

– Ninguém se mexa!

Era primavera. As castanheiras do pátio estavam em flor. Naquele ano houvera uma invasão de besouros e todos acompanhavam seus voos estabanados na sala, em cujas janelas e paredes eles colidiam.

Apesar da advertência do professor, todas as crianças tinham os olhos cravados em Nicolas e iam empalidecendo, algumas com ânsias de vômito, de tal forma o espetáculo impressionava.

– Todo mundo para o pátio!

Era uma ordem de retirada, porém os mais valentes logo voltaram às janelas a tempo de ver o professor enfiando um lenço na boca de Nicolas.

Um dos meninos tinha corrido em direção à mercearia e a sra. Despierre, em seu indefectível avental cinza, não demorou a chegar.

– O que eles estão fazendo? – perguntava-se aos que espiavam pela janela.

– Nada. Ele continua no chão. Com certeza está morrendo.

Todos sentiam um peso na consciência aquele dia.

– Acha que ele comeu alguma coisa que não lhe fez bem?

– Não. Parece que o pai dele tinha os mesmos ataques.

– É uma doença que pega?

Quinze ou trinta minutos depois – o tempo não contava –, a sra. Despierre atravessava o pátio, puxando pela mão o filho,

que recuperara o aspecto normal e parecia atordoado.

Ele não teve outras crises na escola. Pelo que Tony compreendia, Nicolas geralmente pressentia sua irrupção, às vezes com vários dias de antecedência, e a mãe o mantinha em casa.

Não se tocava no assunto na casa da sra. Despierre. Na mercearia, era um verdadeiro tabu. Sem nenhum motivo, todo mundo considerava uma vergonha aquela doença.

Nicolas terminou não indo para o colégio de Triant, tampouco fizera o serviço militar ou frequentara os bailes. Não tinha nem bicicleta nem motocicleta e não dirigia o 2 CV.

Às vezes não abria a boca por uma semana, taciturno, desconfiado e fitando as pessoas como se estas lhe quisessem mal. Não bebia nem destilado nem vinho, e seu estômago só tolerava alimentos dietéticos.

Tony não teria pensado nele com constrangimento, aquela noite de setembro, na beira da estrada, diante do corpo seminudo de Andrée?

– O senhor não o odiava, talvez inconscientemente, por ele ser rico?

Ele encolhia os ombros. Vá lá, antes de saber da doença de Nicolas, antes da primeira crise na escola, invejara-o, uma inveja infantil: sonhava com as redomas de balas multicores, com as caixas de biscoito com tampa de vidro, nas quais, pensava, bastava a Nicolas mergulhar a mão, ao passo que ele mesmo só tinha direito, e muito de vez em quando, a guloseimas baratas.

– Quando soube de seu casamento, não lhe ocorreu que ele tinha de certa forma comprado Andrée, ou que sua mãe a comprara para ele?

Talvez. Desprezara um pouco “a estátua”, pois se recusava a crer que ela tivesse se casado por amor.

Pensando bem, sentira pena dela. Tampouco ele, em criança, tinha comida à farta, mas não morava no castelo e não precisava bancar o importante.

Ignorava o que haviam estipulado por ocasião do casamento. Ambas as mães, se ele bem as conhecia, deviam ter imposto condições. Moravam praticamente defronte uma da outra. O castelo situava-se à direita da igreja, perto do presbitério. Do outro lado da praça, na esquina da Rue Neuve, a mercearia Despierre se escorava na prefeitura e na escola.

Houve um grande casamento de branco, um banquete no albergue, que ainda rendia assunto, mas os noivos não partiram em viagem de núpcias, tendo passado a noite no quarto que viriam a ocupar, na sobreloja.

A sra. Despierre, por sua vez, recolhera-se a uma casa de um só pavimento, que dava para o quintal, de maneira que vinte metros a separavam do filho e da nora.

Nos primeiros tempos, as duas mulheres eram vistas no balcão da loja, e era a mãe que continuava a preparar as refeições. Uma velha do lugar, calçando sapatos de homem, vinha todos os dias para a faxina.

Todo mundo as observava e logo se notou que a sra. Despierre e Andrée só se dirigiam a palavra em função das exigências do comércio.

Passado um tempo, a mãe voltou a fazer suas refeições em casa. Por fim, após alguns meses, deixaram de vê-la na loja e na casa, ao passo que seu filho, duas ou três vezes por dia, atravessava o quintal para lhe dar um beijo.

Aquilo significava que Andrée ganhara a parada? Já teria decidido, ao se casar, destronar paulatinamente a sogra?

Por oito vezes ele estivera com ela no quarto azul e não sentira curiosidade de lhe fazer a pergunta, preferindo não

saber, não pensar muito naquela parte da vida de Andrée, a quem ele conhecia sobretudo nua e desabrida.

Havia uma verdade que ele percebia confusamente e era incapaz de exprimir. Ela saltava, parecia-lhe, das frases pronunciadas em 2 de agosto, aquele fatídico 2 de agosto que ele vivera inocentemente, sem desconfiar que seria tão relevante e que os jornais o transformariam em manchetes de várias colunas.

O repórter de um grande jornal parisiense chegara inclusive a lançar uma fórmula que todos os colegas repetiriam: *Os amantes frenéticos*.

– Passaria a vida inteira comigo?

Ele respondera:

– Claro...

Não o negava. Fora ele que relatara a conversa ao juiz. O importante, contudo, era o tom. Ele falava sem acreditar no que dizia. Aquilo não era real. No quarto azul, nada era real. Ou melhor, tratava-se de uma realidade diferente, por sinal, incompreensível.

Tentara explicar ao psiquiatra. Bigot, na hora, parecia compreender, porém logo em seguida, por uma pergunta ou observação, demonstrava que não compreendera absolutamente nada.

Se Tony cogitasse morar com ela, não teria dito:

– Claro...

Ignorava o que teria respondido, mas teria encontrado outras palavras. Aliás, Andrée não se deixara enganar, uma vez que insistira:

– Tem tanta certeza assim? Não ficaria com um pouco de medo?

– Medo de quê?

– Imagina como seriam nossos dias?

– *A gente acabaria se acostumando!*

– Com o quê?

Isso era real? Teria falado assim com Gisèle? Ela também entrava na brincadeira, saciada, com as coxas abertas.

– *Um ao outro.*

Ora, justamente, eles só eram um casal numa cama, só no quarto azul, o qual, numa espécie de frenesi, para falar como o jornalista, impregnavam com seu cheiro.

Jamais tinham sido dois fora dali, a não ser quando fizeram amor pela primeira vez no capinzal e nas urtigas na orla do Bois de Sarelle.

– Se não a amava, como explica...

O que eles entendiam por amar? O professor Bigot saberia lhe fornecer uma definição dessa palavra, ele que pretendia permanecer em terreno científico? Como sua filha, recém-casada, amava o marido?

E o juizinho, o dr. Diem, com sua auréola de cabelos enfurecidos? Sua mulher acabava de lhe dar um primeiro filho, devendo suceder-lhe, como a todos os jovens pais, como sucedera com Tony, levantar-se à noite para providenciar uma mamadeira. Como ele amava a esposa?

Para responder, teria que lhes contar momentos que não se contam, momentos como os que ele vivera em Les Sables-d’Olonne.

– Por que escolher Les Sables-d’Olonne e não uma praia da Vendeia ou da Bretanha?

– Porque estivemos lá no primeiro ano do nosso casamento.

– Assim sua mulher acreditaria que era uma peregrinação, que o senhor atribuía um valor sentimental ao lugar? Não é exatamente o que teria feito caso quisesse driblar sua desconfiança?

Ele só conseguia morder os lábios e fervilhar por dentro. De que teria adiantado se revoltar?

Contar-lhes o último dia à beira-mar...? Logo de manhã... Deitado debaixo da barraca, observava, por entre os cílios, a mulher, que, sentada numa cadeira de praia listrada, corria para terminar o pulôver azul-celeste.

– Em que está pensando? – ela perguntara.

– Em você.

– O que está pensando?

– Que tive sorte de te conhecer.

Era verdade, em parte. Atrás dele, ouvia Marianne fingindo ler o texto de um livro de ilustrações, e se pusera a pensar que, dentro de doze ou quinze anos, ela se apaixonaria, casaria, os abandonaria para partilhar a vida com um homem.

Com um desconhecido, em suma, pois não é em poucos meses, nem em dois ou três anos, que as pessoas se conhecem de fato.

Isso o levava a pensar em Gisèle. Observava-a tricotando, séria e relaxada. No momento em que ela lhe fazia a pergunta, ele se perguntava justamente em que ela própria pensava.

Na realidade, ignorava a opinião que Gisèle tinha sobre ele, como o via, como julgava seus atos e atitudes.

Estavam casados havia sete anos. Tentara então imaginar a vida de ambos mais tarde. Envelheceriam gradativamente. Marianne seria uma adolescente. Iriam ao seu casamento. Um dia, ela anunciaria que estava grávida e, na maternidade, o pai teria primazia sobre eles.

Não seria só a partir desse momento que Gisèle e ele se amariam de verdade? Não são necessários longos anos para duas pessoas aprenderem a se conhecer, acumularem muitas lembranças comuns, lembranças como a daquela manhã que estavam vivendo?

Sem dúvida a mente dos dois seguia por caminhos paralelos, uma vez que, pouco mais tarde, sua mulher murmurava:

– Nem acredito que Marianne já vai entrar na escola.

Ele já estava no casamento dela!

A filha percebia que podia tudo e usava e abusava do pai. Aquela tarde, mais do que nunca. Não o deixou um minuto em paz.

A maré estava baixa, o mar distante, fora de alcance. Durante mais de uma hora, ele foi obrigado a ajudar Marianne a construir um amplo castelo-forte, mais exatamente, trabalhar sob sua direção e, como o venerável Angelo em seu jardim, ela exigia sempre mais alguma coisa, uma trincheira, um fosso, uma ponte levadiça.

– Agora vamos catar conchinhas para pavimentar o pátio e os caminhos de ronda.

– Ponha o chapéu para se proteger do sol.

Haviam comprado um chapéu de gondoleiro veneziano para ela num bazar.

Gisèle não ousava acrescentar:

– Não canse muito o seu pai!

Cada um com um balde vermelho na mão, pai e filha percorreram a praia de ponta a ponta, olhando para baixo, atentos ao brilho de uma concha na areia, às vezes tropeçando na perna de um banhista deitado ou desviando de uma bola na hora H.

Tinha a sensação de cumprir um dever, ser perdoado por uma fraqueza, redimir-se de um erro cometido? Com toda a sinceridade, seria incapaz de responder. O que sabia é que aquele passeio ao sol acompanhado pela voz fanhosa da filha era ao mesmo tempo doce e melancólico.

Estava feliz e triste. Não por causa de Andrée, nem de Nicolas. Não se lembrava de ter pensado nisso. Teria dito de bom grado:

feliz e triste como a vida.

Quando fizeram meia-volta, na altura do Cassino, cuja música chegava até eles, o trajeto pareceu longo e a ponta da praia distante, sobretudo para Marianne, que começava a se arrastar.

– Está cansada?

– Um pouco.

– Quer vir no ombro?

Ela rira, mostrando as janelas nos dentes.

– Estou muito grande.

Quando tinha dois ou três anos, era sua diversão favorita. À noite, ele sempre a levava para o quarto daquele jeito.

– Vão rir de você – ela acrescentara, tentada.

Ele a içara e, como ela segurava sua cabeça, ele carregava os dois baldes de praia nas mãos.

– Não estou pesando muito?

– Não.

– É verdade que sou magra?

– Quem disse isso?

– O Roland.

Era o filho do ferrador de cavalos.

– Ele tem um ano a menos que eu e pesa vinte e cinco quilos. Eu peso só dezenove. Me pesaram antes de viajar, na balança da mercearia.

– Meninos são mais pesados que meninas.

– Por quê?

Gisèle os observava, pensativa, talvez um pouco comovida. Ele pousou a filha na areia.

– Me ajude a colocar as conchinhas.

– Não acha que está exagerando, Marianne? Seu pai veio aqui para descansar. Depois de amanhã, ele volta ao trabalho.

– Foi ele que quis me carregar.

Seus olhares haviam se encontrado.

– Para ela também, é o último dia de férias – ele dissera, com brandura, a fim de desculpar a filha.

Ela não acrescentara nada, mas ele julgara ler uma espécie de gratidão em seu olhar.

Gratidão por quê? Por ter se dedicado, durante quinze dias, a elas duas?

Para ele, aquilo parecia natural.

4

Às vezes esperava no corredor, à porta do gabinete do juiz, sentado num banco e algemado, entre dois guardas, que mudavam a cada vez.

Não se sentia mais humilhado, não criava mais caso. Observava as pessoas passando, réus e testemunhas que iam esperar diante de outras portas, advogados de toga, agitando suas mangas largas como asas, e não reagia quando era objeto de curiosidade ou alguém se voltava em sua direção.

Uma vez no gabinete, retiradas as algemas, os guardas saíam a um sinal do magistrado e Diem se desculpava pelo atraso ou por ter ficado retido e lhe estendia uma cigarreira de prata. Aquilo virara uma tradição, um gesto automático.

O cenário era vetusto, de uma limpeza duvidosa, como nas estações ferroviárias e repartições, paredes esverdeadas, a lareira em mármore preto encimada por um relógio de pêndulo, preto também, que decerto havia anos marcava cinco para o meio-dia.

Acontecia de o juiz avisar de cara:

– Acho que não vou precisar do senhor, sr. Trinquet.

O escrivão de bigodes castanhos então deixava a sala levando o trabalho, que ele ia fazer Deus sabe onde, e isso significava que ele não falaria dos fatos propriamente ditos.

– Suponho que compreenda por que lhe faço perguntas que parecem não ter nenhuma relação com a acusação. Procuro de

certa forma estabelecer os fundamentos, delinear seu histórico pessoal.

Ouviam-se os rumores da cidade, janelas sendo abertas do outro lado da rua, pessoas entregues a seus afazeres cotidianos. O juiz não o impedia de se levantar quando ele sentia necessidade de relaxar, nem de andar de um lado para o outro ou ir plantar-se por um momento diante do espetáculo da rua.

– Por exemplo, eu gostaria que me falasse do seu cotidiano.

– O senhor sabe, varia de acordo com as estações e os dias da semana. Depende principalmente das feiras e mercados.

Dando-se conta de que acabava de falar no presente, Tony corrigiu-se com um arremedo de sorriso:

– Quer dizer, dependia. Eu acompanhava as feiras num raio de aproximadamente trinta quilômetros, as de Virieux, Ambasse, Chiron. Quer que eu cite todas?

– Isso é supérfluo.

– Nesses dias, eu saía bem cedo, às vezes às cinco da manhã.

– Sua mulher se levantava da cama para preparar seu café da manhã?

– Fazia questão. Noutros dias, eram compromissos que eu tinha nas fazendas, para uma demonstração ou o conserto de uma máquina. Além disso, recebia agricultores, que eu levava para visitar o hangar.

– Tomemos um dia comum.

– Gisèle era a primeira a se levantar, às seis.

Ela se esgueirava para fora da cama sem barulho, saía carregando seu penhoar cor de salmão e ele a ouvia acender o fogo no fogão, situado exatamente embaixo. Em seguida, ia ao quintal para jogar farelo às galinhas e dar de comer aos coelhos.

Perto das seis e meia, ele descia, sem tomar banho, apenas passando o pente nos cabelos grossos. A mesa era posta na cozinha, sem toalha, pois era forrada de fórmica. Comiam os

dois sozinhos, enquanto Marianne ainda dormia. Deixavam-na dormir o quanto quisesse.

– Isto é, até ela começar a escola. Aí passamos a acordá-la às sete horas.

– Eram vocês que a levavam?

– Só nos dois ou três primeiros dias.

– O senhor?

– Minha mulher, que aproveitava para fazer a feira. Caso contrário, descia para a cidade por volta das nove horas, passava no açougue ou na loja de frios, na mercearia...

– Na mercearia Despierre?

– É praticamente a única em Saint-Justin.

Durante a manhã, sobretudo, sob o teto rebaixado da loja, via-se sempre meia dúzia de mulheres tagarelando à espera da vez. Um dia, não lembrava mais por que cargas-d'água, comparara a loja a uma sacristia.

– Sua mulher nunca lhe pedia para trazer alguma coisa?

– Só quando eu ia a Triant ou a outra cidade, para coisas que faltavam na aldeia.

Pressentia que aquelas perguntas não eram tão inocentes quanto pareciam, mas nem por isso deixava de respondê-las com menos franqueza, esforçando-se para ser preciso.

– Nunca punha os pés na loja dos Despierre?

– Talvez uma ou duas vezes no mês... Numa manhã de faxina geral, por exemplo, ou quando minha mulher estava gripada.

– Qual era o dia da faxina geral?

– Aos sábados.

Como em quase toda parte. Segunda-feira era dia de lavar a roupa e terça ou quarta, dependendo do tempo, se a roupa secara ou não, de passar. A mesma coisa acontecia nas casas da aldeia e, certas manhãs, quintais e jardins se enfeitavam com a roupa espetada nas cordas dos varais.

– A que horas recebia sua correspondência?

– Não era entregue em nossa residência. O trem passa em Saint-Justin às 8h07 da manhã e os malotes são imediatamente levados para a agência do correio. Nossa localização, na ponta da aldeia, faz com que estejamos no fim do circuito do carteiro, que só passaria pela nossa casa por volta do meio-dia. Eu preferia ir à agência, onde muitas vezes tinha que aguardar o fim da triagem. Caso contrário, guardavam as cartas para mim.

– Voltaremos a isso. Ia a pé?

– A maior parte das vezes. Só pegava o carro quando tinha alguma coisa para fazer fora da aldeia.

– Um dia em cada dois? Em cada três?

– Em geral um em cada dois, menos no pico do inverno, pois no inverno eu viajava menos.

Teria sido preciso explicar todos os detalhes de sua profissão, o ritmo das estações, das culturas. Por exemplo, em seu retorno de Les Sables-d’Olonne, a temporada das feiras estava no auge. As vindimas começaram a seguir, depois a preparação das terras no outono, de maneira que ele estivera assoberbado.

Evitara, na primeira quinta-feira, passar na Rue Neuve para ver se Andrée colocara a toalha na janela. Já dissera isso ao juiz Diem, que insistira:

– Tinha decidido parar de vê-la?

– Eu não diria “decidido”.

– Seria porque recebia notícias dela por outras vias?

Dessa vez ele cometera um erro e se dera conta disso justo no instante em que abria a boca.

– Não recebi notícias dela.

Não era por ele que mentia. Tampouco tinha consciência de mentir por Andrée, por uma espécie de fidelidade ou honestidade masculina.

No dia desse interrogatório, Tony se lembrava de que chovia e de que o dr. Trinquet, o escrivão, estava à quina da mesa.

– O senhor voltou de Les Sables com sua mulher e sua filha no dia 17 de agosto. Na primeira quinta-feira, fugindo à regra, não foi a Triant. Tinha medo de encontrar Andrée Despierre?

– Talvez. Mas eu não empregaria a palavra “medo”.

– Adiante. Na quinta seguinte, o senhor tinha um encontro, às dez da manhã, com um certo Félicien Hurlot, secretário de uma cooperativa agrícola. Isso se deu no estabelecimento de seu irmão. O senhor almoçou lá com seu cliente e voltou a Saint-Justin sem passar pela Place du Marché. Seria igualmente para não dar de cara com sua amante?

Impossível responder. Com franqueza, não sabia. Passara semanas em claro, confusas, sem se fazer perguntas, sobretudo sem tomar decisões.

O que podia afirmar honestamente é que sentia Andrée mais longe dele que nos meses anteriores e que ele se demorava mais em casa, como se necessitasse do contato da família.

– Em 4 de setembro...

Enquanto o juiz falava, Tony vasculhava na memória o que podia significar aquela data.

– Em 4 de setembro, o senhor recebeu a primeira carta.

Ele ruborizara.

– Ignoro a que carta se refere.

– Seu nome e seu endereço, no envelope, haviam sido escritos em letra de imprensa. O selo trazia o carimbo de Triant.

– Não me lembro.

Ele continuava a mentir, julgando ser tarde demais para voltar atrás.

– O recebedor dos correios, o sr. Bouvier, lhe fez uma observação a respeito dessa carta.

Diem, puxando uma folha do inquérito, lia:

– *Eu disse a ele: Isso tem todo jeito de uma carta anônima, Tony. As pessoas que enviam cartas anônimas escrevem assim.*

“Isso não refresca sua memória?”

Ele balançava a cabeça, envergonhado por mentir, pois mentia mal, corava, fitava obstinadamente um ponto do espaço para que não lessem a perturbação em seus olhos.

A carta, que não trazia assinatura, nem por isso era anônima. O texto, brevíssimo, também fora composto em letra de imprensa.

Está tudo bem. Não tenha medo.

– Veja, sr. Falcone, estou convencido de que a pessoa que lhe escreveu e foi postar a carta em Triant não disfarçava a letra com medo de que o senhor a reconhecesse, e sim de que o recebedor a identificasse. Seria então alguém de Saint-Justin, alguém cuja letra normal é conhecida do sr. Bouvier. Na semana seguinte, um segundo envelope, com as mesmas características, chegou ao seu endereço.

– *Ora, ora!*, brincou o recebedor. *Devo ter me enganado. Quem sabe não tem uma história de amor nisso tudo.*

O texto não era mais extenso que o da primeira mensagem:

Eu não esqueço. Te amo.

Ele ficara tão impressionado com isso que não se atrevera mais a passar pela Rue Neuve, fazendo um desvio para alcançar a estação, onde costumava receber peças avulsas pelo expresso de carga.

Vivera semanas a fio angustiado, ora correndo feiras e fazendas, ora em casa, de macacão, trabalhando no hangar.

Mais assiduamente que antes, atravessava o terreno que o separava da casa, encontrando Gisèle ocupada em descascar

legumes, areando o ladrilho da cozinha ou, em cima, arrumando os quartos. Com Marianne na escola, a casa parecia mais vazia. Às quatro horas, quando ela voltava, ele sentia necessidade de ir vê-las na cozinha, onde elas lanchavam uma em frente à outra, com seu pote de geleia.

Disso também voltaremos a falar mais tarde, e mais de uma vez. Marianne só gostava de geleia de morango, ao passo que a mãe, a quem morangos, mesmo cozidos, davam urticária, preferia de ameixa.

No começo do casamento, achava graça dos gostos de Gisèle e pilheriava a respeito.

Por conta de seus cabelos louros, de sua tez pálida, de seu rosto esguio, as pessoas viam intuitivamente alguma coisa de angelical nela.

Ora, só lhe apeteciam os pratos condimentados, os arenques marinados, as saladas bem avinagradas e temperadas com alho, os queijos curados. Não era raro, quando trabalhava na horta, vê-la trincar uma grande cebola crua. Em contrapartida, não chupava uma bala e nunca tocava na sobremesa. Ele é que era louco por doces.

Havia, no casal, outras idiossincrasias. Seus pais, como bons italianos, haviam criado seu irmão e ele na religião católica, e suas recordações de infância eram recheadas de sons de órgãos, saídas de missa aos domingos de manhã, mulheres e mocinhas em vestidos de seda, que nesse dia não passavam nem pó de arroz nem perfume.

Conhecia todas as casas, todas as pedras da vila, ainda se lembrava, um dia ao voltar da escola, de ter amarrado o cadarço do sapato apoiando o pé em determinado marco de terreno, mas era a igreja que ocupava o maior espaço em sua memória, com seus três vitrais coloridos, atrás do coro, onde ardiam os círios. Os outros vitrais eram brancos. Aqueles três

estampavam os nomes dos doadores e, no da direita, figurava o nome de Despierre, um avô ou bisavô de Nicolas.

Ele continuava a ir à missa dominical com Marianne, enquanto sua mulher, que não era batizada, ficava em casa. Seu pai se declarava ateu, e a vida inteira lera apenas quatro ou cinco romances de Zola.

– Sou um simples operário, mas pode acreditar em mim, Tony, *Germinal*, veja você...

Viviam a contrapelo das outras famílias, cujos homens acompanhavam as mulheres até a porta da igreja e iam esvaziar canecas de chope no bar mais próximo, esperando o fim da missa.

– Ousaria afirmar, sr. Falcone, que, em especial durante o mês de outubro, não esperava por nenhum acontecimento?

Nada de preciso. Era antes um mal-estar, como os que precedem uma doença. Outubro fora um mês muito chuvoso. Tony usava o dia inteiro suas botas de cano alto e com cadarços e suas bombachas, que constituíam, junto com a japona marrom, seu uniforme de inverno.

Marianne, empolgada com a escola, só falava nisso durante as refeições.

– Também não guardou nenhuma lembrança da terceira carta? O sr. Bouvet tem a memória melhor que a sua. Segundo ele, o senhor a recebeu numa sexta-feira, como as anteriores, por volta de 20 de outubro.

Era a mais curta e preocupante.

Até breve! Te amo.

– Suponho que tenha queimado essas mensagens, bem como as que chegaram depois...

Não. Rasgara-as em pedacinhos, que lançara no Orneau. Engrossadas pelas chuvas, as águas amarronzadas arrastavam galhos de árvores, animais mortos, todo tipo de detritos.

– Minha experiência me diz que o senhor não vai demorar a mudar de tática. Em todos os outros pontos, o senhor parece ter respondido com franqueza. Eu ficaria surpreso se seu advogado não o aconselhasse a adotar a mesma atitude no que concerne às cartas, o que lhe permitiria me descrever qual era seu estado de espírito no fim de outubro.

Isso era impossível. Seu estado de espírito variava dependendo da circunstância. Fazia força para não pensar e sentia que Gisèle o observava com curiosidade, talvez inquietude. Ela não lhe perguntava mais:

– Em que está pensando?

Dizia, sem entusiasmo:

– Não está com fome?

Perdia o apetite. Saía três vezes de madrugada para colher cogumelos no pasto que os separava da ferraria, bem no alto, perto da grande cerejeira. Vendera vários tratores, dois deles à cooperativa agrícola de Virieux, que os alugava para pequenos fazendeiros e lhe encomendara, para os mesmos fins, uma colheitadeira-enfardadeira para o verão seguinte.

Era um ano próspero e ele teria condições de pagar uma parcela importante da dívida da casa.

– Chegamos a 31 de outubro. O que fez nesse dia?

– Fui visitar um cliente em Vermoise, a trinta e dois quilômetros, e trabalhei parte do dia num trator enguiçado. Não estava conseguindo descobrir o problema e almocei na fazenda.

– Voltou por Triant? Passou no seu irmão?

– Era meu caminho e tenho o costume de bater um papo com Vincent e Lucia.

– Não falou de suas apreensões? Nem de uma mudança possível, quando não provável, em sua vida?

– Que mudança?

– Retornaremos a isso mais tarde. O senhor voltou para casa e jantou. Depois disso, assistiu à televisão, instalada duas semanas antes. Foi o que o senhor declarou ao inspetor da polícia judiciária, cujo relatório tenho à minha frente. Subiu para deitar junto com sua mulher?

– Certamente.

– Não estava a par do que acontecia, aquela noite, a menos de quinhentos metros de sua casa?

– Como poderia estar?

– Está se esquecendo das cartas, Falcone. Verdade que nega sua existência, mas eu as levo em conta. Na segunda-feira, dia de Todos os Santos, o senhor desceu para a igreja, em torno das dez horas, segurando a mão de sua filha.

– Isso é exato.

– Passou então em frente à mercearia.

– As janelas estavam fechadas, como acontece aos domingos e feriados.

– As do primeiro andar também?

– Não olhei para cima.

– Sua indiferença significa que o senhor considerava rompidas suas relações com Andrée Despierre?

– Creio que sim.

– Ou não teria olhado porque já sabia?

– Eu não sabia.

– Havia uma aglomeração na calçada em frente à loja.

– Todos os domingos as pessoas se reúnem na praça, antes e depois da missa solene.

– Em que momento soube da morte de Nicolas?

– No início do sermão. Assim que subiu ao púlpito, o padre Louvette convidou os fiéis a rezar com ele pelo descanso da alma de Nicolas Despierre, falecido durante a noite aos trinta e três anos de idade.

– Qual foi sua reação?

– Fiquei chocado.

– Percebeu que depois das palavras do padre várias pessoas se voltaram para sua direção?

– Não.

– Tenho aqui o depoimento do ferrador de cavalos, Pirou, que também é guarda rural juramentado e afirma isso.

– É possível. Não vejo como os moradores de Saint-Justin poderiam estar cientes.

– Cientes do quê?

– De minhas relações com Andrée.

– À saída da igreja, o senhor não se demorou e evitou visitar a sepultura de sua mãe.

– Tínhamos combinado, minha mulher e eu, ir ao cemitério à tarde.

– No caminho, Didier, o ferrador de cavalos, seu vizinho mais próximo, juntou-se ao senhor e o acompanhou ao longo de um trecho. Ele lhe disse:

“— Claro que mais dia menos dia isso devia acontecer, eu só não esperava que fosse tão cedo. Conheço uma que vai ficar feliz!”

– Talvez tenha dito. Não me lembro.

– Estaria muito abalado para prestar atenção?

O que dizer? Sim? Não? Não havia palavras. Estava anestesiado. Lembrava-se apenas da mãozinha de Marianne numa luva de lã na concha da sua e da chuva que voltava a cair.

O telefone tocou na mesa do juiz e o interrogatório foi interrompido por uma longa conversa, em que se falava de um certo Martin, de uma joalheria e de uma testemunha que teimava em não dizer o que sabia.

Na medida em que podia compreender, Tony supunha que o procurador da República estava na outra ponta da linha, um homem com ares importantes com quem ele só estivera meia hora e lhe dava medo.

Diem, por sua vez, não lhe dava medo. Era uma sensação completamente diferente. Parecia-lhe bastar um empurrãozinho para se entenderem, e até se tornarem amigos, mas esse empurrãozinho não vinha.

– Desculpe, sr. Falcone – ele murmurou, desligando.

– Não foi nada.

– Onde estávamos? Ah, sim! A missa terminara e o senhor voltava para casa. Suponho que tenha comunicado a notícia à sua mulher...

– Minha filha se encarregou disso. Na porta de casa, largou minha mão e correu para a cozinha.

A casa exalava seu aroma tradicional de domingo, da carne assada que Gisèle, agachada diante do forno aberto, regava com molho. Comiam carne assada todo domingo, espetada com cravo-da-índia, com petit-pois e purê de batata de acompanhamento. Terça-feira era dia do cozido.

Na época, não se dava conta de como aquela rotina era reconfortante.

– Lembra-se das palavras de sua filha?

– Ela saiu gritando, toda esbaforida:

“– Mamãe! Uma notícia terrível! Nicolas morreu!”

– Qual foi a reação da sua mulher?

– Ela virou na minha direção, perguntando:

“– É verdade, Tony?”

Mentia novamente, por omissão, e seu olhar evitava o do juiz. Na verdade, Gisèle empalidecera e quase deixara cair a colher de pau. Ele estava tão aturdido quanto ela. Um tempo depois, ela murmuraria à meia-voz, sem se dirigir a ninguém em especial:

– Foi ele que me atendeu ainda ontem de manhã...

Essa frase, ele podia repeti-la ao juiz. Embora não houvesse nada realmente perigoso no que sucedera, preferia não mencioná-lo perante o magistrado. Marianne propiciara uma trégua.

– Eu vou ao enterro?

– Crianças não vão a enterros.

– Josette foi.

– Porque se tratava do avô dela.

Ela fora brincar no cômodo ao lado e foi então que Gisèle, sem olhar para o marido, deixara escapar:

– O que Andrée vai fazer?

– Não tenho ideia.

– Não é bom lhe dar os pêsames?

– Hoje não. Melhor durante o enterro.

– Acha que aconteceu ontem à tarde ou durante a noite?

Não foi mais a mesma pelo resto do dia.

– E nos dias seguintes? – perguntou o juizinho.

– Estive ausente de casa praticamente o tempo todo.

– Não procurou saber em que circunstâncias Nicolas tinha morrido?

– Não pus os pés no vilarejo.

– Nem para pegar a correspondência?

– Fui até a agência de correios, e só.

Diem consultava o inquérito.

– Vejo que, embora tenha fechado no dia de Todos os Santos, a mercearia abriu as portas no Finados.

- É costume na cidade.
- Quem estava atrás do balcão?
- Ignoro.
- Sua mulher não fez compras nos Despierre esse dia?
- Não me lembro. Provavelmente sim.
- Ora, ela não comentou nada em casa?
- Não.

A única coisa que ele sabia é que chovia, o vento sacudia as árvores e Marianne estava irritada, como todas as vezes em que o mau tempo a impedia de brincar do lado de fora.

– Vou lhe dizer o que se passou na mercearia. Nos últimos dias, Nicolas Despierre andava nervoso, taciturno, o que em geral anunciava uma crise.

“Nesses momentos, ele tomava, todas as noites, receita do dr. Riquet, que nos confirmou o fato, um comprimido de brometo.

“Em 31 de outubro, sua mãe veio visitá-lo em torno das oito da noite, depois do jantar, enquanto Andrée lavava a louça, e se queixou de estar pegando uma gripe.”

Aquela história era conhecida de Tony, que ouvira falar nela.

– Sabia, sr. Falcone, que aquela noite, excepcionalmente, o dr. Riquet estava ausente de Saint-Justin até a manhã do dia seguinte porque fora a Niort visitar uma freira doente?

– Eu ignorava.

– Suponho que ele era o médico da sua família também. Logo, o senhor sabe que ele praticamente nunca se ausentava ou tirava férias. Na véspera, no fim da manhã, ele fora à mercearia para ver o estado de Nicolas e comunicar sua viagem.

Com sua barba encaracolada, o médico tinha aspecto de poodle e não recusava um carteador regado a canecas de chope no bar da Estação.

– Acrescente à sua ausência a gripe da sra. Despierre. Vê aonde quero chegar? Às três da madrugada, sua amiga Andrée telefonou para o médico como se ignorasse sua ausência. Conseguiu falar apenas com a empregada na outra ponta da linha, pois a sra. Riquet acompanhara o marido.

– Em vez de chamar um médico de Triant, ela foi, de penhoar, acordar a sogra do outro lado do jardim, e, quando as duas mulheres entraram no quarto, Nicolas estava morto.

Ele escutava, incomodado, sem saber que atitude tomar.

– A sra. Despierre, em face do adiantado da hora, julgou inútil mandar chamar um médico de fora, e foi só no dia seguinte, às onze da manhã, que o dr. Riquet chegou à cabeceira de Nicolas.

“Tendo em vista os antecedentes, ele mal o examinou antes de assinar a autorização para o enterro. Mais tarde, expôs as razões médicas pelas quais noventa por cento de seus colegas teriam agido da mesma forma em seu lugar.

“Isso não impediu que, logo no dia seguinte, uma onda de boatos varresse o vilarejo. Não soube de nada?”

– Não.

Estava sendo sincero, dessa vez. Só bem mais tarde soubera, com estupor, que já nessa época associavam seu nome ao de Andrée.

– Conhece a província melhor do que eu, sr. Falcone. Logo, não deve estranhar que esses rumores raramente cheguem aos ouvidos dos implicados e quase nunca aos da polícia ou da administração.

“Só com o passar dos meses e o surgimento de fatos novos é que as línguas desataram. Mesmo assim, o inspetor Mani e eu tivemos que penar para obter depoimentos sinceros.

“Chegamos lá graças a muita paciência, e tenho aqui um dossiê volumoso, que foi repassado ao seu advogado. O dr. Demarié deve ter lhe comunicado.”

Ele fazia que sim com a cabeça. Na realidade, ainda não compreendia. Durante onze meses, ele e Andrée haviam tomado todas as precauções imagináveis para que ninguém suspeitasse de suas relações.

Não só Tony evitava na medida do possível pôr os pés na mercearia, como, quando obrigado a isso, se dirigia preferencialmente a Nicolas, ignorando a mulher. Se porventura cruzava com ela na multidão, no mercado de Triant, limitava-se a cumprimentá-la com um gesto vago.

Exceto pelo rompante de setembro, na beira da estrada, só se haviam encontrado no quarto azul, aonde chegavam separadamente, cada um por uma porta diferente, cada um deixando os respectivos carros a uma boa distância do hotel.

Nem seu irmão nem sua cunhada haviam dado com a língua nos dentes, tinha convicção disso. Depositava igual confiança na discrição de Françoise.

– Tanto associavam os nomes de vocês dois que no enterro era para os dois que todos os olhares se dirigiam, enquanto sua mulher era objeto de comiseração.

Ele sentira isso e se assustara.

– Difícil saber a origem desse tipo de rumores, porém, quando deflagrados, nada mais é capaz de detê-los. Primeiro, murmuraram que a morte de Nicolas vinha bem a calhar e que a mulher dele devia estar se sentindo aliviada.

“Depois, alguém notou a ausência do médico naquela noite, ausência providencial para qualquer um que pretendesse se livrar do dono da mercearia, sugerindo que ele sucumbira a uma de suas crises.

“Se tivesse sido chamado mais cedo, quando Nicolas ainda estava vivo, o dr. Riquet sem dúvida teria feito outro diagnóstico.”

Tudo isso era verdade. Não havia nada a replicar.

– Muitos também notaram que o senhor estava na última fila, como se para guardar a maior distância possível entre sua amante e o senhor, e seu comportamento foi considerado um stratagem por alguns.

Secou o suor do rosto com o lenço. Vivera meses sem sequer desconfiar que era espionado, que todos sabiam, em Saint-Justin, que ele era amante de Andrée e se perguntavam o que ia acontecer.

– Com toda a franqueza, Falcone, acha que sua mulher estava menos bem informada que os outros e não espreitava alguma coisa?

Ele balançou a cabeça, sem energia, pois não tinha mais certeza de nada.

– Supondo que soubesse de suas relações com Andrée, ela teria lhe falado?

– Talvez não.

Com certeza não. Não era de seu temperamento. Prova disso é que jamais aludira a outras aventuras, as quais decerto não ignorara.

Por nada no mundo teria aceitado reviver aquele inverno e, não obstante, nunca tivera sensação tão forte de pertencer aos seus, sensação de que eram três, de que formavam um todo, sensação de intimidade quase animal, como se ele estivesse acuado no fundo de uma toca com sua fêmea e sua cria.

A atmosfera da casa, pintada com as cores tão alegres que ele escolhera, se tornara sufocante, opressiva. Quando os negócios exigiam, ele só se afastava a contragosto, consciente de um perigo, de um drama que poderia se produzir em sua ausência.

– Não viu sua amante durante todo o inverno, sr. Falcone?

– Talvez a tenha visto de longe. Juro que não lhe dirigi a palavra uma vez sequer.

– Não foi encontrá-la no seu irmão?

- A razão era mais forte ainda.
- Ela não expôs o sinal várias vezes?
- Só vi uma vez. Às quintas-feiras, em especial, eu evitava a Rue Neuve.
- Quer dizer que passou por lá uma quinta-feira. Em que época?
- No início de dezembro. Eu estava a caminho da estação e resolvi cortar caminho. Fiquei surpreso ao ver a toalha na janela e me perguntei se era intencional.
- Não foi a Triant nesse dia?
- Não.
- Viu o 2 CV passar?
- Na ida, não. Quando voltou. Eu estava no meu escritório quando ouvi as duas ou três buzinas que Andrée pareceu me enviar.
- Seu irmão lhe falou dessa visita?
- Falou.
- Contou que ela tinha subido direto para o quarto azul, que, segundo Françoise, se despira e o esperara, na cama, por mais de meia hora?
- Contou.
- Que recado ela deixou com Françoise?
- Para me dizer que era indispensável que tivéssemos uma conversa.
- Françoise descreveu o estado dela após essa meia hora de espera?
- Ela me confessou que teve medo de Andrée.
- Por quê?
- Não soube explicar.
- Teve uma conversa com seu irmão a respeito?
- Sim. Ele me aconselhou a terminar. Foram as palavras que ele empregou. Respondi que isso estava feito havia muito

tempo. Ele replicou:

“– Pode ter terminado para você. Para ela, não!”

As chuvas haviam perdurado até meados de dezembro, alagando os pastos da várzea, seguidas por um frio intenso, depois, no dia 20 ou 21, pela neve. Marianne não cabia em si de felicidade, e todas as manhãs se precipitava para a janela a fim de certificar-se de que a neve não derreteria.

– Eu queria tanto que durasse até o Natal!

Ainda não tivera a sorte de um Natal branco. Nos anos anteriores, ou choveu ou geou.

Agora que era grande, como dizia cheia de si depois que entrou na escola, ajudara o pai a enfeitar o pinheiro e fora ela quem colocara os pastores e carneiros de gesso em volta do presépio.

– Afirma que não sabia nada do que se passava na casa dos Despierre?

– Sabia, pela minha mulher, que a mãe voltara a trabalhar na loja, mas que as duas mulheres continuavam sem se falar.

– Não teve uma história de processo?

– Ouvi uma conversa a esse respeito num bar.

Sua profissão o obrigava a passar certo tempo nos botecos do vilarejo, quase todos mal iluminados, onde os homens permaneciam horas a fio imóveis diante de canecas de chope, conversando cada vez mais alto. Havia seis bares em Saint-Justin, três deles, é verdade, frequentados apenas nos dias de feira.

– Também pensava que elas iam acabar nos tribunais?

– Repito, sr. juiz, que não me interessava por isso.

– E não estava nem ao menos a par da situação?

– Igual a todo mundo. Diziam que a velha Despierre, por mais esperta que fosse, fizera um mau negócio, e que Andrée, no fim das contas, estava prestes a se dar bem.

- Ignorava se isso procedia?
- Como eu iria saber?
- Sua amante, durante os onze meses de suas relações, não lhe contou que era casada no regime de comunhão de bens?
- O casamento dela nunca esteve em pauta em nossas conversas.

Haviam se falado muito pouco, na verdade, e teriam feito melhor ainda se calando completamente. Prova disso é que o juiz Diem voltava mais uma vez à última quinta-feira no quarto azul.

- Em todo caso, vocês se referiram a um futuro em comum.
- Eram frases inconsequentes, que não pronunciávamos a sério.
- Andrée também não? Tem certeza disso? Permita-me lembrar que, dois meses antes da morte do marido, ela considerava essa possibilidade.

Ele ia protestar, mas Diem prosseguia:

- Talvez não de modo explícito. Nem por isso deixava de aludir à morte do marido ao perguntar o que o senhor faria se ela estivesse livre.

Teria dado tudo, um braço, uma perna, um olho, para que determinadas palavras nunca tivessem sido pronunciadas. Sentia vergonha de havê-las escutado sem revolta, odiava o Tony em pé diante do espelho, estancando o sangue do lábio, orgulhoso de estar nu dentro de um raio de sol, de ser um belo macho que admiravam, orgulhoso de ver seu esperma escorrer da vagina de uma fêmea.

— *Passaria a vida inteira comigo?*

Um pouco mais tarde:

— *Ainda está sangrando?*

Exultava por tê-lo mordido, por obrigá-lo a chegar em casa e expor à mulher e à filha o vestígio de seus arroubos!

— *O que dirá se ela perguntar?*

Ela era Gisèle, e ele falava dela de passagem, como se não tivesse importância.

— *Direi que bati... No para-brisa do carro, por exemplo, uma freada brusca...*

Era tão óbvio que se tratava de uma desculpa esfarrapada que, quando Marianne, e não Gisèle, comentara o arranhão no lábio, ele mudara a explicação e substituíra o para-brisa por um poste.

— *Passaria a vida inteira comigo?*

O que teria acontecido se o trem não tivesse apitado, como se lançando uma advertência, quando, com sua voz gutural, ela pronunciava:

— *Seja sincero, Tony. Se eu ficasse livre...*

Chegara a detestar essas palavras!

— *Você ficaria livre também?*

Devia confessar ao juiz que aquelas frases zumbiram em seus ouvidos o inverno inteiro, que as ouvia à mesa, na cozinha com os vidros embaçados, que até as murmurara furtivamente no momento em que sua filha descobria os presentes ao pé da árvore de Natal?

— A mercearia da Rue Neuve — continuava Diem, implacável —, as casas, as fazendas, a aldeia de La Guipotte hoje pertencem às duas mulheres, e Andrée Despierre tem todo o direito de reivindicar que o lote dos bens vá a leilão a fim de receber seu quinhão da herança.

Deixava pairar um longo silêncio.

— Falou-se muito nisso em Saint-Justin, não foi?

— Acho que sim.

— Não se dizia que a velha Despierre não aceitaria ver parte de seu patrimônio cair em mãos estranhas? Não foi essa a razão de sua volta à mercearia, para o lado de uma nora que ela detesta

e a quem nem sequer dirige a palavra? A decisão dependia de Andrée. A decisão de Andrée dependia da sua...

Impossível conter o sobressalto, abrir a boca para objetar.

– Repito o que corria à boca pequena. Era por isso que todos o observavam, perguntando-se que partido iria tomar. A velha Despierre nasceu aqui, pertence ao lugar, mesmo que lhe critiquem a avareza e a antipatia.

“Em contrapartida, ninguém nunca gostou da arrogância de Andrée, que só era tolerada em respeito à memória do pai.

“Quanto ao senhor, não só é de origem estrangeira, como ficou fora do país durante dez anos e todos se perguntaram por que regressara.”

– Aonde quer chegar?

– A nada de preciso. As apostas estavam abertas. Muitos esperavam que Andrée conseguisse o leilão a despeito de tudo, recorrendo aos tribunais se preciso fosse, e que, uma vez de posse do capital, abandonasse Saint-Justin em sua companhia.

“Quem mais atraía compaixão era sua mulher, apesar de suas relações bastante vagas com as pessoas do lugar. Sabe como alguns a tratavam? *A senhorinha tão simpática e que sofre tanto.*”

Diem sorria, apontando um dos dossiês com o indicador.

– Tudo que lhe repito hoje está aqui, preto no branco. Eles terminaram falando. Seu advogado, repito, possui cópia do dossiê. Ele poderia estar presente aos interrogatórios. Foi ele, com sua anuência, que preferiu deixá-lo se virar sozinho.

– Fui eu que pedi a ele.

– Sei disso. Embora não entenda por quê.

De que serviria explicar que, no confessionário, não se constrangia com a presença do padre atrás da treliça, mas que uma terceira pessoa o teria emudecido? Diem, contudo, a despeito do espanto fingido, sabia disso, tanto que, no

momento de abordar um ponto delicado ou assunto íntimo, tomava o cuidado de dispensar o escrivão.

– E agora, sr. Falcone, que tal passarmos às duas últimas mensagens, a do final de dezembro e a de 20 de janeiro?

5

Seu advogado era outro que teimava em lhe falar das cartas.

– Por que não confessa a verdade sobre esse ponto, como fez em relação a outras questões? Está mais que provado que recebeu essas cartas. É inimaginável que o funcionário do correio de Saint-Justin as tenha inventado.

Ele repetia, como uma criança que mentiu e, por orgulho, insiste na mentira:

– Ignoro do que se trata.

Nele, contudo, isso não era orgulho, talvez um resíduo de fidelidade ao quarto azul. Nunca tivera intenção de se casar com André. Mesmo que ambos estivessem livres e desimpedidos, ou não fossem casados, nunca lhe passaria pela cabeça fazê-la sua mulher.

Por quê? Não fazia ideia.

– Admita que a paixão dela o assustava – sugerira o professor Bigot. – Deve ter sido um choque, aquela noite de setembro na orla do bosque, descobrir que a pessoa a quem o senhor chamava de estátua, serena e fria, era capaz de se transformar em fêmea lasciva.

– Fiquei surpreso.

– Lisonjeado também, possivelmente. Pois os fatos levam a crer que ela era sincera ao dizer que o amava desde os bancos escolares.

– Eu me senti um pouco responsável.

– Responsável por essa paixão?

– A palavra não é bem essa. Eu tinha a impressão de que lhe devia alguma coisa. Desculpe a comparação, que não é feliz. Quando um gato perdido segue uma pessoa miando desesperadamente e depois não sai mais da sua porta, a pessoa se sente responsável pelo que pode lhe acontecer.

Bigot parecia compreender. Essa entrevista se desenrolara na segunda ou terceira semana de Tony na prisão. Na primeira vez em que o haviam buscado para levá-lo ao tribunal, tiveram de tomar precauções excepcionais, por causa dos jornalistas, fotógrafos e curiosos aglomerados nas escadarias.

Quando ele se preparava para embarcar no camburão, o diretor do presídio, alertado por um telefonema do Ministério Público, interviu e o haviam reconduzido à sua cela, onde ele permanecera por cerca de uma hora.

Quando o levaram de novo, não eram mais guardas que o escoltavam, e sim o inspetor Mani e outro policial à paisana. O camburão não estava mais no pátio do presídio, uma vez que, para driblar a multidão, fora despachado antes, com dois réus quaisquer.

Ele, por sua vez, embarcava num carro comum, sem marca específica, que estacionara atrás do tribunal, próximo a uma portinhola.

Esse jogo se repetiu ao longo de duas semanas. A população, atizada pela imprensa, se insurgira contra ele e ameaçava linchá-lo.

Agora, transcorridos dois meses, a maioria dos repórteres de Paris e das grandes cidades havia deixado Poitiers, delegando a tarefa de acompanhar o caso aos correspondentes locais e representantes das agências.

Já tinha visto, em revistas e noticiários dos cinemas, réus, protegidos pela força pública, rasgando a multidão em direção à

porta de um tribunal ou uma prisão e fazendo de tudo para esconder o rosto.

Era ele que desempenhava esse papel agora, com a diferença de que não tapava o rosto. Teria, como os outros, o olhar de alguém que já não pertence mais à sociedade humana e se pergunta por quê?

Conservava o sangue-frio. Com o juiz de instrução, não se sentia um homem pressionado. Respondia o melhor que podia, como aluno aplicado, procurando mostrar-se sincero e preciso, menos quando se tratava das cartas. Estava convencido de que, se cedesse naquele ponto, seria tragado por uma engrenagem infinda.

Recebera a carta de dezembro na noite do Ano-Novo, quando a neve congelada estalava com os passos. Uns já diziam aos outros:

– Feliz ano-novo!

– Para você também!

O céu estava claro, o ar, seco e incisivo. Meninos haviam improvisado um escorregador no meio da Rue Neuve e se lançavam uns atrás dos outros. O funcionário do correio não comentara nada ao lhe estender sua correspondência, pela qual Tony costumava passar os olhos num canto da agência do correio.

Feliz ano-nosso.

O impacto no peito e o espasmo haviam sido mais violentos que das outras vezes. Farejava naquela mensagem uma ameaça misteriosa. As palavras haviam sido escolhidas a dedo, isso era evidente, e ele procurava traduzi-las. O “ano-nosso” não revelava o fundo do pensamento de Andrée?

Tivera de queimar aquela mensagem de fim de ano, pois o Orneau estava praticamente seco, e as margens, cobertas com uma película de gelo.

Na manhã seguinte, foram os três saudar o venerável Angelo. Seu pai, por assim dizer, não falara nada, evitando olhar para Marianne, Tony julgava saber por quê. Não lhe evocava ao mesmo tempo a filha e a mulher mortas?

À tarde, como nos anos anteriores, foram visitar seu irmão, que era obrigado a manter o hotel e o café abertos.

De manhã cedo, na cozinha, onde encontrara a mulher entregue às suas tarefas, ele a apertara contra si, mantendo por um bom tempo a cabeça dela contra seu ombro.

– Feliz ano-novo, Gisèle.

Teria ela sentido que ele pusera mais fervor naquelas palavras do que nas outras vezes? Teria compreendido que ele estava inseguro e não ousava acreditar num ano feliz?

– Feliz ano-novo, Tony.

Ela o fitara em seguida, sorrindo, mas, como nunca ia até o fim de um sorriso, isso o deixara mais melancólico do que alegre.

Depois que Marianne passou a frequentar a escola, ele e a mulher faziam as refeições do meio-dia a sós. Muitas crianças vinham de fazendas situadas a quilômetros de distância e não tinham tempo de ir almoçar em casa. O professor montara uma cantina e Marianne, apaixonada pela escola, suplicara aos pais que a deixassem comer lá.

– Isso vai passar. Tenho certeza de que ano que vem ela mudará de opinião.

Nem sempre era fácil para Tony permanecer sentado diante de Gisèle sem deixar trair sua preocupação. Do que falavam? Ambos temiam o silêncio e conversavam sobre qualquer assunto, pronunciando sem convicção frases sem importância e

sobressaltando-se quando subitamente surpreendidos pelo vazio.

A última carta agravara ainda mais as coisas. Era quase uma ordem que Andrée lhe dava, bem como um lembrete do que ela considerava uma promessa. O texto trazia apenas duas palavras, traçadas em maiúsculas e ocupando a largura da página.

Sua vez!

Ele abrira o envelope, como sempre, na agência do correio, na mesa em que ficavam a tinta roxa, uma pena quebrada, fórmulas de telegramas e editais. Ele não saberia dizer como se comportara em seguida, mal, sem dúvida, uma vez que o sr. Bouvier, atrás de seu guichê, lhe perguntara solicitamente:

– Más notícias, Tony?

Eis o seu depoimento:

– Eu nunca o tinha visto daquele jeito. Parecia um homem que acabava de ouvir a própria sentença de morte. Olhou para mim sem responder e não tenho certeza se me via, pois saiu correndo, deixando a porta aberta.

Por sorte estava com o carro aquele dia, pois tinha algumas fazendas para visitar. Arrancou e seguiu reto à sua frente, os olhos vítreos, sem se preocupar com os clientes à sua espera. Rodava a esmo, tentando desesperadamente interpretar as duas palavras de uma maneira tranquilizadora, dando-se ao mesmo tempo conta de que se iludia.

Andrée quisera apenas dizer:

– Agora é sua vez de agir!

— *Quando penso em todos os anos que perdi por sua culpa...*

Não estava mais disposta a perdê-los. Agora que se apossara dele, ia finalmente realizar seu sonho de criança, de

adolescente, de mulher.

Era verossímil ter esperado aquele tempo todo por Tony, sem que nada a desviasse de sua obsessão?

O psiquiatra parecia acreditar nisso. Possivelmente tratara casos similares.

Ela lhe dizia, de uma vez por todas, resumindo seu pensamento em duas palavras:

— Fiz a minha parte. Agora é sua vez de agir.

Caso contrário... Pois uma ameaça estava subentendida. Ele não protestara quando ela o interpelara atrás dele:

— *Seja sincero, Tony. Se eu ficasse livre...*

Ela estava livre havia dois meses, ele se recusava a saber em decorrência de que circunstâncias. Livre e rica. Tinha o direito de dispor, sem dar satisfação a ninguém, do resto de sua existência.

— *Você ficaria livre também?*

Ele não respondera. No fundo, ela não sabia que ele evitara responder de propósito? Tudo bem, houve aquele ruído estrepitoso, terrível, da locomotiva. Andrée bem podia ter imaginado que ele dissera sim ou aquiescera com a cabeça.

— *Sua vez!*

Que providência ela esperava que ele fosse tomar, desconsiderando a possibilidade de uma recusa?

Que se divorciasse? Fosse até Gisèle e declarasse à queima-roupa...

Isso era impensável. Não tinha nenhuma censura a fazer à mulher. Escolhera-a com conhecimento de causa. Não era uma amante frenética que ele desejava desposar, e sim, exatamente, a mulher que ela era, e a contenção de Gisèle não o desagradara, ao contrário.

Ninguém passa a vida inteira numa cama, num quarto vibrante de sol, padecendo o furor de dois corpos nus.

Gisèle era sua companheira, a mãe de Marianne, a primeira a descer de manhãzinha para acender o fogo, que mantinha a casa limpa e alegre e, quando ele voltava, não lhe fazia perguntas.

Envelheceriam juntos, mais próximos um do outro, pois compartilhariam as recordações, e acontecera a Tony imaginar as conversas que teriam mais tarde, quando pressentissem a chegada da velhice.

– Lembra-se da sua grande paixão?

Quem sabe? Com a idade, o sorriso de Gisèle amadureceria, distendendo por completo seus lábios. Ele responderia, entre lisonjeado e encabulado:

– Não exagere, vá.

– Você não se via, quando voltava de Triant.

– Eu era moço.

– Ainda bem que eu conhecia você. Mesmo confiando em você, eu não deixava de sentir um pouquinho de medo. Em especial depois da morte do Nicolas. Ela estava finalmente livre.

– Ela tentou...

– Obrigá-lo a divorciar-se? No fundo, me pergunto se ela não o amava mais que eu.

Ele lhe daria a mão, ao crepúsculo. Pois imaginava essa cena na soleira de sua casa, no verão, ao cair da noite.

– Sinto pena dela. Mesmo naquela época havia dias em que eu sentia pena dela.

E eis que lhe ordenavam, em duas palavras, que terminasse com Gisèle!

Sua vez!

Quanto mais as revirava na cabeça, mais elas se tornavam sinistras. Andrée não se divorciara. Nicolas estava morto. Ninguém, exceto ela, assistira à sua agonia, no quarto da

sobreloja. Aguardara que ele expirasse para ir até o fundo do quintal avisar a sogra.

Era de fato um divórcio que ela cogitava para ele?

Sua vez!

Fora de si, ele às vezes gritava pelas estradas, sem saber onde estava:

– Sua vez! Sua vez! Sua vez! Sua vez...

De que meios dispunha para dissipar aquele pesadelo? Ir até a casa de Andrée e declarar categoricamente:

– Não abandonarei minha mulher. Eu a amo.

– E eu?

Ousaria responder:

– Não te amo.

– No entanto...

Ela era capaz de ir até o fundo de seu pensamento, desafiando-o com o olhar:

– No entanto, permitiu que eu matasse Nicolas.

Ele suspeitara disso imediatamente. Gisèle também. E a maioria dos moradores do lugar. Era apenas uma suposição. Ignorava-se o que acontecera. Talvez ela o tivesse deixado morrer, sem lhe prestar socorro.

Ele não tinha nada a ver com isso.

– Você sabe muito bem, Andrée, que...

Não podia sequer fugir dela, abandonando Saint-Justin com a família. Não terminara de pagar a casa, o hangar, as ferramentas. Só agora começava a conhecer certa prosperidade e a dar uma vida confortável aos seus.

Aquilo era incoerente, inverossímil. Terminara por sair do carro em frente a uma taberna, para beber. Conheciam tão bem sua sobriedade que a mulher que o servia, vigiando um bebê sentado no chão, o observava, preocupada. Mais tarde, ela também viria a depor.

O inspetor Mani não se deixou desanimar pelo laconismo das pessoas do lugar, voltando à carga tantas vezes quantas julgara necessário.

– Quer que eu leia o depoimento do funcionário do correio relativo a essa última carta?

– Inútil.

– Afirma que ele mentiu, inventou o incidente da porta deixada aberta?

– Não afirmo nada.

– Um dos fazendeiros com quem devia encontrar-se naquela manhã telefonou para sua casa para saber se o senhor se atrasara ou não viria. Sua mulher respondeu que o senhor estava a caminho. Isso é exato?

– Provavelmente.

– Aonde tinha ido?

– Não me lembro.

– Curioso, sua memória não costuma falhar. No Auberge des Quatre Vents, não tomou cerveja nem vinho, mas aguardente. Era raro ingerir álcool. Consumiu quatro doses, uma atrás da outra, depois consultou o relógio, atrás do balcão, e pareceu admirar-se de já ser meio-dia...

Pisou fundo no acelerador para chegar em casa a tempo do almoço. Gisèle percebeu que ele tinha bebido. Por um momento, ele a odiara por isso. Será que tinha o direito, simplesmente porque era casada com ele, de passar o tempo todo a observá-lo? Estava cansado de ser espionado! Ela não dizia nada, é verdade, mas era pior do que se o recriminasse.

Ele era livre! Era um homem livre! E, agradasse ou não à mulher, era o chefe da família. Era ele que os mantinha, ele que trabalhava feito um burro de carga para tirá-los de sua mediocridade! Era ele o responsável!

Ela se calava e, do outro lado da mesa, ele se calava também. Às vezes, ele olhava de soslaio para ela, um pouco envergonhado, sabendo, no fundo, estar errado. Não deveria ter bebido.

– Sabe, não é culpa minha. Com os clientes, a gente não pode recusar.

– A propósito, Brambois ligou.

Por que então o obrigavam a mentir? Pois aquilo o humilhava, soando-lhe como uma ofensa.

– Não tive tempo de ir à fazenda dele porque me prenderam em outro canto.

Sua vez! Sua vez! Sua vez!

Ela estava ali, diante dele, comendo qualquer coisa que ele nem sabia o que, tentando não olhar para ele, pois percebia seu estado irascível.

O que Andrée esperava dele? Que a matasse?

Ufa! Chegara lá. Finalmente ousava encarar os pensamentos fermentados em sua cachola. Será que o professor Bigot, com suas perguntas prudentes, que se aprofundavam cada vez mais, feito uma furadeira, não tinha ajudado um pouquinho?

Não lhe contara tudo, naturalmente. Desafiando as evidências, continuara a negar as cartas.

Nem por isso, naquele dia, dia da última mensagem e das quatro doses de aguardente, aguardente do lugar, com 65 graus, que fazia arder a garganta, ele deixara de se fazer a pergunta, almoçando com a mulher.

Era isso que Andrée exigia dele? Que matasse Gisèle?

De repente, sem transição, sua ebriedade tornou-se sentimental. Sentia-se culpado. Tinha necessidade de pedir perdão. Estendia a mão por cima da mesa para pegar a da mulher.

– Escute! Não me queira mal por isso. Estou um pouco bêbado.

– Descanse um pouco depois do almoço.

– Isso a deixa chateada, certo?

– Claro que não.

– Claro que sim. Não estou me comportando como deveria.

Sua intuição o advertia de que se aventurava em terreno perigoso.

– Está com raiva de mim, Gisèle?

– Por quê?

– Vamos, às vezes abuso da sua paciência.

– Prefiro quando está feliz.

– E acha que não estou? É isso? O que me falta? Tenho a melhor mulher do mundo, uma filha igual a ela e que adoro, uma bela casa, os negócios vão de vento em popa. Por que eu não seria feliz, vamos! Ótimo! Às vezes tenho minhas aporrinhações. Quando se nasce num barraco sem eletricidade nem água corrente de La Boisselle, não é tão fácil se estabelecer por conta própria como as pessoas imaginam. Pense no caminho percorrido desde que conheci você em Poitiers. Eu não passava de um operário.

Falava, falava, exaltando-se na mesma proporção.

– Sou o mais feliz dos homens, Gisèle, e, se alguém afirmar o contrário, diga-lhe de minha parte que está mentindo. O mais feliz dos homens, ouviu?

Lágrimas lhe brotavam dos olhos, um soluço ameaçava rebentar em sua garganta e ele correria para o primeiro andar, onde se trancara no banheiro.

Ela nunca mais voltaria ao assunto.

– Desculpe lhe fazer a pergunta de novo, sr. Falcone. É a última vez. Recebeu aquelas cartas?

Tony balançava a cabeça como se para dizer que não podia fazer outra coisa senão negar. Diem esperava por isso e voltou-se para o escrivão.

– Por favor, vá buscar a sra. Despierre.

Se Tony estremeceu, mal se notou. Em todo caso, não manifestou a emoção que o magistrado esperava. A razão disso era que, para todo mundo em Saint-Justin, a sra. Despierre era a mãe de Nicolas, não sua mulher, a quem não passaria pela cabeça de ninguém chamar assim. A nora era Andrée ou, para os mais idosos, a filha dos Formier.

Duvidava que o depoimento da velha comerciante pudesse esclarecer o caso das cartas. Repugnava-o apenas a ideia de se ver em sua presença. Levantara-se mecanicamente. Esperava, em pé, de perfil para a porta.

E de repente, quando a porta se abriu, viu-se frente a frente com Andrée. Um homem corpulento, com pinta de *bon-vivant*, a seguia, bem como um guarda, mas Tony não enxergava senão ela, senão seu rosto branco, que um vestido preto tornava ainda mais branco.

Ela também o fitava, serena, um vago sorriso lhe suavizando as feições; era como se calmamente tomasse posse dele, incorporando-o a seus pertences.

– Bom dia, Tony.

Sua voz gutural, roufenha, envolvente. Ele não respondera:

– Bom dia, Andrée.

Não teria conseguido. Não tinha vontade. Cumprimentou-a desajeitadamente com a cabeça, voltando-se para Diem, como se pedindo proteção.

– Tire as algemas dela.

Sempre sorridente, ela estendeu os pulsos para o guarda, e ouviu-se o duplo clique que ele tão bem conhecia.

Em Saint-Justin, nas raras vezes em que a vira depois da morte de Nicolas, ele não notara que ela trajava luto. Seu rosto, na prisão, inchara, seu corpo ganhara volume, justo o suficiente para compactá-la um pouco mais em suas roupas, e era a primeira vez que ele a via usando meias pretas.

O guarda saiu, houve um instante de hesitação. Todo mundo permanecia em pé no gabinete exíguo, em que o sol batia em cheio. O escrivão foi o primeiro a sentar-se diante de seus papéis, na ponta da mesa, enquanto o homem gordo que acompanhava Andrée observava, surpreso:

– Meu colega Demarié não veio?

– O sr. Falcone não deseja sua presença, a menos que, para esta acareação, ele mude de ideia. Nesse caso, seria fácil encontrá-lo, pois ele me informou que estaria no tribunal até as seis horas. Qual é sua decisão, sr. Falcone?

Ele teve um sobressalto.

– Deseja que eu chame seu advogado?

– Para quê?

Então o juiz Diem e o dr. Capade caminharam para a janela, onde tiveram, à meia-voz, uma conversa técnica. Sempre em pé, Tony e Andrée estavam a apenas um metro um do outro. Ele quase poderia tocá-la. Ela continuava a fitá-lo com os olhos extasiados de uma criança que enfim recebe o brinquedo não mais esperado.

– Tony...

Era quase um murmúrio. Apenas os lábios se moviam, desenhando seu nome. Quanto a ele, fazendo força para focar outro ponto no espaço, sentiu-se aliviado quando, terminada a conversa, o magistrado estendeu uma cadeira à jovem mulher.

– Sente-se. O senhor também, sr. Falcone. Há outra cadeira, doutor.

Depois que todos se instalaram, ele procurou em suas pastas e retirou de uma delas uma pequena agenda, encapada num tecido acetinado preto, igual às vendidas na mercearia.

– Reconhece este objeto, sra. Despierre?

– Já falei que sim.

– Exato. Sou obrigado a lhe fazer algumas perguntas que já fiz anteriormente e lembro que, embora suas respostas estejam registradas, isso não a impede de voltar atrás em suas declarações ou corrigi-las.

Mostrava-se mais formal do que com Tony, quase pomposo, talvez devido à presença do advogado. Folheando as páginas da agenda, murmurava:

– Nesta agenda estão anotadas sobretudo compras a serem feitas, consultas de dentista ou idas à costureira. Trata-se da agenda do ano passado, e as datas de seus encontros com Tony Falcone estão assinaladas.

Ele não imaginava que aquela agenda iria desempenhar papel tão crucial, muito menos que, se tivesse conhecimento prévio de seu teor, poderia livrar-se de pelo menos uma das acusações.

– Da última vez, perguntei o que significavam os pequenos círculos que vemos em todos os meses.

– Respondi que era como eu anotava a data das minhas menstruações.

Falava disso sem falso pudor. Poucas semanas atrás, haviam feito a Tony perguntas igualmente íntimas.

– Aos olhos de todos, em Saint-Justin – dissera-lhe o juiz Diem –, Nicolas passava por estéril, quando não impotente; o fato é que, em oito anos de casamento, sua mulher não engravidara. O dr. Riquet, a propósito, confirmou essa provável esterilidade. Estava ciente disso?

– Tinha ouvido falar.

– Pois bem! Lembre-se agora do relato bastante circunstanciado que me fez de seu encontro de 2 de agosto, no quarto que chamava de quarto azul, no Hôtel des Voyageurs. Dele deduzimos que, nos encontros amorosos com sua amante, o senhor não tomava nenhuma precaução para evitar uma gravidez.

Como ele não respondeu, o magistrado prosseguiu:

– Agia da mesma forma em suas outras aventuras extraconjugais?

– Não sei.

– Lembra-se de uma certa Jeanne, garota de fazenda de um de seus clientes? O inspetor Mani a interrogou, prometendo-lhe que seu nome não figuraria no inquérito nem seria pronunciado na audiência pública. O senhor teve relações sexuais com ela em três ocasiões. Na primeira, durante o ato, como ela lhe parecia assustada, o senhor murmurou ao seu ouvido:

“– Não tenha medo. Eu tiro na hora.

“Deduzo que tinha esse costume. No caso de o senhor negar, intimarei outras pessoas com quem manteve relações.”

– Não nego.

– Nesse caso, me explique por quê, com Andrée Despierre, e somente com ela, o senhor não tomava nenhuma das precauções elementares.

– Foi ela que...

– Ela levantou essa questão?

Não. Porém, da primeira vez, ela o prendera contra si no momento em que ele tentava se desvencilhar do enlace. Surpreso, ele quase perguntou:

– Não tem medo?

Na beira da estrada, perto do Bois de Sarelle, chegara a pensar que, ao voltar para casa, ela faria o necessário. Mais tarde, no Hôtel des Voyageurs, constatou que sua atitude era a mesma.

Se não captara imediatamente a relação entre essa pergunta do magistrado e a acusação de que era objeto, logo viria a compreender.

– Não seria assim que ambos teriam agido se estivessem decididos, não importa o que acontecesse, a unir suas vidas? Não recear uma gravidez de Andrée, sr. Falcone, não significa que essa gravidez não mudaria em nada o rumo dos fatos, que no máximo teria acelerado seu curso?

Ele saíra aterrado daquele interrogatório, perguntando-se se algum dia o juiz já tivera uma amante na vida.

Nesse dia, Diem não parecia disposto a voltar à pergunta.

– Vejo aqui, na data de 10 de setembro, uma cruz seguida pelo algarismo 1. Pode nos dizer o que significa isso?

Sempre sentada à vontade, ela observava o juiz, depois Tony, a quem incentivava com seu sorriso.

– É a data da minha primeira carta.

– Seja mais precisa, por favor. Para quem escreveu nesse dia?

– Para Tony, naturalmente.

– Por que razão?

– Depois que o meu marido pegou aquele trem para Triant, em 2 de agosto, eu sabia que ele alimentava suspeitas e não ousei retornar ao estabelecimento de Vincent.

– Então deixou de expor o sinal combinado?

– Exatamente. Tony tinha ficado muito impressionado ao avistar Nicolas na Place de la Gare. Eu não queria que ele continuasse a sofrer imaginando que a situação era dramática.

– O que entende por isso?

– Ele poderia achar que tinha havido cenas violentas entre Nicolas e mim, que meu marido contara para a mãe e eu era

castigada, sei lá! Ora, eu havia conseguido fornecer uma razão plausível para minha presença no hotel.

– Lembra-se do que havia escrito?

– Perfeitamente. *Está tudo bem. Acrescentei: Não tenha medo.*

Diem se voltava para ele.

– Continua a negar, sr. Falcone?

Ao seu lado, Andrée o fitava, surpresa.

– Por que negaria? Afinal, recebeu as cartas!

Ele não compreendia mais, chegava a se perguntar se ela não tinha consciência, se era possível que não farejasse a armadilha em que a faziam cair.

– Vamos em frente. Talvez mude de ideia daqui a pouco. Segunda cruz, 25 de setembro, dessa vez. O que dizia essa segunda carta?

Ela não precisava vasculhar na memória. Sabia-as de cor, como sabia de cor as réplicas trocadas no quarto azul na tarde de 2 de agosto.

– Era só uma saudação: *Eu não esqueço. Te amo.*

– Observe que, segundo sua própria reconstituição, a senhora não escreveu “Eu não te esqueço”.

– Não. Eu não esqueço.

– O que a senhora não esquecia?

– Tudo. Nosso amor. Nossas promessas.

– Dez de outubro, ou seja, vinte dias antes da morte de seu marido. Num interrogatório anterior, a senhora forneceu o texto dessa terceira carta: *Até breve! Te amo.* O que entendia por *breve*?

Sempre calma, ela respondia, após sossegar Tony com o olhar:

– Que dentro de pouco tempo poderíamos retomar nossos encontros.

– Por quê?

– Trabalhei tão bem que Nicolas não alimentava mais suspeitas.

– Não seria porque a senhora sabia que ele não viveria por mais muito tempo?

– Já respondi isso duas vezes. Tratava-se de um epilético, que tanto podia se arrastar anos a fio como morrer de repente, o dr. Riquet repetiu isso para a mãe dele e para mim dias antes.

– Em que circunstância?

– Durante uma crise. Elas estavam se tornando mais frequentes; além disso, ele tolerava cada vez menos a ingestão de alimentos sólidos.

Tony escutava, embasbacado. Havia momentos em que suspeitava que todos, incluindo Andrée e seu advogado, que a aprovava com a cabeça, eram coniventes, tendo combinado previamente aquela farsa.

Perguntas lhe vinham aos lábios, que o juiz deveria ter feito e que Diem, ao contrário, tomava grande cuidado para evitar.

– Chegamos então a 29 de dezembro. O Ano-Novo se aproxima. Cruzinha na agenda.

Sem esperar, ela revelou o texto de sua mensagem.

— *Feliz ano-nosso.*

Acrescentou com uma pontinha de orgulho:

– Quebrei a cabeça. Não ficou lá essas coisas, mas eu fazia questão de enfatizar que aquele ano seria nosso.

– O que entende por isso?

– Esqueceu que Nicolas estava morto?

Era a primeira a tocar no assunto, com naturalidade, sem nada perder de sua irritante serenidade.

– Quer dizer que a senhora estava livre?

– Evidente.

– Ou seja, que mais nenhum obstáculo impedia que o ano que se iniciava fosse efetivamente o de vocês, seu e de Tony?

Ela aprovava, mais tranquila e satisfeita que nunca. De novo o juiz Diem, em vez de acuá-la em sua trincheira, evitava insistir, pegando outra agenda, igual à primeira.

Só agora Tony se dava conta de que não fora o único a passar, nos dois últimos meses, horas e horas naquele gabinete. Decerto soubera, por intermédio de seu advogado, da prisão de Andrée, dez ou doze dias após a sua própria. Logo, fatalmente a haviam interrogado. Na cabeça dele, contudo, isso continuava abstrato. Não lhe ocorrera que as respostas dela pudessem ter o mesmo peso, ou mais, que as suas.

– Resta uma carta, sra. Despierre, a mais curta porém a mais significativa. Contém apenas duas palavras.

Andrée desferiu numa espécie de afronta:

– *Sua vez!*

– Quer nos explicar, o mais exatamente possível, o que entendia por isso?

– Não acha as palavras bastante claras? Eu estava livre, o senhor mesmo disse. Cumprido o luto...

– Um instante! Foi por causa do luto que não retomou os encontros após a morte de seu marido?

– Em parte. Em parte também porque eu estava em litígio com a minha sogra e, se o processo chegasse aos tribunais, nossa ligação poderia me prejudicar.

– Então não voltou a colocar a toalha na janela depois de Todos os Santos?

– Uma vez.

– Seu amante compareceu ao encontro?

– Não.

– A senhora subiu até o quarto?

Despudorada, pormenorizou:

– Fiquei nua, como sempre, certa de que ele viria.

– Tinha algo a lhe falar?

– Se tivesse algo a lhe falar, não teria me despedido.
– Não tinham nenhum assunto para discutir?
– Discutir o quê?
– Entre outras coisas, como ele faria para ficar igualmente livre.

– Isso já estava resolvido havia muito tempo.
– Desde o 2 de agosto?
– Não era a primeira vez.
– Estava acertado que ele se divorciaria?
– Não tenho certeza se a palavra foi pronunciada. Foi assim que entendi.

– Está ouvindo, Falcone?

Ela se voltava para ele, vincava os olhos.

– Você não lhe contou?

Depois, para o juiz:

– Não vejo o que isso tem de extraordinário. Pessoas se divorciam todos os dias. Nós nos amamos. Eu já o amava desde garotinha, e, se me resignei a casar com Nicolas, foi porque Tony deixara o país e eu estava convencida de que nunca mais voltaria.

“Quando nos reencontramos, ambos compreendemos que tínhamos sido feitos um para o outro.”

Ele queria protestar, gritar bem alto, levantando-se:

– Não! Não! E não! Vamos acabar com isso! É tudo mentira! É tudo armação!

Permanecia sentado na cadeira, por demais estupefato que estivesse para intervir. Ela pelo menos pensava naquilo que dizia? Falava singelamente, sem páthos, como se as coisas fossem evidentes, como se não existisse nenhum drama, nenhum mistério.

– Então, quando a senhora escreveu *Sua vez!*, tinha na cabeça...

– Que o esperava. Que cabia a ele fazer o necessário...

– Pedir o divórcio?

Era de propósito que ela insinuava uma leve hesitação, antes de deixar escapar:

– Sim.

Agora era para Tony que o juiz dirigia um olhar cúmplice, antes de avançar no interrogatório de Andrée. Parecia lhe dizer:

– Preste atenção. Isso vai lhe interessar.

E, com uma voz igual, sem sinal de ironia ou sarcasmo:

– Não pensava no sofrimento de Gisèle Falcone?

– Ela não iria chorar muito tempo.

– Como sabe? Ela não amava o marido?

– Não como eu. Essas mulheres não são capazes de um verdadeiro amor.

– E a filha?

– Justamente! Ela se consolaria com a filha e, na medida em que lhes pagassem uma pequena pensão, teriam levado uma vidinha bem razoável.

– Está ouvindo, Falcone?

O juiz bem que se arrependeu de levar as coisas tão longe, pois Tony exibia um semblante aterrador, quase inumano, tamanha sua dor e ódio. Levantava-se lentamente da cadeira, feições hirtas, olhos vítreos, um sonâmbulo.

Seus braços, na ponta dos quais os punhos se comprimiam, pareceram encompridar-se. O gordo advogado, que por curiosidade se voltara em sua direção, deu um pulo para interpor-se entre ele e sua cliente.

Quanto a Diem, dirigiu um sinal imperativo ao escrivão, que corra para a porta.

A cena pareceu bem longa, embora na verdade não tivesse durado senão alguns segundos. Os guardas entraram e um deles passou rudemente as algemas em Tony. Esperou por

ordens. O juiz hesitava, olhando ora para seu prisioneiro ora para André, que não se perturbava, parecendo simplesmente perplexa.

– Não entendo, Tony, você...

Porém, a um gesto do magistrado, foi a ela que levaram. Seu advogado agarrara-lhe o braço e a empurrara com firmeza para a porta. Ela tornou a se voltar, para disparar:

– Você sabe muito bem o que você mesmo disse...

Ninguém ouviu a continuação, pois a porta se fechara atrás dela.

– Desculpe, Falcone. Fui obrigado a isso. Dentro de poucos instantes, assim que o caminho estiver livre, o senhor será reconduzido à prisão.

Naquela mesma noite, Diem comentava com a mulher, no fim do jantar.

– Proceidi hoje à mais cruel acareação da minha carreira e desejo nunca mais voltar a presidir outra tão penosa.

Quanto a Tony, em sua cela, não pregou o olho a noite toda.

6

Passou dois dias numa espécie de aparvalhamento, do qual só saía às vezes por um breve sobressalto de revolta, que o fazia deambular na cela como se fosse atirar a cabeça contra as paredes.

Era fim de semana e todo mundo deixara a cidade.

Ao contrário do que esperava, adaptara-se desde logo à vida na cadeia, obedecendo sem protestar aos regulamentos e às injunções dos carcereiros.

Foi só no terceiro dia que se sentiu abandonado. Ninguém ia visitá-lo. Falavam em levá-lo ao tribunal. Ele espreitava com impaciência o ruído dos passos no corredor, pondo-se de pé sempre que alguém parava em sua janelinha.

Só mais tarde se deu conta de que a rua estava silenciosa, praticamente sem tráfego; por volta das quatro horas, um dos carcereiros confirmou para ele que era feriado.

Na terça-feira, às dez horas, colocaram em sua cela o dr. Demarié, ligeiramente queimado de sol. Este espalhou sem pressa os papéis que extraíra da pasta, instalou-se, ofereceu um cigarro e acendeu um.

– Esses três dias pareciam que não iam acabar, não achou?

Ele pigarreou, pois Tony não se dera ao trabalho de responder, esperando numa atitude pouco estimulante.

– Recebi cópia dos autos do seu último interrogatório e da acareação com Andrée Despierre.

Acreditava na inocência de seu cliente? Ainda em vias de formar uma opinião?

– Eu mentiria se afirmasse que isso nos favorece. Essa história das cartas é desastrosa, e o fato de o senhor ter negado sua existência causará uma impressão ruim no júri. Os textos citados pela sra. Despierre são exatos?

– Sim.

– Eu gostaria que respondesse com franqueza a uma pergunta. Quando o senhor teimava em negar essa correspondência, remando contra as evidências, seria para não afligir sua amante ou por considerar tais mensagens perigosas para o senhor?

Para que tentar de novo? Os homens gostam de pensar que, em todas as circunstâncias, agimos por uma razão precisa. A primeira vez em que haviam falado naquelas cartas, ele não refletira, não lhe ocorrendo que iriam interrogar o funcionário dos correios.

Só semanas mais tarde ele se deu conta da atividade espantosa do inspetor Mani e seus colaboradores, do número de pessoas que eles iam visitar em suas casas, dia após dia, até que aceitassem falar.

Haveria um único habitante de Saint-Justin, ou fazendeiro das cercanias, ou frequentador das feiras, principalmente da feira de Triant, que não tivesse algo a declarar?

Os repórteres também haviam se inteirado e era possível ler nos jornais colunas inteiras de detalhes sigilosos.

– Tive um breve encontro com Diem, e ele me deu a entender que a acareação foi particularmente difícil para o senhor. Parece que perdeu o sangue-frio no fim. Andrée, ao contrário, ostentou o tempo todo uma serena autoconfiança. Presumo que seja a atitude que ela adotará nos tribunais.

Demarié fazia força para arrancá-lo da apatia.

– Tentei obter a opinião do juiz, embora sua importância esteja longe de ser decisiva uma vez terminada a instrução. Ele não esconde certa simpatia pelo senhor. No entanto, eu juraria que, depois de quase dois meses observando-o, ainda não tem opinião formada.

Por que aquela lenga-lenga, aquelas palavras sem interesse?

– A propósito! Também encontrei Bigot, por acaso, sexta-feira à noite, na casa de amigos que tinham programado um bridge, e ele me chamou a um canto. Me falou de uma descoberta bastante curiosa, que infelizmente vem tarde demais.

“Com efeito, o senhor admitiu que, com Andrée, não tomava as precauções que costumava tomar com outras mulheres e que ela, por sua vez, também não as tomava, que os senhores não se preocupavam com isso, o que levará os jurados a concluir que o senhor não temia lhe fazer um filho.”

Tony escutava, intrigado.

– Andrée, como o senhor sabe, marcava em sua agenda as datas de suas regras. Bigot teve curiosidade de confrontá-las com as de seus encontros em Triant durante os onze meses de suas relações. Diem não tinha pensado nisso. Eu tampouco, confesso.

“Sabe a que correspondem estas últimas datas? Invariavelmente, sem exceção, aos períodos em que sua amante não estava fértil.

“Em outras palavras, Andrée Despierre não arriscava nada, detalhe que teria alegado em seu favor sem as suas declarações anteriores. Irei usá-las mesmo assim, mas o argumento terá menos força.”

Tony recaía na indiferença e o advogado não insistiu por muito mais tempo.

– Acho que o levarão ao tribunal hoje à tarde.

– Ela também?

– Não. Sozinho dessa vez. Continua não querendo a minha presença?

Para quê? Demarié era igual aos outros. Não compreendia mais que eles. Suas intervenções só poderiam complicar as coisas; Tony, em todo caso, ficara satisfeito de saber que o juizinho nutria simpatia por ele.

Voltou a estar com ele às três horas, em seu gabinete. Caía uma chuva fina e um guarda-chuva escorria num canto, o do escrivão provavelmente, pois o magistrado vinha ao tribunal em seu 4 CV preto.

Diem não estava queimado de sol. Confessou, aliás, com simplicidade:

– Aproveitei o fim de semana prolongado para revisar o inquérito de ponta a ponta. Como se sente hoje, Falcone? Este interrogatório é capaz de render, prepare-se, pois chegamos à quarta-feira, 17 de fevereiro. Poderia me descrever o seu dia?

Esperava por isso. Todas as vezes que o levavam ao tribunal, estranhava que não tocassem no tema.

Dezessete de fevereiro significava o fim, o fim de tudo, um fim que ele não previra nem em seus piores pesadelos e que, não obstante, a posteriori, lhe parecia lógico e fatal.

– Prefere que o ajude, fazendo perguntas precisas?

Ele fez que sim com a cabeça. Por si só, não saberia por onde começar.

– Sua mulher se levantou na hora de costume?

– Um pouco mais cedo. Tinha chovido a manhã toda na terça-feira, de maneira que a roupa não secara antes do meio da tarde. Ela pretendia tirar o dia para passar.

– E o senhor?

– Desci às seis e meia.

– Tomaram o café da manhã sozinhos? Comentaram seus encontros do dia? Tente ser preciso.

Diem espalhou à sua frente os autos dos outros interrogatórios, os primeiros, que lhe haviam sido infligidos sucessivamente pelo tenente da guarda de Triant, Gaston Joris, com quem mais de uma vez ele tomara o aperitivo no estabelecimento do irmão, depois pelo inspetor Mani, que era corso.

– Na véspera, portanto na noite de terça, eu lhe havia comunicado que teria um dia puxado, que não voltaria para almoçar, e talvez me atrasasse para o jantar.

– Deu detalhes de seus compromissos?

– Falei apenas da feira em Ambasse, onde alguns clientes me aguardavam, e de um concerto que tinha para fazer em Bolin-sur-Sièvre.

– Isso não fica fora do seu setor?

– Bolin fica a apenas trinta e cinco quilômetros de Saint-Justin e eu começava a estender meu raio de ação.

– Já sabia, naquele momento, que suas explicações eram falsas?

– Não eram completamente falsas.

– Subiu para acordar sua filha às sete horas? Costumava fazer isso?

– Quase todas as manhãs. Acordava-a antes de lavar o rosto.

– O senhor escolheu o seu melhor terno, um azul, que reservava para os domingos.

– Por causa do meu encontro em Poitiers. Eu fazia questão de parecer próspero para o Garcia.

– Voltaremos a ele mais tarde. Quando o senhor desceu, sua filha, na cozinha, se preparava para ir à escola. Antes de se dirigir a Ambasse e Bolin-sur-Sièvre, o senhor passou pela agência de correios e depois pela estação, onde o aguardava uma encomenda.

– Uma válvula, que eu havia encomendado para o meu cliente de Bolin.

Por duas ou três vezes, mecanicamente, olhara de relance a cadeira vazia que se encontrava em frente à mesa, e Diem terminou por compreender que era a mesma ocupada por Andrée na semana anterior.

Aquela cadeira, não obstante banal, que parecia não ter saído do lugar desde a sexta-feira, parecia irritar Tony, e o juiz, atravessando a sala, foi encostá-la na parede.

– Ofereceu carona à sua filha?

– Sim.

– Isso não era incomum? Não tinha um motivo qualquer, aquela manhã, para se mostrar especialmente bonzinho para ela?

– Não.

– Não perguntou à sua mulher se havia alguma compra a ser feita no vilarejo?

– Não. Declarei isso ao inspetor. Eu já estava na porta quando Gisèle lembrou.

“– Poderia passar na mercearia e pegar um quilo de açúcar e dois pacotes de alvejante? Assim eu não teria que trocar de roupa.

“Foram exatamente estas as palavras dela.”

– Isso era comum?

Teria de entrar novamente nos detalhes domésticos? Fizera isso com Mani. Quase diariamente, como em todos os lares, havia compras a ser feitas em diferentes lojas, no açougueiro ou na loja de frios, por exemplo. Gisèle evitava lhe pedir que fosse a esses estabelecimentos, onde quase sempre era preciso esperar.

– Isso não é tarefa de homens – ela dizia.

Naquela quarta-feira, ela pretendia começar a passar roupa o mais cedo possível. Como haviam comido pernil na véspera e sobrara, não precisavam de carne. Logo, havia apenas uma compra a ser feita.

– Então o senhor saiu com sua filha.

Ainda via, no retrovisor, Gisèle, na soleira da porta, secando as mãos no avental.

– O senhor deixou Marianne em frente à escola e se encaminhou para a agência do correio. E depois?

– Entrei na mercearia.

– Há quanto tempo não colocava os pés lá?

– Dois meses, talvez.

– Não estive lá depois da última carta, a das duas palavras: “Sua vez!”?

– Não.

– Estava nervoso, sr. Falcone?

– Nervoso, não. Teria preferido não estar frente a frente com Andrée, sobretudo à vista de várias pessoas.

– Temia se trair?

– Eu não me sentia à vontade.

– Quem estava na loja quando o senhor entrou?

– Lembro-me de uma criança, à qual não prestei atenção, de uma das irmãs Molard e de uma velha que todo mundo chama de Louchote.

– A sra. Despierre estava lá?

– Não a vi.

– Teve de esperar sua vez?

– Não. Andrée me chamou imediatamente:

“– O que você quer, Tony?”

– Ela o fez passar na frente dos outros? Ninguém reclamou?

– É o hábito. Em quase todos os lugares, os homens têm prioridade.

“– Um quilo de açúcar e dois pacotes de alvejante.

“Ela pegou as mercadorias nas prateleiras e depois me disse:

“– Só mais um instante. Recebi a geleia de ameixa que sua mulher me pediu já faz quinze dias.

“Desapareceu no fundo da loja e voltou com um pote de geleia da mesma marca que eu via sempre em casa...”

– Ela demorou a voltar à loja?

– Não muito.

– Um minuto? Dois minutos?

– O tempo me pareceu normal.

– Para pegar o pote de geleia e trazê-lo até a loja? Ou para procurá-lo entre outras mercadorias empilhadas?

– Um meio-termo. Não sei.

– Andrée Despierre estava nervosa?

– Evitei olhar para ela.

– Mesmo assim a vi. Ouviu sua voz.

– Acho que estava feliz por me ver.

– Ela não disse mais nada?

– Quando eu ia abrir a porta, ela não se conteve:

“– Bom dia, Tony!”

– O tom lhe pareceu natural?

– Na hora não prestei atenção. Era um dia como outro qualquer.

– E em retrospectiva?

– Talvez a voz dela estivesse mais carinhosa.

– Andrée costumava mostrar-se carinhosa com o senhor?

Não era obrigado a dizer a verdade?

– Sim. Difícil explicar. Um carinho especial, como eu dispensava a Marianne em determinados dias, por exemplo.

– Maternal?

– Tampouco é a palavra certa. Protetor seria mais correto.

– Primeira coincidência, então: sua mulher o encarrega, bastante excepcionalmente, de ir à mercearia para ela. Segunda coincidência: uma certa geleia, que ela é a única a comer, estava em falta havia vários dias na loja. Acabava de chegar uma remessa e lhe entregaram um pote. Terceira coincidência, que não escapou ao inspetor Mani: nesse dia, o senhor não volta direto para casa, passando antes na estação.

– Eu tinha encomendado a válvula pelo expresso e...

– Não é só isso. A estação de Saint-Justin, como a maioria dos prédios públicos, comporta quatro lados, um que dá para a estação, o outro, oposto, pelo qual entram e saem os passageiros, um terceiro, à esquerda, onde fica a porta do chefe da estação. O quarto lado, no norte, não tem porta nem janela. É uma parede lisa, cega, e foi em frente a essa parede que o senhor parou sua caminhonete.

– Se visitou o local, deve saber que é o lugar mais lógico.

– O chefe da estação, mergulhado em seus borderôs, disse-lhe para o senhor mesmo ir retirar sua encomenda no entreposto.

– Todos os moradores fazem isso.

– Quanto tempo permaneceu na estação ou nas proximidades dela?

– Não vi a hora. Alguns minutos.

– O chefe da estação afirma que só ouviu seu carro arrancar depois de um tempo bem longo.

– Quis me certificar de que tinham mandado a válvula certa; enganos são muito comuns.

– Abriu a embalagem?

– Sim.

– Dentro da caminhonete?

– Sim.

– Onde ninguém podia vê-lo? Acrescentemos essa coincidência às demais. Ao chegar em casa, o senhor colocou as

compras sobre a mesa da cozinha. Sua mulher, no quintal, tirava a roupa do varal e juntava numa cesta. O senhor foi até ela? Beijou-a antes de sair?

– Não era do nosso feitio. Não se tratava de uma viagem. Da porta, gritei para ela:

“– Até a noite!”

– Não lhe avisou que a geleia tinha chegado?

– Para quê? Ela a encontraria na mesa.

– Não se demorou um pouco na cozinha?

– No último instante, vi o bule de café no canto do fogo e me servi uma xícara.

– Se não me engano, já é a quinta coincidência.

Por que Diem as apontava com tanta satisfação? Tony não podia alterar os fatos. Queriam que ele protestasse, se indignasse? Essa fase ficara para trás, agora se limitava a responder com voz indiferente. Estava tão abatido e apático como naquela jornada de 17 de fevereiro, com seu céu uniformemente cinza, sua luz baça, o campo, que parecia vazio, as poças deixadas por um temporal recente.

– Por que passou por Triant?

– Porque era meu caminho.

– Não tinha outro motivo?

– Queria falar com meu irmão.

– Para se aconselhar com ele? Mesmo sendo o mais velho, costumava aconselhar-se com ele?

– Conversávamos muito sobre os meus negócios. Além disso, ele era o único a par dos meus aborrecimentos com Andrée.

– Admite que tinha aborrecimentos?

– Suas cartas me incomodavam.

– A palavra não é fraca, depois do que o senhor confessou a Mani?

– Digamos que me davam medo.

– E havia tomado uma decisão? Foi sobre ela que conversou com Vincent? Acontece, sr. Falcone, que, enquanto o senhor conversava com ele, sua cunhada estava fora, fazendo compras, e Françoise limpava os quartos, no primeiro andar.

– Como todas as manhãs. Vincent, quando entrei no café, também não se encontrava. Ouvi barulho de garrafas na adega e vi o alçapão aberto atrás do balcão. Meu irmão estava tirando o vinho do dia e esperei que ele subisse.

– Sem avisar que estava lá?

– Não queria interrompê-lo. Afinal, estava com tempo. Sentei perto da janela e pensei no que diria a Garcia.

– O senhor tinha ido pedir conselho ao seu irmão, mas sua decisão estava tomada?

– Mais ou menos.

– Explique-se.

– Eu previa que Garcia hesitaria, pois é um homem prudente, que se assusta com facilidade. Para mim, era como jogar cara ou coroa.

– Jogar seu futuro e o de sua família no cara ou coroa?

– Sim. Se Garcia se deixasse convencer, eu vendia. Se não quisesse se lançar na aventura, eu ficava.

– E o papel do seu irmão?

– Eu fazia questão de que ele soubesse.

– E sem a presença de nenhuma testemunha, nem sequer sua cunhada, de maneira que, à exceção de Vincent e do senhor, ninguém tem conhecimento do teor dessa conversa. Vocês dois eram muito unidos, certo?

Tony lembrava-se da época em que levava o irmão à escola por trilhas enlameadas ou congeladas. Usavam capas pesadas. No inverno, saíam e voltavam no escuro. Muitas vezes Vincent, cansado, arrastava os sapatos de solas pregadas na lama e pedia para ser puxado. No recreio, Tony o protegia de longe e, de

volta a La Boisselle, esperando o pai, era ele quem lhe preparava torradas.

Tais coisas, porém, de grande singeleza, são indescritíveis e é preciso vivê-las para saber. O que não era o caso do juiz Diem.

Vincent era certamente o ser humano com quem ele se sentia mais estreitamente ligado, e o irmão, por sua vez, lhe era grato por ele não se comportar como primogênito. Falar italiano entre eles era um vínculo a mais, pois isso lhes recordava a época em que, ainda crianças, só usavam essa língua com a mãe.

– Se ficar, meu medo é não ter mais sossego.

– Ela não lhe dirigiu a palavra, hoje de manhã?

– Não estávamos sozinhos na loja. Espero por uma nova carta dentro de dois ou três dias, e sabe Deus o que ela dirá dessa vez!

– Que desculpa dará a Gisèle?

– Ainda não pensei. Se eu alegar que não há possibilidade de expansão na região, ela acreditará.

Tinham bebido um vermute, cada qual de um lado do balcão, depois um fornecedor de limonada entrara e Tony se dirigira à porta deixada aberta.

– Seja o que Deus quiser! – lançara Vincent.

Diem custava a acreditar que a entrevista se passara de modo tão simples, talvez porque os dois irmãos, desde a infância, estivessem habituados à desgraça.

– Ele não tentou dissuadi-lo?

– Ao contrário. Parecia aliviado. Desde o início não vira com bons olhos minhas relações com Andrée.

– Continue me descrevendo seu dia.

– Praticamente não parei na feira de Ambasse, que não passava de uma pequena feira de inverno e, após distribuir

alguns prospectos, fui para Bolin-sur-Sièvre, onde me dirigi à casa de meu cliente.

– Um instante. Sua mulher sabia o nome dele?

– Não me lembro de havê-lo mencionado.

– Quando viajava a negócios, não a avisava aonde ia para um eventual contato?

– Não necessariamente. No caso das feiras, era fácil, pois eu me instalava sempre nos mesmos cafés. Quando visitava as fazendas, Gisèle tinha uma ideia aproximada do meu itinerário e podia me telefonar.

– Não lhe falou de Poitiers?

– Não.

– Por quê?

– Porque ainda não havia nada de definitivo e eu não queria preocupá-la antes da hora.

– Não lhe passou pela cabeça simplesmente lhe confessar a verdade e revelar os tormentos que seu caso com Andrée Despierre vinha lhe causando? Visto que, segundo o senhor, estavam rompidos, esta não teria sido a melhor solução? Não pensou nisso?

Não. Sua resposta talvez parecesse ridícula, mas era verdade.

– Meu cliente de Bolin, um fazendeiro gordo chamado Dambois, me convidou para almoçar e, às duas horas, eu já tinha terminado o trabalho. Segui então para Poitiers, sem me apressar.

– Como marcou encontro com seu amigo Garcia?

– Eu havia lhe escrito no sábado anterior avisando-o que o pegaria na saída da oficina. Garcia era meu contramestre quando eu trabalhava no depósito central. É uns dez anos mais velho que eu e tem três filhos, um deles no liceu.

– Continue.

– Eu tinha tempo de sobra. Poderia ter entrado na oficina de montagem, mas seria obrigado a entabular conversa com meus ex-colegas e não tinha coragem. Os galpões ficam a dois quilômetros da cidade, na estrada de Angoulême. Estiquei até Poitiers e entrei num cinema.

– A que horas saiu do cinema?

– Quatro e meia.

– A que horas da manhã tinha se despedido de seu irmão?

– Pouco antes das dez.

– Em outras palavras, excepcionalmente, entre dez da manhã e quatro e meia da tarde, ninguém, nem mesmo sua mulher, sabia onde achá-lo?

– Não pensei nisso.

– Vamos supor que sua filha tivesse sofrido um acidente grave... Em frente! O senhor foi esperar Garcia na saída da oficina.

– Sim. Ele estava intrigado com a minha carta. Quase entramos no café defronte, mas lá teríamos encontrado colegas. Como Garcia estava de motocicleta, ele me seguiu até a Brasserie du Globe, na cidade.

– Ninguém, tampouco, sabia que o senhor estava na Brasserie du Globe? Nem mesmo seu irmão?

– Não. Garcia me deu notícias de sua família, fiz o mesmo a respeito da minha, em seguida propus o negócio.

– Explicou por que tinha a intenção de deixar Saint-Justin?

– Só falei que era uma história de mulher. Eu não ignorava que ele tinha um dinheiro separado e que, mais de uma vez, falara em se estabelecer por conta própria. Eu lhe oferecia um negócio montado, a casa, o hangar, as ferramentas, sem falar numa clientela já significativa.

– Ele ficou tentado?

– Não deu resposta definitiva. Pediu uma semana para refletir a fim de, antes de qualquer decisão, conversar com a mulher e o filho mais velho. O que mais o aborrecia era deixar Poitiers, sobretudo por causa do menino, que se destacava no liceu e tinha seus amigos lá. Objetei dizendo que havia um bom colégio em Triant.

“– Ele terá que fazer quinze quilômetros de manhã e de noite, a menos que entre como interno!”

– Quanto tempo durou essa conversa?

– Um pouco antes das sete, Garcia me convidou para ir à sua casa. Respondi que minha mulher estava à minha espera.

– Quais eram seus planos, caso Garcia desse uma resposta positiva na outra semana?

– Eu teria requerido à empresa um cargo de representante comercial, no Norte ou no Leste, na Alsácia, por exemplo, o mais longe possível de Saint-Justin. Seria contratado, pois sou bem avaliado. Um dia, quem sabe, voltaria a trabalhar por conta própria.

– Teria deixado seu pai sozinho em La Boisselle?

– Vincent não morava longe.

– Quer fazer um intervalo, sr. Falcone?

– Posso abrir a janela?

Precisava respirar. Desde o início daquele interrogatório, aparentemente banal, sentia falta de ar. Havia algo de irreal e ameaçador naquelas réplicas que, embora evocassem fatos precisos, na realidade se referiam todas elas a um drama sempre escamoteado.

– Cigarro?

Pegou um e postou-se de frente para a rua, as janelas do outro lado, os telhados molhados. Se pelo menos aquela fosse a última vez! Entretanto, se Diem não voltasse ao assunto num

outro dia, nem por isso aquilo deixaria de ressurgir perante o júri.

Sentara-se novamente, resignado.

– Estamos quase no fim, Falcone.

Ele aprovava com a cabeça, dirigindo um sorriso triste ao juiz, em quem julgava entrever certa compaixão.

– Voltou direto para Saint-Justin? Não parou em lugar nenhum?

– Estava com pressa, de repente, de voltar para casa, encontrar minha mulher e minha filha. Devo ter vindo com o pé na tábua. Normalmente levo uma hora e meia e fiz o trajeto em menos de uma hora.

– Tinha bebido com Garcia?

– Ele tomou dois aperitivos, eu, só um vermute.

– Como com seu irmão.

– Sim.

– O senhor passou de novo na casa dele. Não saiu do carro para lhe contar o resultado de sua investida?

– Não. Aliás, àquela hora há sempre gente no café e Vincent certamente estava ocupado.

– Havia anoitecido. O senhor viu de longe as luzes de Saint-Justin. Nada lhe chamou a atenção?

– Fiquei admirado de ver todas as janelas da minha casa iluminadas, o que nunca acontecia, e tive a intuição de uma tragédia.

– Em quem pensou?

– Na minha filha.

– Na sua mulher, não?

– Na minha cabeça, Marianne era naturalmente a mais frágil e vulnerável.

– Em vez de levar o carro para o hangar, o senhor o estacionou a vinte metros da casa.

– Metade do vilarejo estava reunida em frente à nossa cancela, o que só vinha confirmar que tinha acontecido uma tragédia.

– O senhor foi obrigado a atravessar a multidão.

– As pessoas se afastaram para eu passar, porém, em vez de me olharem com pena, me olhavam com raiva e eu não compreendia. O gordo Didier, o ferrador de cavalos, em seu avental de couro, chegou a plantar-se à minha frente com as mãos nos quadris e cuspir nos meus sapatos.

“Enquanto eu atravessava o gramado, ouvia às minhas costas um vozerio ameaçador. A porta se abriu sem que eu tivesse necessidade de encostar a mão e foi um guarda, que eu conhecia de vista por tê-lo encontrado várias vezes no mercado de Triant, que me recebeu.

“– Por aqui! – ele me intimou, apontando a porta do meu escritório.

“Lá, encontrei o sargento Langre instalado no meu lugar. Em vez de me chamar de Tony, como sempre, grunhiu:

“– Sente-se, crápula!

“Então eu gritei:

“– Onde está minha mulher? Onde está minha filha?

“– Sua mulher, sabe tão bem como eu onde está!”

Ele não replicou. As palavras não passavam mais pela garganta. Não parecia nervoso. Estava calmo, até. Diem, por sua vez, evitava pressioná-lo e o escrivão fixava a ponta de sua lapiseira.

– Não me lembro direito, sr. juiz. As coisas se confundem. Num dado momento Langre me disse que Marianne fora levada pelas irmãs Molard e não me preocupei mais com ela.

“– Confesse que sabia e não esperava encontrá-las vivas! Estrangeiro filho da puta! Carniceiro!

“Ele se pusera de pé e compreendi que só esperava uma oportunidade para me agredir. Eu repetia:

“– Onde está minha mulher?

“– No hospital de Triant, se não desconfia.

“E após consultar seu relógio:

“– Só que não deve estar mais viva a uma altura dessas. Daqui a pouco saberemos. Onde passou o dia? Escondido, não é? Eu preferia não estar vivendo isso! Ficamos na dúvida se teria coragem para voltar, se não teria fugido.

“– Gisèle sofreu um acidente?

“– Acidente, acidente...! Você simplesmente a matou. Tomando a precaução de não estar presente quando a coisa acontecesse.”

O tenente da guarda chegara de carro.

– O que ele disse? – perguntara ao sargento.

– Está se fazendo de inocente, como eu esperava. Esses italianos mentem como o quê. Ele quer nos fazer acreditar que não fazia ideia do que aconteceu aqui.

O tenente se mostrava tão antipático quanto o sargento, mas procurava manter a calma e a frieza.

– De onde está vindo?

– De Poitiers.

– O que fez durante o dia? Nós o procuramos em toda parte.

– A que horas?

– A partir das quatro e meia.

– O que aconteceu às quatro e meia?

– O dr. Riquet nos telefonou.

Tony estava cada vez mais desorientado.

– Fale, tenente, o que aconteceu precisamente? Minha mulher sofreu um acidente?

O tenente Joris então o fitara nos olhos.

– Acha que está no teatro?

– Juro que não, pela cabeça da minha filha. Por misericórdia, diga como está a minha mulher. Está viva?

Ele também consultava seu relógio.

– Ainda vivia quarenta e cinco minutos atrás. Eu estava à sua cabeceira.

– Está morta!

Não conseguia acreditar. Ouviam-se barulhos insólitos na casa, passos pesados no primeiro andar.

– O que fazem todos esses homens na minha casa?

– Buscas, embora ainda não tenhamos encontrado o que procuramos.

– Quero ver minha mulher.

– O senhor fará o que ordenarmos. A partir de agora, está sob custódia da polícia, Antoine Falcone.

– Do que me acusam?

– Sou eu quem faz as perguntas.

Desmoronado na cadeira, ele apoiava a cabeça nas mãos. Ainda sem saber o que de fato acontecera, fora obrigado a descrever suas atividades ao longo do dia desde que acordara.

– Confessa ter sido o senhor que trouxe esse pote de geleia?

– Sim. Naturalmente.

– Sua mulher tinha pedido?

– Não. Ela tinha pedido açúcar e alvejante. Foi Andrée Despierre que me entregou a geleia, que, parece, Gisèle já encomendara havia quinze dias.

– O senhor foi direto da mercearia para casa?

A parada na estação... A válvula sobressalente...

– É realmente este pote aqui?

Enfiavam-lhe o pote nas fuças. Tinha sido aberto e fartamente consumido.

– Acho que sim. O rótulo é idêntico.

– Entregou-o com as próprias mãos à sua mulher?

– Deixei-o na mesa da cozinha.
– Sem falar nada?
– Não vi necessidade. Minha mulher estava atarefada, passando roupa no quintal.
– Quando entrou pela última vez no hangar?
– Hoje de manhã, pouco antes das oito, para pegar o carro.
– Não pegou mais nada? Estava sozinho?
– Minha filha me esperava em frente à casa.
Tudo aquilo era tão perto e tão longe ao mesmo tempo! O dia inteiro, com suas idas e vindas, se tornava irreal.
– E isto, Falcone, o senhor reconhece?
Ele olhava para a caixa, que lhe era familiar, visto encontrar-se na prateleira mais alta do hangar havia quatro anos.
– Deve ser meu, sim.
– O que contém esta caixa?
– Veneno.
– Que tipo de veneno?
– Arsênico ou estricnina. Foi no primeiro ano que moramos aqui. Antes, no local do hangar, havia um terreno baldio, onde o açougueiro se livrava dos abates. Os ratos conservaram o hábito de assustar a sra. Despierre...
– Um instante. Qual? A velha ou a moça?
– A mãe. Ela me forneceu o mesmo veneno que vende a todos os fazendeiros. Não me lembro mais se é...
– É estricnina. Que quantidade misturou na geleia?
Tony não enlouquecera. Tampouco berrara, mas quebrara um dente de tanto trincar os maxilares.
– A que horas, normalmente, sua mulher come geleia?
Ele conseguia responder, numa espécie de estado de transe:
– Por volta das dez horas.
Desde que foram morar no campo e ela passou a se levantar cedo, Gisèle se habituou a fazer um lanche no meio da manhã.

Antes de Marianne entrar na escola, lanchavam juntas, como agora faziam à tarde, quando a criança chegava.

– Então o senhor sabia!

– Sabia o quê?

– Que ela comeria a geleia às dez horas. Conhece a dose mortal de estriçnina? Dois centigramas. Sem dúvida tampouco ignora que, dez a quinze minutos após a ingestão, o veneno começa a agir e provoca as primeiras convulsões. Onde estava às dez horas?

– Saindo da casa do meu irmão.

– Enquanto sua mulher jazia estendida no ladrilho da cozinha, onde ficaria largada, sem socorro, até o retorno da menina, que sai da escola às quatro horas. Isso significa que ela agonizou durante seis horas antes da chegada da assistência. Bem bolado, não acha?

– Está dizendo que ela está morta?

– Sim, Falcone. E não creio estar lhe dizendo nada de novo. É provável que, após a primeira crise, ela tenha sentido certo alívio. É o que pensa o dr. Riquet. Ignoro por que ela não aproveitou para telefonar. Depois, quando as convulsões recomeçaram, não havia mais chance de salvá-la.

“Ao voltar da escola, pouco depois das quatro horas, sua filha encontrou a mãe estirada no chão, num estado que prefiro não lhe descrever. Saiu de casa correndo e, enlouquecida, foi socar a porta das srtas. Molard. Léonore veio verificar o que era e telefonou para o médico. Onde estava às quatro e quinze?

– Num cinema de Poitiers.

– Riquet diagnosticou um envenenamento e pediu uma ambulância ao hospital. Era tarde demais para proceder a uma lavagem estomacal, só restando lhe administrar calmantes.

“Foi Riquet também quem me telefonou e contou sobre o pote de geleia. Enquanto aguardava a ambulância, ele fuçou na

cozinha. O pão, a faca, uma xícara contendo um resto de café com leite, um prato com vestígios de geleia permaneciam sobre a mesa. Ele provou com a ponta da língua.”

– Quero vê-la! Quero ver minha filha!

– Quanto à sua filha, ainda não, pois o senhor correria o risco de ser linchado pela turba. Léonore não esperou um instante para correr de porta em porta e espalhar a notícia. Revistando o hangar, meus homens descobriram essa caixa de estricnina e fiz contato com o Ministério Público em Poitiers.

“Agora, Falcone, o senhor vai me acompanhar. Para um interrogatório mais formal, estaremos melhor na delegacia. Como é improvável que volte a colocar os pés aqui por muito tempo, aconselho-o a levar uma mala com roupas e objetos pessoais. Subo com o senhor.”

Emendando uma pergunta na outra, Diem obrigava-o a recomeçar o relato, a recordar sua partida de Saint-Justin-du-Loup, com uma mala na mão, no meio da massa de curiosos que os guardas afastavam e que rosnavam à sua passagem; outros olhavam para ele com olhos assustados, como se descobrir a existência de um assassino no vilarejo os fizesse pensar que poderiam ter sido sua vítima.

– A lei determina que o senhor reconheça o corpo.

Teve de esperar, num corredor do hospital, na companhia do tenente e de um guarda. Já lhe haviam passado as algemas. Ainda não se acostumara com elas, que o machucavam a cada movimento brusco.

Diem recordou, observando-o com uma atenção especial:

– Diante do corpo de sua mulher, cuja preparação haviam acabado de concluir, o senhor permaneceu imóvel, mantendo-se a vários passos de distância, sem uma palavra. Não seria uma atitude de culpado, sr. Falcone?

Como explicar ao juiz que, naquele momento, em seu foro íntimo, sentia-se efetivamente culpado? Tentou, de maneira indireta.

– De um jeito ou de outro, ela morreu por culpa minha.

Z

Aquele interrogatório, no gabinete do juiz de instrução Diem, devia ser o último. Ou o magistrado ainda pretenderia pressionar Tony sobre alguns pontos, impor-lhe uma nova acareação com Andréé?

Dois dias mais tarde, o professor Bigot já encontrara na cela um homem indiferente ao que lhe diziam, indiferente a tudo, parecendo levar uma vida meramente vegetativa.

Sua pressão arterial caíra bastante e o psiquiatra o encaminhara para observação na enfermaria, onde, a despeito de uma medicação forte, seu estado não melhorava.

Dormia, comia, respondia o melhor possível quando se dirigiam a ele, porém com uma voz neutra e impessoal.

A visita do irmão não o arrancara da prostração. Tony olhava para ele com espanto, parecendo pasmo ao ver Vincent, tal como o conhecia, tal como era em seu café de Triant, adentrando o universo paralelo da enfermaria.

– Não se entregue, Tony. Lembre-se de que tem uma filha e de que estamos todos ao seu lado.

Para quê?

– Marianne está se adaptando muito bem à vida do estabelecimento. No início, a matriculamos na escola.

Ele interrogara sem paixão:

– Contaram para ela?

– Impossível impedir os colegas de falar. Uma noite, ela me perguntou:

“– É verdade que papai matou mamãe?

“Tranquilei-a. Afirmei que não.

“– Mesmo assim ele é um assassino?

“– Claro que não, já que não matou ninguém.

“– Então por que o retrato dele está no jornal?”

– Como vê, Tony, no fundo ela não compreende, não sofre.

Estavam em maio ou início de junho? Não contava mais os dias nem as semanas e, quando o dr. Demarié veio lhe notificar que fora indiciado, assim como Andrée, pelo assassinato de Nicolas e Gisèle, não reagira.

– Eles preferiram associar os dois casos, o que tornará a defesa ainda mais difícil.

Seu estado continuava satisfatório. Fora conduzido de volta à sua cela e levava, sem revolta, ao contrário, com uma docilidade surpreendente, a vida monótona dos detentos.

De um dia para outro, as visitas cessaram, o vazio se instalou, os próprios carcereiros escassearam. As férias judiciárias haviam coincidido com as férias gerais e centenas de milhares de pessoas sulcavam as estradas, precipitando-se para as praias, a montanha, os recantos perdidos no campo.

Os jornais se concentraram no embate que, segundo eles, dominaria o julgamento: a querela dos peritos.

Quando, na esteira de uma carta anônima e de uma investigação em Triant, que confirmara as relações entre Tony e Andrée, haviam exumado o corpo de Nicolas, as primeiras análises foram entregues a um perito de Poitiers, o dr. Gendre.

Este, em seu relatório, concluía por uma ingestão cavalgar de estricnina e, doze dias após o encarceramento de Tony, um mandado de prisão fora expedido contra Andrée Despierre.

O advogado que ela escolhera, o dr. Capade, recorrera a um perito parisiense de reputação mundial, o professor Schwartz, e

este, após criticar severamente o trabalho do colega, chegara a conclusões menos categóricas.

Em três meses, o corpo de Nicolas havia sido exumado duas vezes e cogitavam fazê-lo de novo, uma vez que, consultado, o laboratório de polícia científica de Lyon solicitara outros exames.

Discutiam-se igualmente as cápsulas de brometo que o comerciante de Saint-Justin tomava sempre que pressentia a chegada de uma crise. O farmacêutico de Triant, que os fornecia, ouvira dizer, e confirmava, que as metades dessas cápsulas não eram coladas uma na outra, sendo fácil abri-las como uma caixa e introduzir ali o produto que se desejasse.

Em que isso dizia respeito a Tony? Nem mesmo se perguntava mais se seria ou não condenado, tampouco, nesse último caso, qual seria sua pena.

A multidão que se espremia no tribunal do júri, no dia 14 de outubro, e os inúmeros advogados presentes pareciam perplexos com sua atitude e alguns jornais falaram em insensibilidade e cinismo.

Andrée e ele estavam sentados no mesmo banco, separados por um guarda, e Andrée lhe dissera, debruçando-se um pouco para a frente:

– Bom dia, Tony!

Ele não desviara a cabeça nem estremeceu ao ouvir a voz dela.

Um plano abaixo, em outro banco, os advogados de defesa e seus assistentes se agitavam. Além do dr. Capade, Andrée contratara um dos luminares da Corte parisiense, o dr. Follier, que a multidão devorava com os olhos como se fosse um astro das telas.

O juiz presidente tinha belos cabelos grisalhos e sedosos; um de seus assistentes, muito jovem, não parecia à vontade,

enquanto outro não parava de rabiscar alguma coisa num papel.

Sem associá-las a si próprio, tal qual paisagens que desfilam pelos vidros de um trem, Tony ia gravando as imagens. Os jurados o fascinavam e ele os fitava um a um por longos períodos, de maneira que na segunda sessão os menores detalhes de suas fisionomias já lhe eram familiares.

Em pé, numa atitude respeitosa, ele passou pelo interrogatório preliminar, respondendo mecanicamente as perguntas, no mesmo tom que empregava em suas aulas de catecismo. Não recitava, ali também, respostas decoradas e repisadas?

A primeira testemunha a ser chamada foi uma velha conhecida como Louchote, e todos descobriram que havia sido a primeira, um dia em que saía da estação de Triant, a ver Andrée entrar pela portinhola do Hôtel des Voyageurs.

Duas horas mais tarde, o acaso quis que ela passasse pela Rue Gambetta no instante em que a mulher saía do hotel e que, entrando no café porque estava adiantada para o trem da volta, se visse diante de Tony.

Daí se haviam originado todos os rumores que só mais tarde chegariam aos ouvidos de Falcone. Fora o inspetor Mani quem seguira pacientemente o fio da meada e terminara na Louchote.

O desfile continuava, homens e mulheres que ele conhecia, muitos a quem se dirigia pelo prenome, alguns a quem tratava por você pois haviam estudado juntos na escola. Estavam vestidos como se fossem à missa de domingo e suas respostas, ou o cômico involuntário de suas atitudes, eram ridicularizadas pela plateia.

Lá estava o venerável Angelo, imóvel, impassível, na segunda fileira, de onde não arredaria durante todo o julgamento.

Vincent se juntaria a ele após seu depoimento, mas, até lá, devia permanecer na sala das testemunhas, onde Françoise também se encontrava, bem como a velha Despierre.

– O senhor é irmão do réu e, nessa condição, não pode prestar juramento.

Fazia muito calor na sala, onde reinava um cheiro de multidão suada. Uma jovem e bonita advogada, assistente do dr. Capade, passava pastilhas de hortelã para o seu chefe. Chegou a voltar-se para oferecer uma a Andrée e, após hesitar, a Tony.

De tudo isso, igualmente, ele só registrava imagens díspares, narizes, olhos, sorrisos, bocas entreabertas sobre dentes amarelados, o vermelho inesperado de um chapéu feminino, frases também, que não se dava ao trabalho de concatenar para descobrir-lhes o sentido.

– Em torno de uma vez por mês, o senhor diz, seu irmão Tony se encontrava com a ré no quarto do seu hotel que consta como número três, mas que os senhores chamavam de quarto azul. Estava em seus hábitos abrigar dessa forma casais clandestinos em seu estabelecimento?

Pobre Vincent, insultado publicamente, quando sempre suplicara ao irmão para dar fim àquela aventura!

Houvera outra frase do juiz presidente, durante o interrogatório de Tony.

– O senhor estava tão loucamente apaixonado por Andrée Despierre que não hesitou em abrigar seus amores culpados sob o teto do seu irmão e de sua cunhada.

Era um hotel, não? Acontecia-lhe sorrir sem querer, como se o caso não lhe dissesse respeito. O juiz buscava fórmulas espetaculosas, irônicas ou cruéis, sabendo que os repórteres estavam à espreita e os jornais as reproduziam.

Então, com inveja, o célebre advogado de Paris sentia necessidade de levantar-se para lançar uma observação grandiloquente.

O dr. Demarié aconselhara Tony a escolher também um segundo advogado de defesa, mas ele se recusara.

Estava convencido de que tudo aquilo era inútil. Repetiriam, para os jurados e o público, a longa história já abordada no gabinete do juiz Diem.

Era mais solene, com mais formalidades e salamaleques e mais atores e figurantes, porém o fundo permanecia idêntico.

Repetiam-se as datas uma a uma, os deslocamentos de cada um e, quando chegou a hora das cartas, teve início a disputa não só entre a acusação e a defesa, como entre os advogados. Cada palavra era dissecada até o osso e o dr. Follier chegou a brandir um volume do Littré para enumerar as diferentes acepções de determinados vocábulos que todo mundo pronuncia no dia a dia.

Andrée, trajando preto, acompanhava os debates com mais paixão que ele e às vezes se debruçava para tomá-lo como testemunha ou simplesmente lhe sorrir.

A batalha dos peritos só aconteceu no terceiro dia.

– Até aqui – disse o juiz presidente –, sempre achei que a lei coibisse com rigor a venda de venenos e só com receita médica fosse possível comprar algum. Ora, o que vemos neste caso?

“Num hangar que fica aberto o dia inteiro, uma velha caixa de chocolate contém mais de cinquenta gramas de estricnina, isto é, o suficiente, a acreditar nos tratados de toxicologia, para matar duas dezenas de pessoas.

“Na mercearia Despierre, no fundo da loja, disputando espaço com diversos gêneros alimentícios, descobrimos dois quilos, isso mesmo, dois quilos do mesmo veneno, bem como um volume também significativo de arsênico.”

– Todos nós lamentamos isso – replicava um dos peritos –, mas infelizmente é a lei. Embora a venda de produtos tóxicos em farmácias seja controlada com rigor, aqueles destinados a exterminar os animais nocivos têm venda livre nas cooperativas agrícolas, drogarias e determinados armazéns rurais.

Estavam todos ali, de manhã e à tarde, no mesmo lugar, magistrados, jurados, advogados, guardas, jornalistas e até os curiosos, que tinham que dar um jeito para guardar os lugares, e a quem as testemunhas, sucessivamente, iam encontrar após seu pequeno périplo até a barra.

De vez em quando, um dos advogados espremidos junto à portinhola se esgueirava do lado de fora para ir defender um cliente num outro recinto e, quando a sessão era suspensa, a sala era tomada por um alarido de recreio escolar.

Tony foi conduzido então para um aposento escuro, cuja única janela ficava a três metros do chão, enquanto Andrée, sem dúvida, aguardava numa dependência similar. Demarié lhe trouxe refrigerantes. Os magistrados deviam estar matando a sede também. Depois, como no teatro ou no cinema, uma campainha chamou todos de volta a seus lugares.

A entrada da velha Despierre, mais cor de gesso do que nunca, causou sensação. Com ela, entretanto, o presidente adotou um tom de voz mais macio, afinal se tratava de uma das vítimas.

– Nunca aprovei esse casamento do meu filho, sabia que ia ser um desastre. Por azar, ele amava essa mulher e não tive coragem de me opor a...

Por que ele se lembrava de uma frase e não de outra?

– Sou obrigado, senhora, a trazer à baila tristes recordações e lembrar a morte de seu filho.

– Se ela não tivesse me expulsado da minha própria casa, eu teria cuidado dele e nada teria acontecido. Convenhamos, sr.

juiz, essa moça nunca o amou. Só queria nosso dinheiro. Ela sabia que ele não chegaria à velhice. Quando arranhou um amante...

– Estava ciente da ligação dela com o réu?

– Como todo mundo em Saint-Justin, à exceção do meu pobre Nicolas.

– No mês de agosto do ano passado, ele parece ter ficado com a pulga atrás da orelha.

– Torci muito para que ele desse um flagrante e a botasse na rua. Em vez disso, ela o engambelou.

– Qual foi sua reação ao ver seu filho morto?

– Desconfiei na mesma hora que ele não tinha sucumbido à crise nenhuma, eu sabia que a mulher estava metida naquilo.

– Naturalmente, não tinha provas.

– Fiquei esperando que eles partissem pra cima da mulher dele.

Apontou Tony com o dedo.

– Isso era inevitável. E o futuro me deu razão.

– Não foi a senhora que, dois dias após a morte da sra. Falcone, enviou uma carta anônima ao promotor?

– Os peritos não reconheceram categoricamente minha letra. Pode ter sido qualquer um.

– Fale-nos do embrulho com o pote de geleia. Quem o recebeu na loja?

– Eu. Na véspera, isto é, terça-feira, 16 de fevereiro.

– Abriu-o?

– Não. Pelo rótulo, sabia o que continha e guardei-o no estoque, no fundo da loja.

Foi um dos raros momentos em que Tony pareceu prestar atenção. Não era o único a atribuir um interesse especial àquela parte do depoimento: seu advogado se levantara e avançara

dois passos, a princípio para ouvir melhor, na realidade, porém, na vã esperança de confundir a testemunha.

Das respostas da sra. Despierre dependia, em grande parte, o destino de Tony.

– A que horas da manhã a senhora foi para a loja?

– No dia 17? Às sete, como sempre.

– Viu o embrulho?

– Continuava no mesmo lugar.

– Com o barbante intacto e a fita de papel adesiva?

– Sim.

– A senhora ficou no balcão até dez para as oito, hora em que sua nora a substitui, e foi em casa comer alguma coisa. Confirma?

– É a verdade.

– Quantas pessoas estavam na loja quando saiu de lá?

– Quatro. Eu acabava de atender Marguerite Chauchois quando vi esse homem atravessar a rua e vir em direção à loja. Eu voltei pelo quintal.

Mentia. E não podia resistir ao desejo de desafiar Tony com o olhar. Se o embrulho estava aberto àquela hora, como decerto estava, com mais forte razão ainda se estivesse aberto desde a véspera, o que era provável, Andrée tivera todo o tempo do mundo para misturar o veneno na geleia de um dos potes.

Se ninguém houvesse tocado no embrulho, ao contrário, ela não teria tido tempo físico para proceder a essa operação durante os breves dois minutos em que ele permanecera na loja.

Não era suficiente para a velha Despierre que Andrée pagasse pela morte de Nicolas. Tony tinha de pagar também.

– Eu gostaria de fazer uma observação... – começou o dr. Demarié, enquanto um burburinho corria a sala.

– Em seu discurso de defesa, o senhor terá todo o tempo do mundo para expor seu ponto de vista aos jurados.

Tony não via Andrée. Os jornais afirmaram que naquele instante ela sorria, um deles chegando a falar em sorriso voraz.

Bem ao fundo, do lado esquerdo da saída, ele vislumbrou pela primeira vez as srtas. Molard, com vestidos e chapéus praticamente iguais, bolsas idênticas no colo, rostos com mais forma de lua que nunca na iluminação leitosa da sala.

Ao longo de seu interrogatório preliminar, que antecederia o de Tony, Andrée declarara com orgulho, ou melhor, lançara à Corte e ao público uma espécie de profissão de fé:

– Não envenenei meu marido, mas teria feito se ele continuasse a demorar para morrer. Amava Tony e ainda amo.

– Como pretendia livrar-se da sra. Falcone?

– Isso não me dizia respeito. Escrevi isso a Tony. Disse a ele: *Sua vez!*, e esperei, confiante.

– Esperou o quê?

– Que ele ficasse livre, como havíamos decidido que ele faria tão logo eu mesma ficasse.

– Não queria que ele a matasse?

Então, cabeça altiva, ela pronunciara com sua bela voz rouca:

– Nós nos amamos!

O tumulto que se seguiu foi de tal ordem que o juiz presidente ameaçou evacuar o recinto.

Tudo estava escrito, desde o primeiro dia. E o primeiro dia não fora o da morte de Nicolas nem o dia do martírio de Gisèle.

O primeiro dia fora o 2 de agosto do ano anterior, no quarto azul crepitante de sol, onde Tony se erguia, nu e satisfeito consigo mesmo, diante do espelho, que lhe devolvia a imagem de uma Andrée como que esquartejada.

– *Machuquei você?*

– *Não.*

— *Ficou zangado?*

— *Não.*

— *Sua mulher vai fazer perguntas?*

— *Acho que não.*

— *Ela costuma fazer?*

Gisèle ainda vivia, e, pouco tempo depois desse diálogo, ele a reencontraria com Marianne em sua casa nova.

— *Como suas costas são bonitas... Você me ama, Tony?*

— *Acho que sim.*

— *Não tem certeza?*

Amara-a? Um guarda o separava dela e ela se debruçava de tempos em tempos para fitá-lo com a mesma expressão que tinha no quarto de Triant.

— *Passaria a vida inteira comigo?*

— *Claro...*

As palavras não faziam mais sentido. Ora, era disso que eles se ocupavam com uma solenidade ridícula, de coisas que não existiam, de um homem que não existia mais.

O promotor falara durante uma tarde inteira e, suando em bicas, terminara por pedir a pena capital para os dois réus.

O dia seguinte foi inteiramente reservado às contestações, e eram oito da noite quando os jurados se retiraram para deliberar.

— Temos uma chance — declarava o dr. Demarié, deambulando pela saleta onde Tony era o mais calmo dos dois.

O advogado acreditava em sua inocência? Estava na dúvida? Isso não tinha importância. Ele não desgrudava os olhos do relógio. Às nove e meia, a campainha que anunciava a retomada dos trabalhos ainda não soara nos corredores.

— Bom sinal. Em geral, quando as deliberações se estendem, isso significa...

Esperaram mais meia hora, e então voltaram a seus lugares. Uma lâmpada do teto estava queimada.

– Lembro ao público que não será tolerada manifestação de nenhuma espécie.

O presidente do tribunal do júri se levantara, com uma folha de papel na mão.

– ... no que se refere a Andrée Despierre, em solteira Formier, a resposta do júri à primeira pergunta é: sim. À segunda pergunta: sim. À terceira: não.

Era reconhecida culpada pelo assassinato do marido, com premeditação, mas inocentada da morte de Gisèle.

– ... quanto a Antoine Falcone, a resposta do júri...

Inocentavam-no da morte de Nicolas, mas imputavam-lhe a da mulher e, em seu caso também, a premeditação era considerada.

Enquanto o juiz conferenciava em voz baixa com seus assistentes, debruçando-se ora para um, ora para outro, fez-se um silêncio fremente de impaciência.

Finalmente, o juiz pronunciou o veredicto. Para os dois réus, pena de morte, comutada, por recomendação do júri, em trabalhos forçados perpétuos.

No tumulto que se seguiu, enquanto todo mundo se levantava ao mesmo tempo e pessoas se interpelavam de uma ponta a outra do tribunal, Andrée se punha de pé, ela também, e voltava-se lentamente para Tony.

Dessa vez, ele foi incapaz de desviar a cabeça, de tal forma o rosto dela o fascinava. Nunca, nem nos momentos em que suas carnes estavam mais unidas, a vira tão bela e radiante. Nunca sua boca carnuda lhe sorria daquele jeito, exprimindo o triunfo do amor. Nunca, num único olhar, ela o absorvera tão completamente.

– Está vendo, Tony – exclamou –, não conseguiram nos separar!

Noland (Vaud), 25 de junho de 1963

GEORGES SIMENON nasceu em 12 de fevereiro de 1903 em Liège, na Bélgica. Começou a publicar histórias em 1923, sob vários pseudônimos. Escreveu 75 romances e 28 contos protagonizados pelo comissário Maigret. O total de sua produção ultrapassa quatrocentos livros. Simenon morreu em 1989, em Lausanne, na Suíça, onde passou a maior parte da vida.

Copyright © 1964 by Georges Simenon Limited
GEORGES SIMENON ® SIMENON.TM
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
La Chambre bleue

Projeto gráfico
Alceu Chiesorin Nunes e Bruno Romão

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa
Willy Ronis/ Getty Images

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Adriana Bairrada
Renata Lopes Del Nero

ISBN 978-85-438-0254-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Créditos

O quarto azul

1

2

3

4

5

6

7

Sobre o autor